LEGADO ESTÉTICO DO TROPICAL ~~ISMO~~

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 04

PARTE I

CONTEXTO INTERNACIONAL 10

DITADURA MILITAR BRASILEIRA 38

TROPICALISMO 72

TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENCIS 112

ANTROPOFAGIA CANIBALISMO CULTURAL 128

ARTISTAS TROPICÁLIA 144

- CAETANO VELOSO 146
- GILBERTO GIL 154
- GAL COSTA 166
- TOM ZÉ 178
- ROGÉRIO DUPRAT 184
- RITA LEE 190
- JORGE BEN 198
- NARA LEÃO 204
- SÉRGIO BAPTISTA 212
- ARNALDO BAPTISTA 218
- HÉLIO OITICICA 224
- ROGÉRIO DUARTE 238
- GLAUBER ROCHA 248
- TORQUATO NETO 254
- JOSÉ CAPINAM 262

PARTE II

CATALOGAÇÃO 268

PARTE III

ANÁLISE CROMÁTICA 294

MATRIZES E LAYOUTS 308

TIPOGRAFIA 332

BIBLIOGRAFIA 373

INTRODUÇÃO

Este projeto editorial surge no contexto do projeto-tese final do mestrado em Design de Comunicação na ESAD Matosinhos. O tema explorado neste trabalho consiste na mostra do legado estético do movimento Tropicália, que teve lugar no Brasil a partir do final dos anos 60. Este movimento contracultura manifesta-se em diversas áreas culturais como o cinema, teatro, artes visuais e literatura. No entanto, é através da Música Popular Brasileira (MPB) que o movimento adquire maior dimensão. Tendo tido o seu maior impacto no campo musical, neste trabalho, a estética legada pelo movimento contracultura será, na sua maioria, apresentada através de music graphics. Esta mostra de imagética tropicalista foca-se nas capas dos álbuns que marcaram a mudança no pensamento político-cultural durante a ditadura militar brasileira.

O corpo de texto presente neste livro tem como base as obras 'Verdade Tropical' de Caetano Veloso, de 1997 (com versão reeditada em 2017), e 'Brutality Garden' de Christopher Dunn, de 2001. Os dois autores exploram o movimento tropicalista de perspectivas distintas. Caetano Veloso, um dos líderes do movimento, conta em formato autobiográfico como surge a ideia de Tropicália e como esta alterou o paradigma cultural brasileiro. Christopher Dunn apresenta-nos em formato de tese de doutoramento um estudo detalhado das influências do tropicalismo e como o mesmo atingiu o país sul-americano. Aquelas duas obras entram, por vezes, em contradição na descrição dos acontecimentos, das motivações e de algumas influências do movimento Tropicália.

Numa primeira parte deste projeto editorial apresenta-se um enquadramento dos contextos sócio-político-culturais internacionais, brasileiro com o objetivo de melhor entender como surge este movimento e como afeta o povo brasileiro durante o período de repressão ditatorial. Esta contextualização histórica é feita primeiramente através de entradas de capítulos onde são utilizados excertos dos dois livros anteriormente referidos, diretamente transcritos. Nessas entradas dos capítulos, recorre-se à utilização do idioma inglês (americano) e do português brasileiro, línguas nativas dos autores acima referidos. Após cada capítulo, em que a contextualização histórica, são mostradas diversas imagens utilizando uma organização característica de um storytelling somente através de imagens de arquivo desta época em que surge a temática discutida no projeto.

Na segunda parte deste trabalho, é feita a catalogagem e mostra da imagética deixada pelo tropicalismo, tendo sido utilizado um espaço de tempo de uma década, abrangendo uma seleção dos álbuns mais

INTRODUÇÃO

representativos deste género, no período de 1967 a 1977, de modo a mostrar a sua evolução. A amostra é composta por 127 álbuns, pertencentes a 20 artistas, ao longo de 10 anos. Este trabalho de catalogagem parte da organização daquelas imagens de acordo com diferentes tipologias, de modo a entender melhor como estas imagens se relacionam entre elas.

Na parte final do projeto editorial, são realizadas as experiências de desconstrução visual de imagens pertencentes a music graphics. O objetivo desta última fase é analisar de forma técnico-analítica as imagens que dão corpo ao projeto, de forma a mostrar o legado visual da MPB numa época política, social e culturalmente cheia de contradições. A análise realizada neste projeto mostra as mudanças no grafismo do movimento tropicalista, demonstrado desta forma as cores que melhor representam a corrente gráfica, as diferentes tipografias, matrizes de enquadramento para layout mais características da corrente Tropicália.

PARTE I

CONTEXTO INTERNACIONAL 1960 1969

Excertos de “Brutality Garden” de Christopher Dunn

The year of 1968 has special historic resonance for several nations around the world. Of course, significant events occured on both sides of 1968, but in several national contexts the year serves as a generational watershed. In the United States, 1968 marked a public turning point against the Vietnam War, widespread antiwar student protests, the assassinations of Martin Luther King Jr. and Robert Kennedy, and the emergence of the Black Power movement. In France, radical Maoist students and workers forged a brief and ultimately failed alliance against the postwar Gaullist State. The Soviets invaded Czechoslovakia, putting an end to the democratic and liberationist aspirations of the Prague Spring movement. In Mexico City, student protests against high unemployment and repression of political dissent ended when hundreds of unarmed demonstrators were massacred by army and police detachments. Pg. 02

Gil has claimed that during the tropicalist phase he began to identify with “the whole liberationist attitude of America, the New Left, American university life, new experimental literature and theater, the Black Power experience in the United States, drug experimentation… with the iconoclastic attitude of internationalist youth.” In the United States, this was the year in which opposition to the Vietnam War intensified in response to the Tet Offensive, university students rebelled, Martin Luther King Jr. was assassinated, and James Brown recorded his hit of collective identity, “I’m Black and I’m Proud.” Gil was also attracted to the musical experiments of Jimi Hendrix, whose influence can be heard on “Questão de ordem.” The lyrics critique the concept of “order” as used by the regime and by the orthodox Left: “I’m preparing slogans / for my companions / who wait in the streets / throughout the world / in the name of love.” Clearly influenced by First World countercultural slogans (e.g., “make love, not war”), the song advocates an international politics of anarchy. Pg. 131

CONTEXTO INTERNACIONAL 1960 1969

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

Em 64, executando um gesto exigido pela necessidade de perpetuar essas desigualdades que têm se mostrado o único modo de a economia brasileira funcionar (mal, naturalmente) – e, no plano internacional, pela defesa da liberdade de mercado contra a ameaça do bloco comunista (Guerra Fria) –, os militares tomaram o poder. Pg. 57

Depois da revolução da bossa nova, e em grande parte por causa dela, surgiu esse movimento que tentava equacionar as tensões entre o Brasil-Universo Paralelo e o país periférico ao Império Americano. País esse que se encontrava sob uma ditadura militar tida em parte como fomentada pelas manobras anticomunistas da Agência Central de Inteligência daquele império. Um movimento que queira apresentar-se como uma imagem de superação do conflito entre a consciência de que a versão do projeto do Ocidente oferecida pela cultura popular e de massas dos Estados Unidos era potencialmente liberadora – reconhecendo sintomas de saúde social mesmo nas demonstrações mais ingênuas de atração por essa versão – e o horror da humilhação que representa a capitulação a interesses estreitos de grupos dominantes, em casa ou nas relações internacionais. Era também uma tentativa de encarar a coincidência (mera?), nesse país tropical, da onda da contracultura com a voga dos regimes autoritários. Pg. 59

Para entender a pertinência de observações como as já feitas, é preciso ter em mente a atmosfera em que se davam esses embates de canções no Brasil nos anos 60. O golpe militar, levado a cabo em nome da Guerra ao comunismo internacional, tinha posto um oficial da chamada linha ‘americana’ no poder: o marechal Castelo Branco queria limpar o Brasil do esquerdismo e da corrupção para poder entregá-lo às modernidades do livre Mercado. Pg. 223



Manifestantes marcham por direitos civis, Washington, 1963
Hulton Archive/Getty Images



Guarda Nacional aponta armas a manifestantes, Memphis, 1968
Joshua Rashaad McFadden

Protesto pelo assassinato de Martin Luther King Jr.,1968
Robert Abbott



Cães polícia atacam protestantes, Birmingham, 1963
Charles Moore





Jovem de 17 anos é atacado por um cão polícia durante protestos pacíficos, Birmingham, 1963
Bill Hudson

Convenção do Partido Revolucionário dos Panteras Negras, Philadelphia, 1970
David Fenton



Manifestante é detida pela polícia durante um protesto em Alabama, 1963
Bruce Davidson





Mulheres marcham em apoio do Partido dos Panteras Negras, New Haven, 1969
Getty Images



Polícias detêm ativista durante um protesto contra a empresa Dow Chemical, que produzia o napalm usado pelo exército americano no Vietnam
UW-Archives

Marcha de protesto um ano depois do tiroteio de Kent State, Ohio, 1971
UI Archives





Protestestantes contra a Guerra do Vietnam, Wichita, 1967
U.S. National Archives and Records Administration



Assembleia Geral, Paris, 1968
Philippe Vermès



Guarda Nacional Francesa durante os confrontos com manifestantes em Paris, Maio de 68
Marc Riboud

Tumultos durante o Maio de 68 em Paris
Jacques Marie





Confrontos entre estudantes e polícia durantes os protestos do Maio de 68, Paris, 1968
Bruno Barbey

Tumultos em Paris, 1968
Reg Lancaster

Confrontos policiais, Paris, 1968
Sipa Press/REX





Marcha pelas ruas de Paris durante os protestos do Maio de 68
Bruno Barbey

DITADURA MILITAR BRASILEIRA 1964 1985

Excertos de “Brutality Garden” de Christopher Dunn

The symbolic density of 1968 is particularly evident in Brazil, especially for artists, intellectuals, students, workers, civilian politicians, and activists who opposed a right-wing military regime that had seized power in 1964. Pg. 02

Leftist students engaged in pitched battles with the military police and ultrarightist allies in the universities. Meanwhile, more radicalized groups of the oppostion went underground and initiated armed struggle against the regime. The government responded to civil protest and incipient armed resistance with a decree known as the Fifth Institucional Act (A1-5), which outlawed political opposition, purged and temporarily closed Congress, suspended habeas corpus, established blanket censorship over the press, and effectively ended the protest movement. Pg. 02

The generation reaching adulthood at the time would subsequently be called the “geração A1-5”, an emblematic reference to this draconian decree that initiated a period of intense repression. Pg. 03

Although most tropicalist songs were musically upbeat and jubilant, quite often they conveyed, both subtly and overtly, an atmosphere of violence and official repression in Brazilian cities during the late 1960s. In March 1967, hard-liners within the military assumed control of the government under the leadership of a new president, Artur da Costa e Silva. The tenuous alliance between conservative civilian politicians and the military leadership unraveled, while more radical sectors of the opposition intensified their campaign against the regime. In early 1968, middle-class university and high school students staged a series of protests in Rio de Janeiro over rising fees, poor facilities, and budgetary cuts for education. During one demonstration in March, a young student was shot and killed by the military police, provoking another round of anti-government rallies that were violently suppressed. Around the same time, metalworkers staged strikes in Contagem, a town in Minas Gerais, and in Osasco, an industrial suburb of São Paulo. Pg. 111

In late 1968, broad sectors of civil society, including students, professors, artists, clergy, workers, and liberal professionals participated in a massive demonstration known as the Passeata dos Cem Mil (March of one hundred thousand) in

DITADURA MILITAR BRASILEIRA 1964 1985

Excertos de “Brutality Garden” de Christopher Dunn

downtown Rio de Janeiro. Several key figures of MPB appeared at the event, including Gil, Veloso, Chico Buarque, Edu Lobo, Paulinho da Viola, Milton Nascimento, and Nana Caymmi, along with José Celso, Ítala Nandi, Renato Borghi of the Teatro Oficina, Cinema Novo actor Paulo Autran, and Clarice Lispector. The march took place without incident, but the government reacted immediately by prohibiting further public demonstrations. Pg. 111

In September 1968, students of the conservative Mackenzie University attacked the School of Philosophy of the University of São Paulo, which was noted for its left-wing sympathies. Pg. 111

Police arrested nearly a thousand members of the (União Nacional de Estudantes) UNE, who were meeting clandestinely in Ibiúna, a small town in the interior of São Paulo. Pg. 111

As opportunities for nonviolent opposition in civil society diminished, greater numbers of antiregime militants joined clandestine guerrilla organizations. The earliest acts of armed resistance to military power took place soon after the coup of 1964 but only began to have an impact on 1968. Pg. 111

DITADURA MILITAR BRASILEIRA 1964 1985

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

O governo militar que se instaurara com o golpe de 64 só é sentido como não ditatorial em retrospecto e se comparado à dureza do regime que passou a vigorar a partir de 68. Em 65 procuravam-se meios de gritar “abaixo a ditadura” e, bem antes de começarem a crescer movimentos estudantis que levaram multidões à rua, a produção cultural, sobretudo o teatro, tomava a si a responsabilidade de veicular o protesto. Pg.121

Entre 64 e 68 o movimento cultural brasileiro não apenas intensificou-se: ele tomou uma feição ainda mais marcadamente esquerdista por unir autores, atores, cantores, diretores, peças, filmes e público numa espécie de resistência do espírito contra a ditadura. O Cinema Novo cresceu justamente a partir de Deus e o Diabo na Terra do Sol, concluído em 64. Política nunca foi o meu forte. Mas vi-me em meio a uma perene exigência de caracterização política das criações artísticas e dos atos individuais. Pg. 367

Em 67 e 68, quando o presidente militar era Artur da Costa e Silva - ex-ministro do Exército e competidor de Castelo Branco -, as declarações coletivas de repúdio à ditadura saíram das salas de teatro para as ruas. As demonstrações cresciam e as lideranças estudantis surgiam nas reportagens da grande imprensa. Claro que o maio de 68 na França tinha sido um show jornalístico e o movimento brasileiro se beneficiou disso. Pg. 369

Apenas víamos no golpe a decisão de sustar o processo de superação das horríveis desigualdades sociais brasileiras e, ao mesmo tempo, de manter a dominação norte-americana no hemisfério. Pg. 223

Num ambiente estudantil altamente politizado, a música popular funcionava como arena de decisões importantes para a cultura brasileira e para a própria soberania nacional – e a imprensa cobria de forma condinzente. Os festivais eram o ponto de interseção entre o mundo estudantil e a ampla massa de telespectadores. Pg. 223

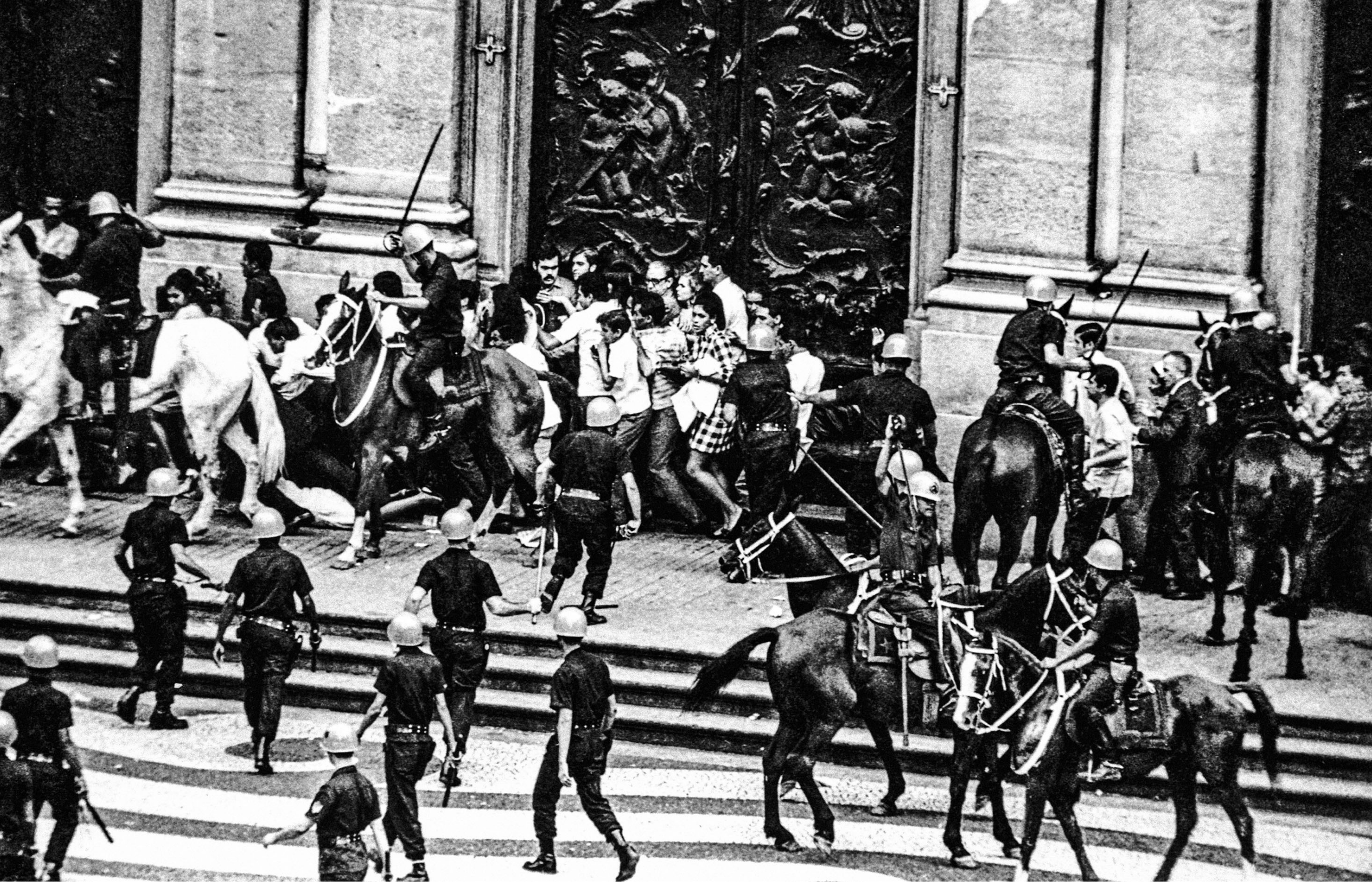
Tudo era exacerbado pela instintiva repulsa à ditadura militar, o que unia uma aparente totalidade da classe artística em torno do objetivo comum de lhe fazer oposição. Pg. 224

Um estudante chamado Edson Luís foi morto por policiais no Rio, numa manifestação no restau-

DITADURA MILITAR BRASILEIRA 1964 1985

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

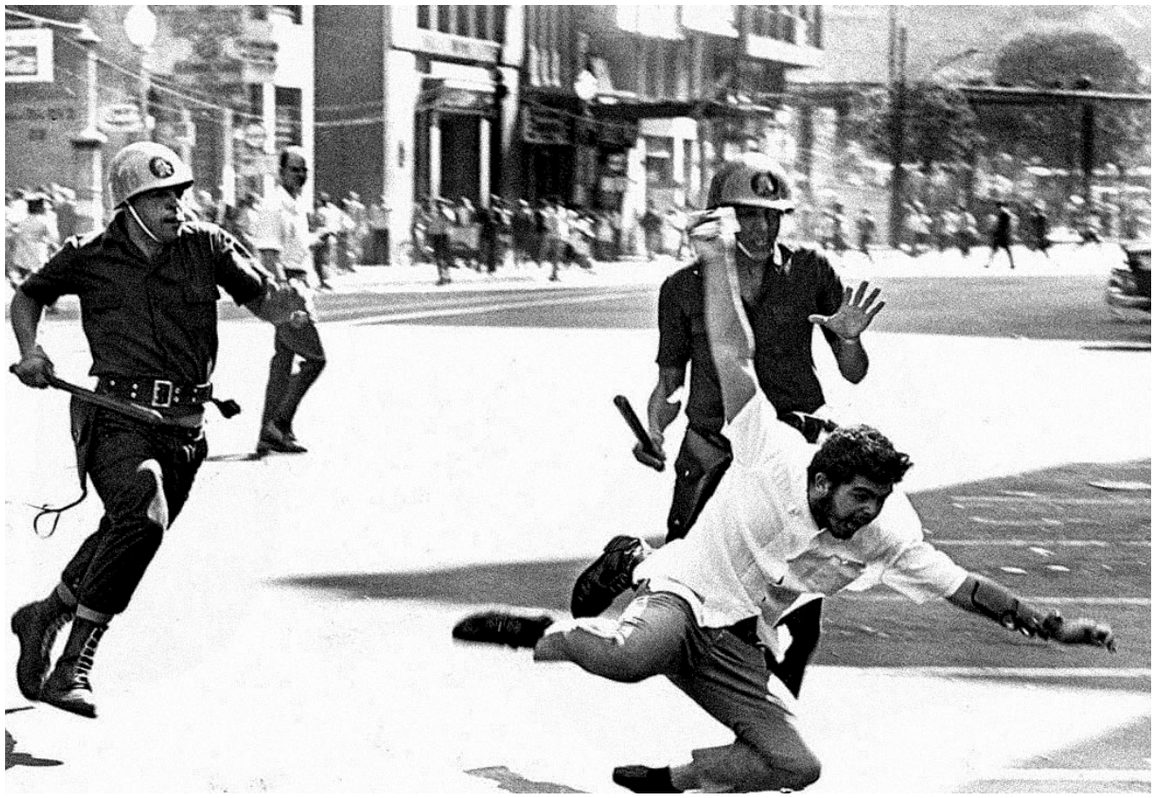
rante universitário, e isso desencadeou uma onda de indignação que levou lideranças estudantis, religiosas, operárias e artísticas a organizar uma passeata de protesto, pondo mais de 100 mil pessoas nas ruas. Gil e eu viajamos de São Paulo para participar. Havia dúvidas sobre se a demonstração seria reprimida e se o seria com violência. Mas a única presença perceptível do aparelho de repressão era um helicóptero do exército, que seguia do alto a passeata. Alguns dos participantes repetiam com orgulho que a repressão tinha se retaído em face do enorme número de manifestantes - e de nomes de primeira linha da cultura brasileira entre eles. Depois dessa passeata, muitas outras menores se seguiram. Em São Paulo sentia-se uma grande indiferença e até hostilidade por parte da população, enquanto no Rio tinha-se a impressão de que a cidade apoiava as paradas. Papel picado caía dos prédios do centro da cidade e o clima era de total simpatia. Mas a Polícia Militar crescentemente reagia a essas manifestações. Pg. 370



Polícia Militar em confrontos com os estudantes durante os protestos contra a morte do estudante Édson Luís, de 18 anos, no Rio de Janeiro, 1968 / Evandro Teixeira

Tanques militares chegam às ruas do Rio de Janeiro, 1964
Humberto Castelo Branco

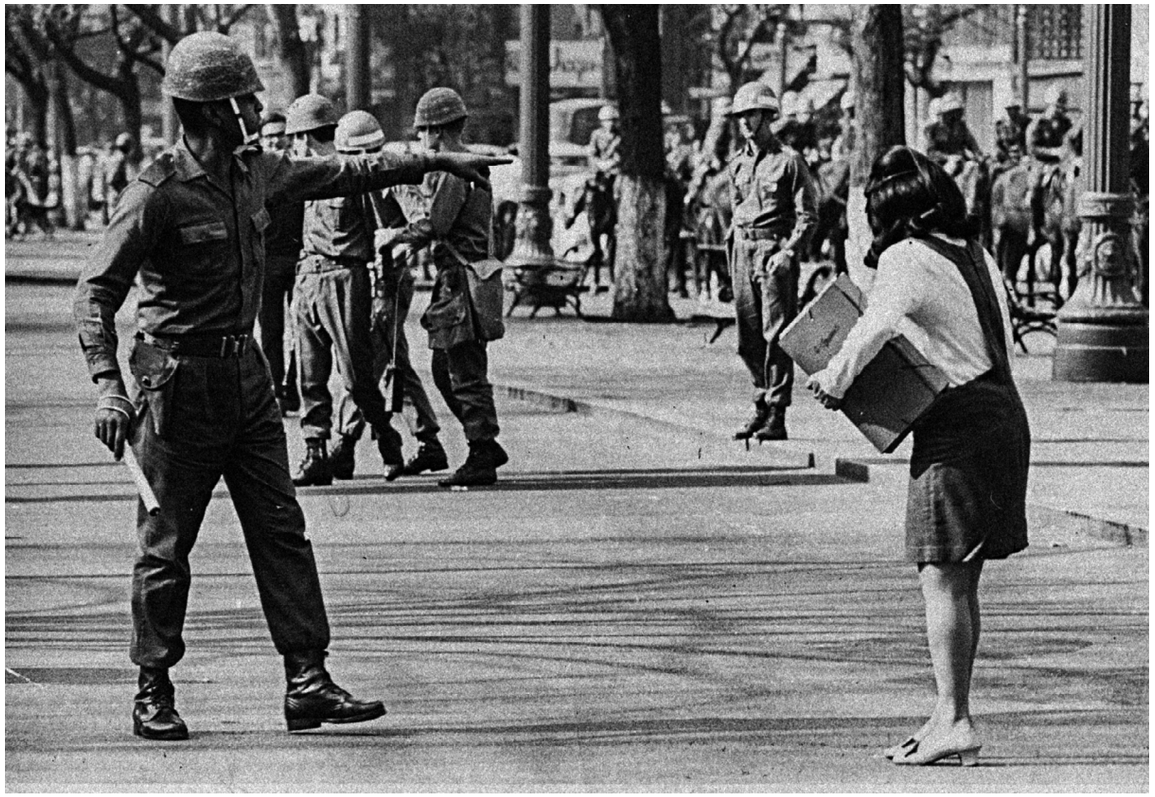




Repressão militar, São Paulo, 1964
Evandro Teixeira



Tanques nas ruas de São Paulo durante o golpe de estado, 1964
Autor não identificado



Repressão militar contra estudantes, São Paulo, 1964
Arquivo Nacional Brasileiro

O povo brasileiro começa a sair à rua em modo de protesto contra a implementação da ditadura militar durante o golpe de estado, Rio de Janeiro, 1964
Universal Images Group





Passeata dos Cem Mil contra a Ditadura Militar no Brasil, Rio de Janeiro, 1968
Evandro Teixeira

Marcha contra a censura militar na Passeata dos 100 mil,
Rio de Janeiro, 1968
Gonçalves





Passeata dos 100 mil, Rio de Janeiro, 26 de Junho de 1968
Arquivo / Agência O Globo

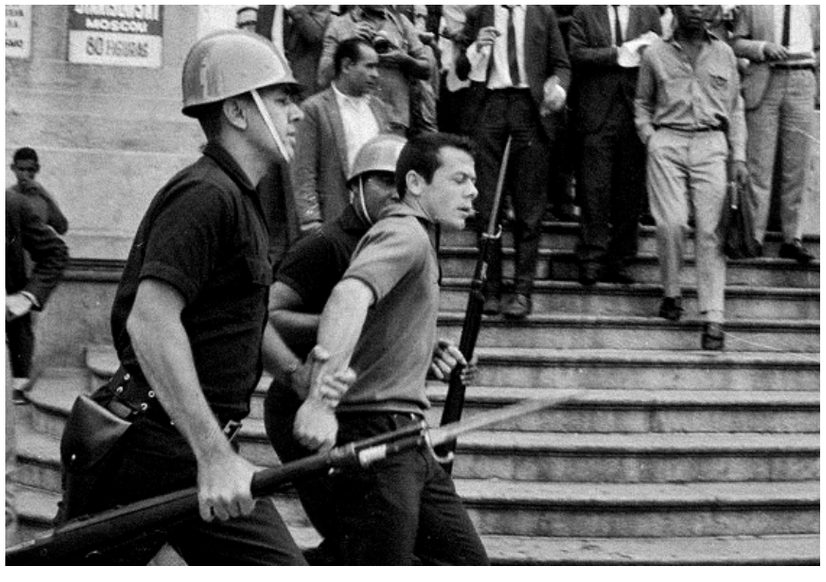


Polícia observa manifestação do Movimento Estudantil contra a censura, São Paulo, 1968
Arquivo / Agência Estado



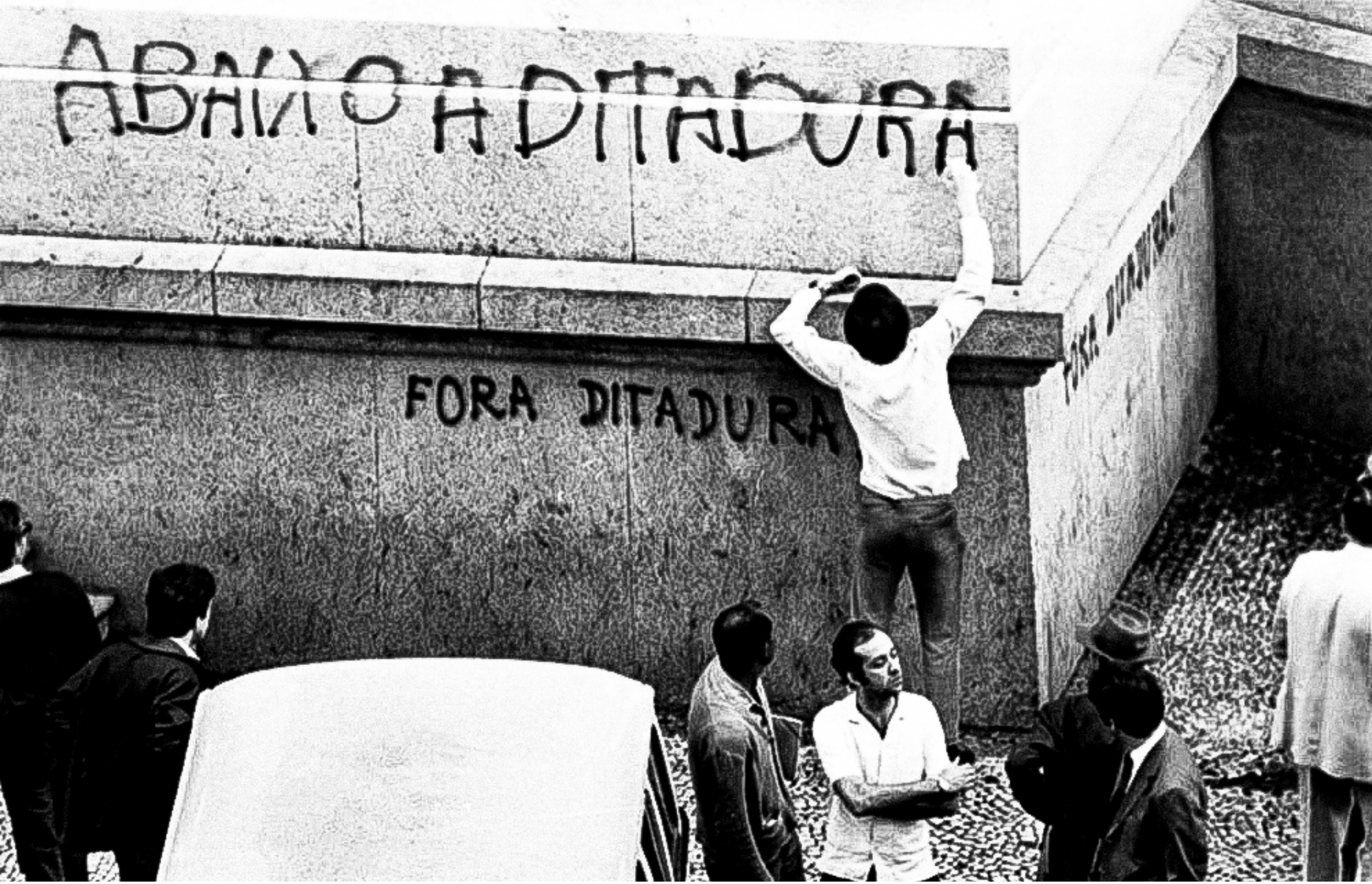
Protesto contra a ditatura militar em São Paulo
Autor não identificado

Escritor militante do Partido Operário Comunista é preso, 1968
Arquivo / Reprodução



Polícia do Exército (PE), 1964
Evandro Teixeira



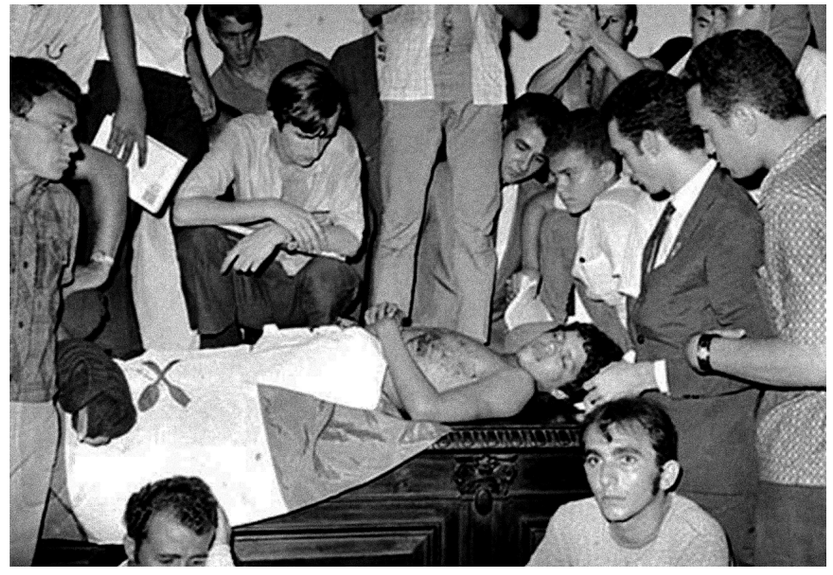


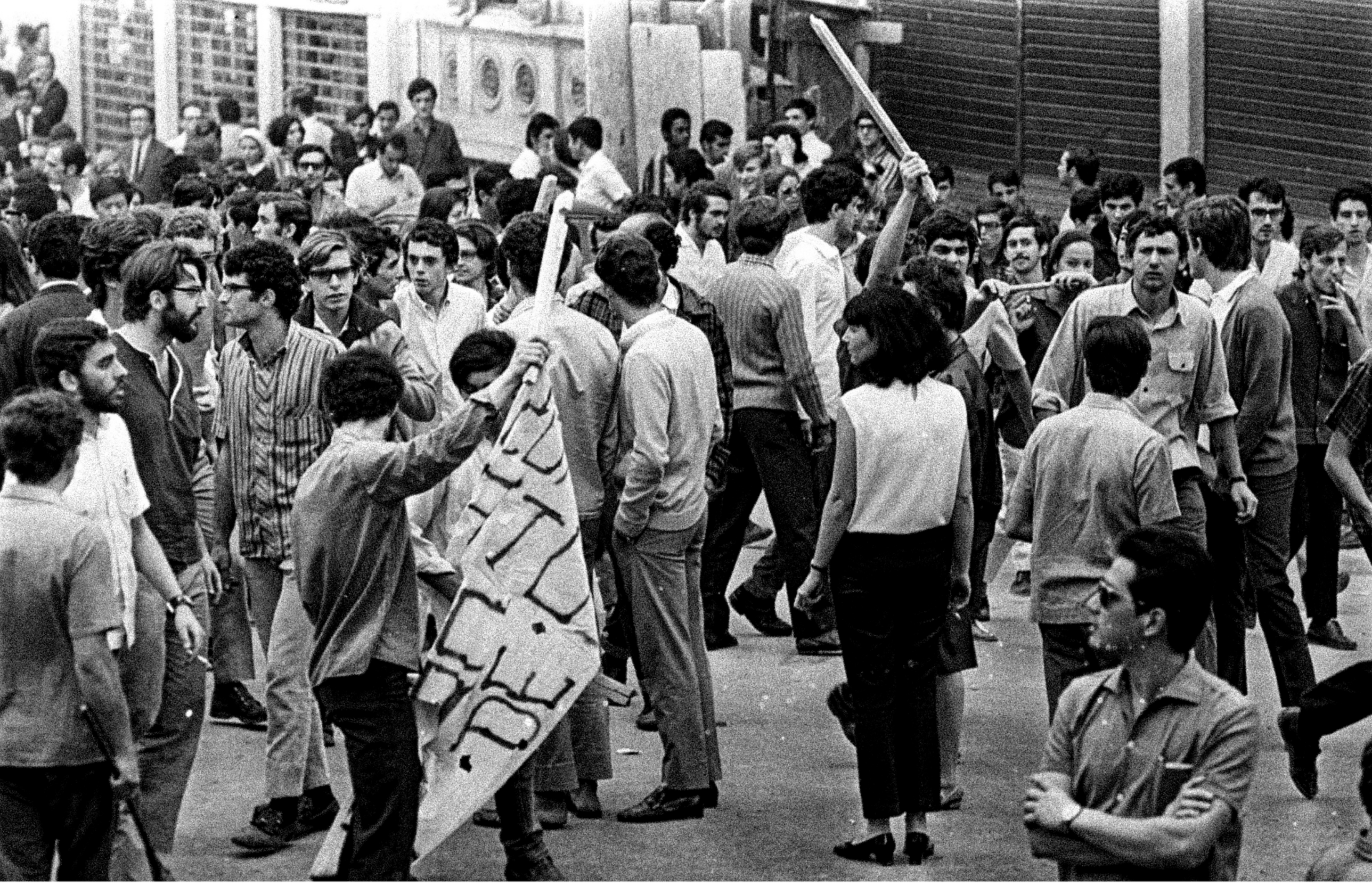
Manifestantes contra a ditadura, Brasília, 1969
Arquivo / Reprodução

Funeral do estudante Edson Luís leva milhares às ruas do Rio
Arquivo Nacional



Funeral do estudante Edson Luís, estudante baleado pela polícia durante um protesto estudantil pacífico, Rio de Janeiro, 1968
Arquivo / Reprodução





Manifestação reúne trabalhadores, estudantes e artistas, Rio de Janeiro, 1968
Acervo UH / Folhapress



Torquato Neto, Gilberto Gil e Nana Caymmi, Passeata dos 100 mil
Evandro Teixeira



Chico Buarque e Arduino Colassanti, Passeata dos 100 mil
Arquivo FolhaPress

Caetano Veloso na Passeata dos 100 mil
Evandro Teixeira





Caetano Veloso, Nana Caymmi, Gilberto Gil e outros artistas contemporâneos na Passeata dos 100 mil a 26 de Junho de 1968 no Rio de Janeiro / David Drew Zingg

TROPICALISMO 1968 1969

Excertos de “Brutality Garden” de Christopher Dunn

Tropicália was a cultural movement articulated primarily in popular music but with significant manifestations in other artistic fields. Inspired by the radical iconoclasm of Oswald de Andrade, Tropicália proposed a rereading of Brazilian culture that critiqued the nationalist and populist assumptions that oriented much of the protest culture being produced at the time. The vehicle of this critique often involved the cultural products originating from, or mediated by, the United States and Europe, which elicited charges of political alienation and inauthenticity. Pg. 121

Although Tropicália coalesced as a formal movement only in the realm of popular music, it was a cultural phenomenon manifest in film, theater, visual arts, and literature. The dialogic impulse behind Tropicália would generate an extraordinary flourish of artistic innovation during a period of political and cultural conflict in Brazil. Pg. 02

The name of the movement referenced Veloso’s composition “Tropicália”, which in turn took its name from an installation by the visual artist Hélio Oiticica. The term was rich in connotations since it played on images of Brazil as “tropical paradise” that date back to the letter written by Pedro Vaz Caminha in 1500 to the king of Portugal relating to the “discovery” of Brazil. Pg. 73

The musical manifestations of Tropicália did not propose a new style or genre. Tropicalist music involved, instead, a pastiche of diverse styles, both new and old, national and international. Pg. 03

The tropicalists, of course, drew freely from British and American rock, Latin American rhythms, and international vanguard music. The lyrical content of most Brazilian popular music of the 1960s, however, focused primarily on local or national contexts. In general, tropicalist songs were no different in this regard, yet there were notable exceptions that situated Brazil within Latin American and/or global contexts. Pg. 117

On a discursive level, the tropicalists proposed a far-reaching critique of Brazilian modernity that challenged dominant constructions of national culture. Instead of exalting the povo (masses) as agents for revolutionary transformation, their songs tended to focus on the quotidian desires

TROPICALISMO 1968 1969

Excertos de “Brutality Garden” de Christopher Dunn

and frustrations of “everyday people” living in the cities. Ultimately, the tropicalists would give impetus to emerging counter cultural attitudes, styles, and discourses concerning race, gender, sexuality, and personal freedom. These issues were being increasingly salient in countercultural movements in the United States and Europe but were manifested in distinct ways in Brazil during the period of military rule. Pg. 03

As hopes for political redemption began to fade, the tropicalists made use of allegorical representations to reflect on some of the contradictions of modernity in Brazil. At the same time, they embraced the urban experience, with its plethora of mass-mediated images and sounds, and sought engagement with a cultural industry increasingly subjected to the interests of the regime. Although tropicalist recordings provoked controversy among artists, critics, and fans, the censors largely ignored them. As the tropicalists gained visibility and notoriety in 1968, however their irreverent performances would prove vexing for the military regime. Pg. 121
The tropicalists critiqued certain forms of cultural nationalism, including the conservative patriotism of the regime and the visceral anti-imperialism of the left-wing opposition. They satirized emblems of brasilidade and rejected prescriptive formulas for producing “authentic” national culture. Pg. 73

Tropicália was both a mournful critique of these defeats as well as an exuberant, if often iconic, celebration of Brazilian culture and its continuous permutations. Pg. 03

The tropicalists purposefully invoked stereotypical images of Brazil as a tropical paradise only to subvert them with pointed references to political violence and social misery. Pg. 03

The tropicalists contributed decisively to the erosion of barriers between música erudita, for a restricted audience of elite patrons, and música popular, for the general public. Tropicália was an exemplary instance of cultural hybridity that dismantled binaries that maintained neat distinctions between high and low, traditional and modern, national and international cultural production. Pg. 03

TROPICALISMO 1968 1969

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

A ideia de que se tratava de um movimento ganhou corpo, e a imprensa, naturalmente, necessitava de um rótulo. O poder de pregnância da palavra tropicália colocou-a nas manchetes e nas conversas. O inevitável ismo se lhe ajuntou quase imediatamente. Pg.238

As imagens passadistas e folclorizantes me desgostavam. Mas sobretudo eu achava que, ao contrário de tropicália, uma palavra nova, tropicalismo me soava conhecida e gasta, já a tinha ouvido significando algo diferente, talvez ligado ao sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (o que mais tarde se comprovou), de todo modo algo que parecia excluir alguns dos elementos que mais nos interessava ressaltar, sobretudo aqueles internacionalizantes, antinacionalistas, de identificação necessária com toda a cultura urbana do Ocidente. Pg.239

Entre 64 e 68 o movimento cultural brasileiro não apenas intensificou-se: ele tomou uma feição ainda mais marcadamente esquerdista por unir autores, atores, cantores, diretores, peças, filmes e público numa espécie de resistência do espírito contra a ditadura. Nós, por exemplo, estreamos no Teatro Vila Velha ainda no segundo semestre de 64. Como já contei, Bethânia foi lançada em nível nacional no musical Opinião, um show de bolso de esquerda populista nacionalista. Pg. 367

A própria atração pela cena pop norte-americana era já para nós a essa altura um sinal de “saúde”. A cena pop norte-americana (e o culto que lhe renderam ingleses criadores do neo-rock dos anos 60) era apenas um dos elementos que, nessa viragem tropicalista, tínhamos deixado de desprezar como “vulgares” para cultuarmos como “saudáveis”. Pg.245

Reconhecíamos a alegria necessária que há em alguém achar-se participando de uma comunidade cultural urbana individualista universalizante e internacional. Pg.343

Sabíamos que queríamos participar da linguagem mundial para nos fortalecermos como povo e afirmarmos nossa originalidade. O mero aggiornamento era pouco para nós. Sobretudo porque víamos (ou imaginávamos) que a oposição “americanos ou provincianos” estava – ou estaria, se agíssemos acertadamente – em vias de se modificar. Pg.343

TROPICALISMO 1968 1969

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

No auge do tropicalismo, nossas relações com os pintores foram fragmentárias e dispersas. Nosso intenso diálogo com Hélio Oiticica teve, a princípio, as características generalistas das conversas de Rogério, pouco ou nada significando uma verdadeira assimilação, por nossa parte, das questões específicas da arte que ele elegera - e, o que é mais significativo, só nos anos 70 é que Hélio veio a fazer uma capa de disco para um de nós (Gal Costa)* Legal (1970). Assim, a sugestão de Nara forçou uma espécie de parceria interdisciplinar curiosa, sem precedente no tropicalismo. A ideia de incluir Nara no disco coletivo me pareceu certa não só porque ela havia feito essa ponte entre nós e a pintura de Gerchman, mas também por significar uma espécie de realização do sonho inicial de Gil de que o movimento fosse de toda a geração de músicos: Nara representava a bossa nova em sua origem e liderara a virada para a música participante - era, portanto, a música brasileira moderna em pessoa. Pg. 324

Ninguém depois de Augusto, até que o tropicalismo estivesse nas ruas, tocou com tanta precisão os pontos-chave dos problemas específicos da música popular de então. Seu artigo dizia, por exemplo, que os “nacionaloides” preconizavam um “retorno ao sambão quadrado e ao hino discursivo folclórico-sinfônico”; que eles queriam “voltar àquela falsa concepção ‘verde-amarela’ que Oswald de Andrade estigmatizou em literatura como triste xenofobia que acabou numa macumba para turistas”. Pg.259

Um dos meus escrúpulos mais resistentes tem sido, desde esses tempos referidos como heroicos, o de submeter todas as minhas pretensões à pergunta: em que medida a oportunidade que se me ofereceu de brilhar como grande figura na história recente da MPB se deve à queda de nível de exigência promovida pela mesma onda de ostensiva massificação que eu contribuí para criar? Augusto - ao contrário dos meus colegas compositores, que temiam uma regressão ao primarismo - via no que fazíamos uma supersofisticação. E apontava isso em duas frentes: no aspecto paródico-carnavalesco e no aspecto inventivo-construtivista. Eu achava que, mais do que atentado para os meus conseguimentos, ele tinha lido meus sonhos. Pg.272

O tropicalismo ganhou corpo na história da MPB como um conjunto de atos dos quais a colaboração com os eficientes e inspirados Mutantes foi um dos mais auspiciosos, mas o núcleo estava em outra parte. Pg.342

TROPICALISMO 1968 1969

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

O rock chamado “progressivo” não nos atraía. Amávamos e admirávamos os novos Mutantes sem compartilhar com eles do entusiasmo pelo tipo de música que eles elegeram. Mas a própria Rita trabalhando a solo, com sua poesia, sua musicalidade, seu wit e sua elegância, trazia de volta a divisão entre MPB e rock que o tropicalismo tentara superar. A palavra-chave para se entender o tropicalismo é sincretismo. Não há quem não saiba que esta é uma palavra perigosa. E na verdade os remanescentes da Tropicália nos orgulhamos mais de ter instaurado um olhar, um ponto de vista do qual se pode incentivar o desenvolvimento de talentos tão antagônicos quanto o de Rita Lee e o de Zeca Pagodinho, o de Arnaldo Antunes e o de João Bosco, do que nos orgulharíamos se tivéssemos inventado uma fusão homogênea e medianamente aceitável. Pg.343

Caetano Veloso num debate na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1968 / Arquivo / Tropicália Doc



Gilberto Gil num debate na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1968 / Arquivo / Tropicália Doc





Teatro Oprimido, método teatral criado na época pelo teatrólogo Augusto Boal, São Paulo, 1971
Autor não identificado

Final do III Festival MPB, 1967
Arquivo / TV Record





Os Mutantes e Gilberto Gil, 1969
Arquivo / Reprodução



Em cima, Gal Costa apresenta “Divino Maravilhoso” no festival MPB IV; em baixo, Os Mutantes apresentam “Dois Mil e Um”, 1968 / Arquivo / TV Record

Tom Zé Festival MPB 1968 Musica São, São Paulo
Arquivo / TV Record





Caetano Veloso apresenta “Alegria, Alegria” no Festival MPB III, 1967
Arquivo / TV Record

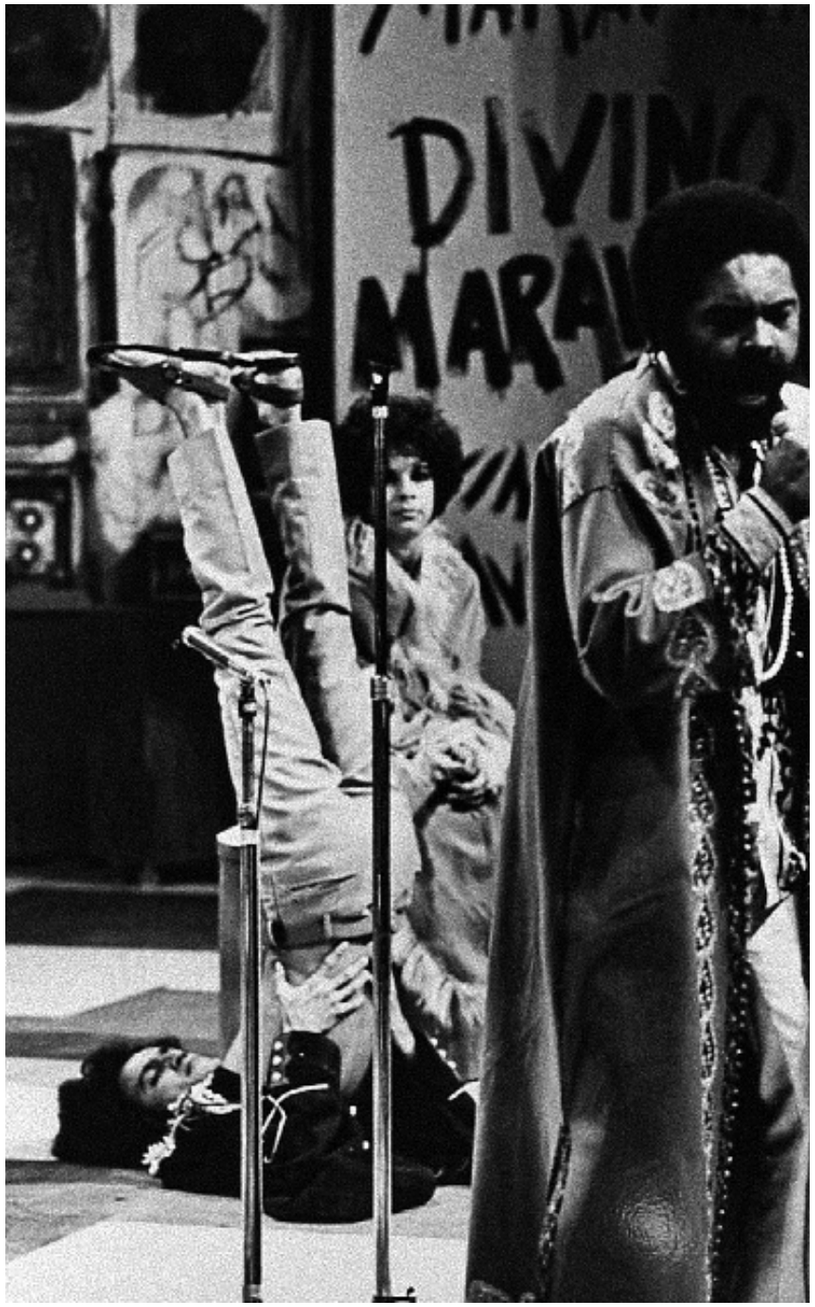


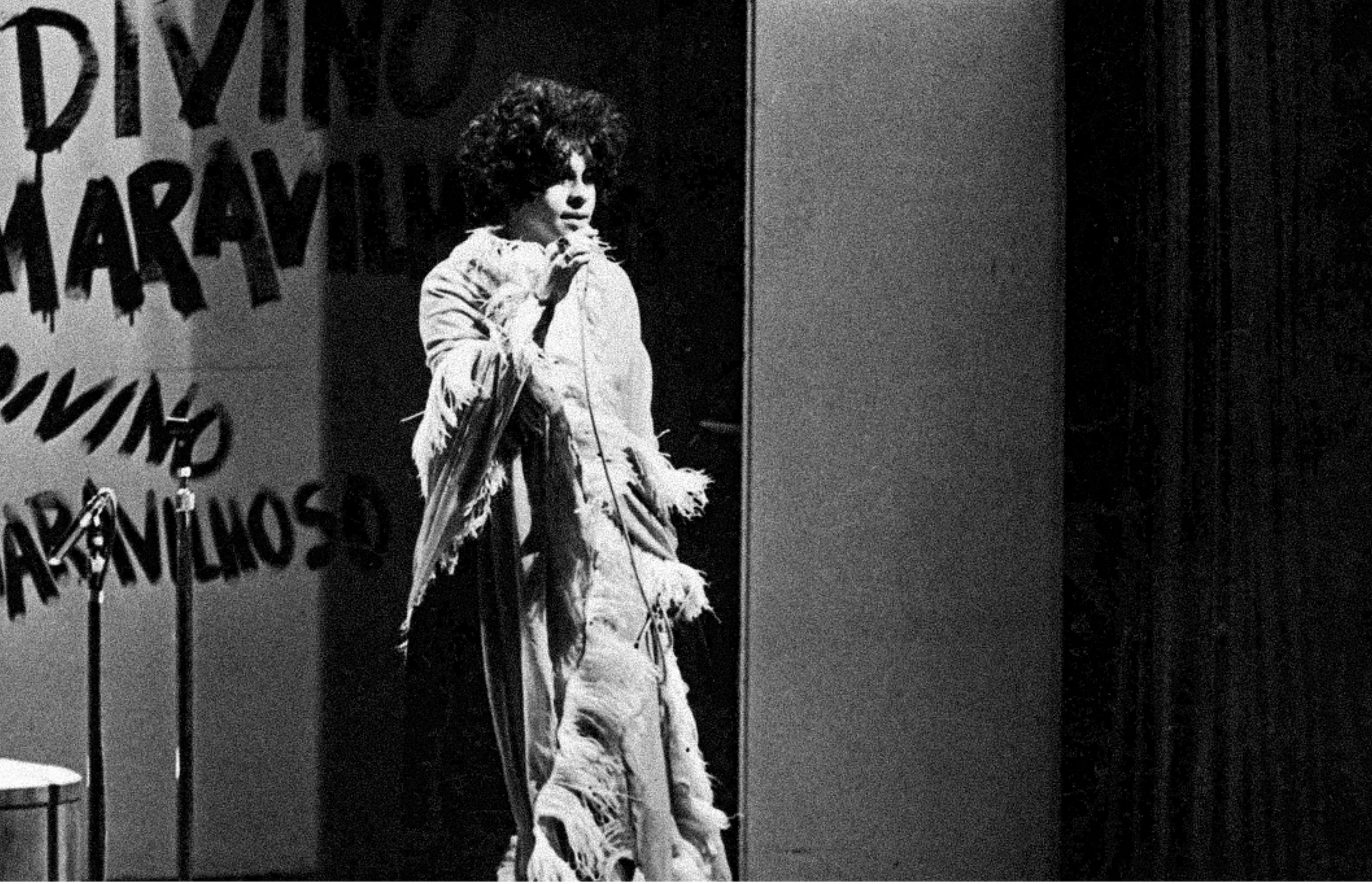
Caetano Veloso durante atuação no programa “Divino, Maravilhoso”, 1968
Paulo Salomão



Gal Costa ao vivo nos anos 70
Autor não identificado

Caetano Veloso, Gal Costa e Gilberto Gil no programa “Divino, Maravilhoso”, 1968
Fotografia de Paulo Salomao





Gal Costa no programa “Divino, Maravilhoso”, 1968
Paulo Salomão

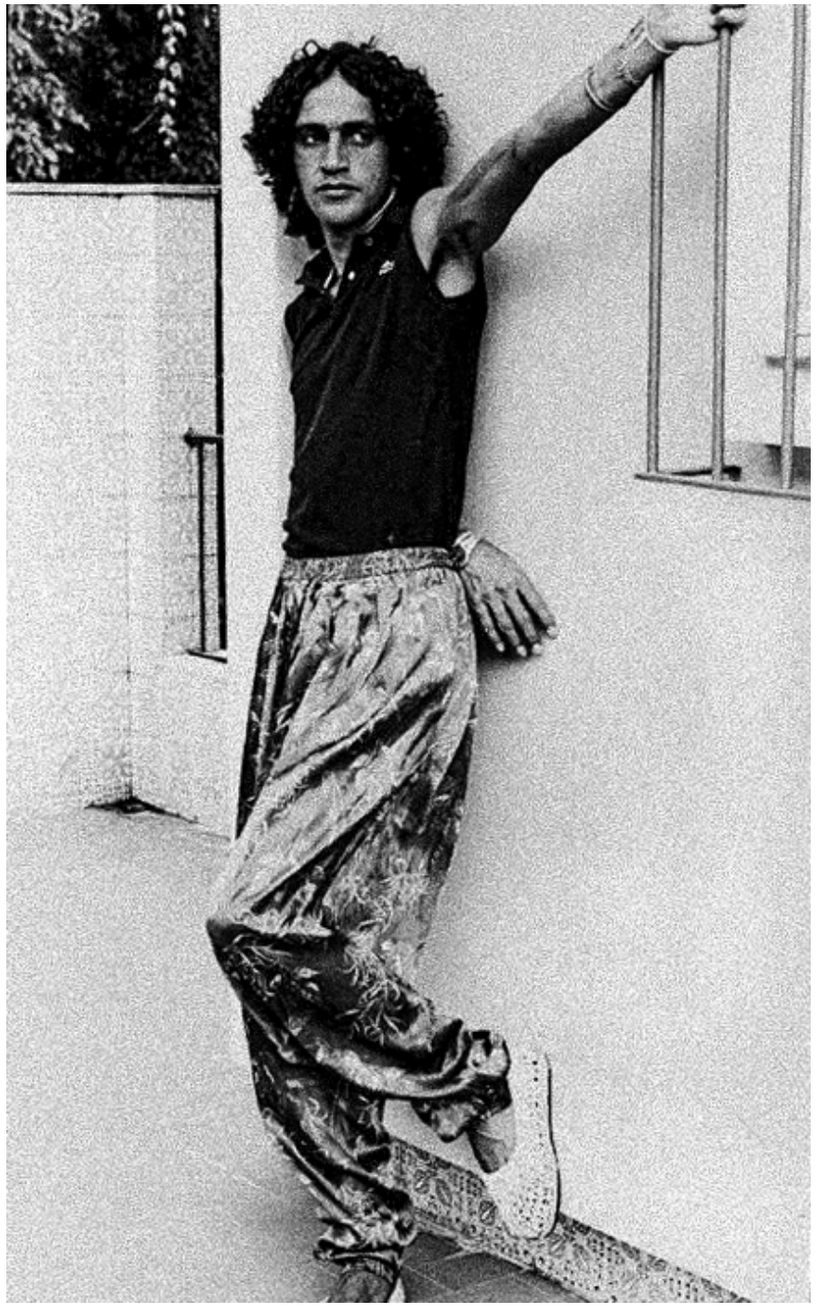
Os Mutantes e Gilberto Gil, 1968
Arquivo / Tropicália Doc





Jorge Mautner durante atuação em São Paulo, 1971
Autor não identificado

Caetano Veloso nos anos 70, Rio de Janeiro
Autor não identificado



Gilberto Gil e Gal Costa no final dos anos 60, França
Autor não identificado





Os Novos Baianos na sua comuna hippie em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, 1970
Elóis Corrêa



Gilberto Gil, Maria Bethânia, Gal Costa e Caetano Veloso atuam como Doces Bárbaros no Canecão, Rio de Janeiro, 1977
Arquivo / Reprodução

Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gal Costa e Gilberto Gil, atuam como Doces Bárbaros, 1976
Autor não identificado





Caetano Veloso e os Mutantes durante as gravações do álbum conjunto “Tropicália ou Panis et Circencis”, 1968
Arquivo / Revista Fatos e Fotos



Mutantes em palco, 1968
Arquivo Nacional

Caetano Veloso apresenta “Alegria, Alegria” no Festival MPB III, 1967
Arquivo / TV Record





Gilberto Gil, Caetano Veloso e Os Mutantes em 1969
Arquivo / Manchete

TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENCIS

1968

Excertos de “Brutality Garden” de Christopher Dunn

The allegorical impulse in Tropicália was further developed on the group album Tropicália ou Panis et Circencis, which featured the core members of the tropicalist group: Veloso, Gil, Tom Zé, Gal Costa, Os Mutantes, Rogério Duprat, and poets Torquato Neto and José Carlos Capinan. Nara Leão, the erstwhile “muse” of bossa nova and protest song, also participated after adhering to the tropicalist project. Pg. 92

The album cover of Tropicália ou Panis et Circencis was a parody of a bourgeois family photo. Costa and Neto appear as a conventional, well mannered couple; Gil sits on the floor in a bathrobe printed with tropical motifs holding a graduation portrait of Capinan; Duprat daintily holds a chamber pot as if it were a tea cup; Tom Zé plays the northeastern migrant, holding a leather satchel; Os Mutantes ostentatiously show off their guitars; and Veloso is seated in the middle holding a large portrait of Nara Leão wearing a floppy beach hat. The cover photo was a visual allusion to the title track of the album, “Panis et circencis” (Bread and circus) (Gil-Veloso), which satirized the conventions of a traditional bourgeois family. The title of the song and the album refers to the famous statement by the classical poet Juvenal, who expressed his disdain for ancient Roman citizens who were placated by the calculated use of “bread and circus”. Pg. 93

Recorded by Os Mutantes with arrangements and sound effects by Rogério Duprat, “Panis et circensis” is reminiscent of several Beatles recordings of the time, which was no coincidence. Pg. 93

When the tropicalist album appeared, it was heralded as a Brazilian response to The Beatles’ Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band. The Beatles’ famous concept album of 1967 was a major innovation in modern rock that was qualitatively different from their previous albums. A purposeful mix of various styles, it was a commentary on the history of popular music that self-consciously played with clichés of the British music hall tradition. In a comparable fashion, Tropicália, ou panis et circencis incorporated a broad array of old and new styles of national and international provenance such as rock, bossa nova, mambo, bolero, and liturgical hymns. Pg. 93

TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENCIS 1968

Excertos de “Brutality Garden” de Christopher Dunn

Several songs on the concept album, Tropicália, ou Panis et Circencis, alluded to a general context of political violence in the urban areas. The opening track, “Miserere Nobis” (Gil-Capinan), critiques the ideological and coercive mechanisms that maintain structures of inequality in Brazil. The song begins with solemn chords of a church organ, abruptly interrupted by the ring of a bicycle bell, followed by the upbeat strumming of an acoustic guitar. Pg. 111

Veloso has explained the concept behind the album: “Instead of working as a group in order to develop a homogeneous sound that would define a new style, we preferred to utilize several recognizable sounds from commercial music, making the arrangements an independent element that would clarify the song, but also clash with it. In a way, we sought to ‘sample’ musical scraps and we used the arrangements as ready-mades.” With arranger Rogério Duprat, the tropicalists were beginning to experiment with concepts and techniques that were current among vanguard composers and cutting-edge pop artists. Pg. 93

TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENCIS 1968

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

Tropicália ou Panis et Circensis (o mau latim – que Décio Pignatari, nos anos 70, já chamava de “delicioso provincianismo de vanguarda” – agora soa cheio de charme “histórico”), nosso disco-manifesto, saiu em 68, contando com a participação de Nara e Tom Zé, além, é claro, do grupo-núcleo formado por Gil, Gal, Mutantes, Duprat e eu, mas sem a presença de Bethânia, que, por rejeitar intimamente a canção “Baby”, que ela própria encomendara, para ser gravada por Gal, o que resultou no primeiro grande sucesso desta. Um sucesso aliás, merecidíssimo, pois a fixa revelou-se, por causa da voz de Gal e do arranjo de Duprat, uma obra-prima do tropicalismo (se não há uma contradição absoluta entre esses termos). Pg.331

Eu tinha feito e dado para Gil musicar uma letra a que pus o nome de “Panis et circensis”. Pensei em usar isso como subtítulo do disco que se chamaria – assumindo o título usurpado pela canção à obra de Oiticica como nome geral do movimento (mas, naturalmente, rejeitando o ismo) – Tropicália. Não fui verificar (àquela altura nem saberia onde) se a expressão “panis et circencis” estava na forma latina correta. Pg.330

(Na verdade, a forma em que a expressão se fez famosa é “panis et circenses”, esta última palavra sendo um adjetivo que, no plural, substantiva-se no significado de “coisas de circo”.) Afinal, em meio à iconoclastia tropicalista, a reverência às letras clássicas era a última das exigências a ocorrer a alguém. Mas o reconhecimento íntimo de que a intenção seria a de sobrepor à colagem pop – uma citação latina (ademais muitíssimo conhecida) cuja correção deveria contribuir para o efeito de contraste, empresta uma dimensão de atroz ridículo ao momento de reflexão devotado à questão. Havia, no entanto, orgulho nesse desleixo. Pg.330

Na concepção do disco Tropicália ou Panis et Circencis havia um plano, este sim totalmente tropicalista, de gravar uma velha canção brasileira em tudo e por tudo desprestigiada. Pg.343

Uma das marcas da Tropicália – e talvez seu único sucesso histórico indubitável – foi justamente a ampliação do mercado pela prática da convivência na diversidade, alcançada com o desmantelamento da ordem dos nichos e com o desrespeito às demarcações de faixas de classe e de graus de

TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENCIS 1968

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

educação. Essa saudável destruição de hierarquias está na origem do que alguns críticos chatos chamam de “complacência cínica pós-60”. Pg.333

Isso tem muito a ver com o modo como ouvíamos os Beatles – de que não éramos (eu ainda menos do que Gil) grandes conhecedores. Na verdade, foi uma composição de Gil, “Bom dia”, segundo ele influenciada pelos Beatles, que sugeriu a fórmula. A lição que, desde o início, Gil quisera aprender dos Beatles era a de transformar alquimicamente lixo comercial em criação inspirada e livre, reforçando assim a autonomia dos criadores – e dos consumidores. Pg.214

Gil aparecia na capa do disco - projetada, como a do meu, por Rogério Duarte (aqui com a colaboração do pintor Antônio Dias) - trajando um fardão da Academia Brasileira de Letras, o que frisava a irreverência da atitude. Eu acreditava - e não creio que estivesse errado - que a feitura do disco coletivo seria uma excelente oportunidade de somar as forças dos componentes do grupo para atingir resultados mais precisos. Sobretudo eu esperava poder assim fazer da perícia musical de Gil, de Duprat e dos Mutantes um veículo para minhas ideias. Queria pegar carona, tirar uma lasquinha: eu invejava o nível de resolução do disco de Gil. Embora não o considerasse satisfatório - se comparado ao dos discos de, por um lado, Jorge Ben e, por outro, aos dos de Roberto Carlos -, reconhecia-o muito superior ao do meu. Pg. 324

O quadro de Gerchman, por ser uma espécie de crônica melancólica da solidão anônima feita em tom pop e metalinguístico, tinha parentesco direto com o tropicalismo musical, e a canção, nós supúnhamos, realimentaria sua carga poética. O quadro não fora o resultado de uma influência do tropicalismo sobre o pintor: este havia chegado ali resolvendo seus próprios problemas, dialogando com a arte pop. Pg. 326

Em linhas gerais, essas eram as relações que mantínhamos, no meio do período tropicalista, com as produções daquilo que era nosso pão e circo: a música popular. Suponho que fui eu a decidir que devíamos fazer um disco-manifesto, um disco coletivo que explicitasse o caráter de movimento do nosso trabalho. De todo modo, uma vez lançada a ideia, assumi logo a liderança. Conversei com Gil, com Torquato, com Gal, com

TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENCIS 1968

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

Bethânia, com Duprat. Gil vinha de sua experiência com Duprat e os Mutantes na feitura de seu primeiro LP tropicalista. Era um disco com muito mais unidade do que o meu - e (como era de se esperar) com maior domínio musical por parte do intérprete e autor das canções. Mas o meu tinha sido mais marcante “conceitualmente”. Talvez apenas porque tivesse saído antes. Talvez porque, para compensar as minhas carências propriamente musicais, eu tenha mesmo tido sempre que ser mais ‘conceitual’. Pg. 324

Fotografia tirada para a capa do álbum-manifesto “Tropicália ou Panis et Circencis”, 1968
Oliver Perroy

Capa do álbum “Tropicália ou Panis et Circencis”, 1968
Design de Rubens Gerchman



SEQUÊNCIA 5

CENA 3

INTERIOR, NOITE. PALCO MAL ILUMINADO DE TEATRO VASIO. A CÂMERA DESCREVE UM TRAVELLING LENTO PARTINDO DO FUNDO DA PLATEIA ATÉ CLOSE DO ATOR QUE SE ENCONTRA AO CENTRO DO PALCO. OS PERSONAGENS ESTÃO VESTINDO BLUE-JEANS E CAMISAS CÁQUIS. VÃO FALANDO À MEDIDA QUE A CÂMERA SE APROXIMA.

GIL — Está encerrada a sessão. MOISÉS, CHARLESSTARRET, ATILA (REI DOS UNOS), JOAN CRAWFORD (THE WOMAN WHO LOVED JONNY GUITAR, Cf. "LA CHINOISE"), ANNE FRANK & ROBERTO CAMPOS, EM CÔRO: O Brasil é o país do futuro.
CAETANO: Êsse gênero está caindo de moda.
CAPINAM: No Brasil e lá fora: nem ideologia nem futuro.
TORQUATO: Bacana. Está ótimo. Pode apagar.

CORTA.

SEQUÊNCIA 5

CENA 4

EXTERIOR, DIA. CÉU DE CINEMA RUSSO (OU AMERICANO). PLANO GERAL. PERSONAGENS DISCUTEM ENTRE SI, MAS COMO ESTÃO DE PÉ SÔBRE UMA BALAUSTRADA, OS POPULARES PENSAM TRATAR-SE DE UM COMÍCIO.

TORQUATO — Será que o Câmara Cascudo vai pensar que nós estamos querendo dizer que bumba meu boi e iéiéié são a mesma dança?
GAL — Eu trouxe o SuperBoy bi, a Luluzinha, o Carinho, o Tio Patinhas, o Zé Carioca...

O POVO — Queremos uma vitrola enchovalhada, uma vitrola enchovalhada, uma vitrola enchovalhada...

SEQUÊNCIA 5

CENA 5

EXTERIOR, DIA CINZENTO. O MAESTRO ROGÉRIO DUPRAT NO ALTO DE UMA TORRE DE TV. AO FUNDO A CIDADE DE SÃO PAULO.

ROGÉRIO DUPRAT — A música não existe mais. Entretanto sinto que é necessário criar algo nôvo. Ou melhor, sei que alguma coisa nova se cria e a partir daí o resto não me interessa. Já não me interessa o municipal, nem a queda do municipal, nem a destruição do municipal. Mas, e vocês, mal saídos do calor do borralho, vocês baianos, terão coragem de procurar comigo? terão coragem de fussar o chão do real? como receberão a notícia de que um disco é feito para vender? com que olhos verão um jovem paulista nascido à época de Celly Campello e que desconhece Aracy & Caymmi & Cia.? terão coragem de reconhecer que êsse mesmo jovem pode ter muito que lhe ensinar? (PAUSA)
Sabem vocês o risco que correm? Sabem que podem ganhar muito dinheiro com isso? Terão coragem de ganhar muito dinheiro? Terão mesmo coragem de saber que só desvencilhando-se do conhecimento atual que têm das formas puras do passado é que poderão reencontrá-las em sua verdade mais profunda?
Por acaso entendem alguma coisa do que estou dizendo? Baianos, respondam.

A NOITE, CAI REPENTINAMENTE. ZOOM SILHUETA DO MAESTRO AGARRADO À TORRE DE TV. ACENDE-SE A LUZ VERMELHA NO ALTO DA TORRE. OUVE-SE UMA VOZ AO LONGE, EM RESPOSTA AO CHAMADO DO MAESTRO.

ADROALDO RIBEIRO COSTA — (VOZ OFF, LONGINQUA) — Enquanto nós cantarmos haverá Brasil!

CORTA.

TROPICÁLIA



FACE A

MISERERE NOBIS — Gil & Capinam
(Gil + Mutantes)
CORAÇÃO MATERNO — Vicente Celestino
(Caetano)
PANIS ET CIRCENCIS — Gil & Caetano
(Mutantes)
LINDONÉIA — Gil & Caetano (Nara)
PARQUE INDUSTRIAL — Tom Zé
(Gil + Gal + Caetano + Mutantes + côro)
GELÉIA GERAL — Gil & Torquato (Gil)

FACE B

BABY — Caetano (Gal + Caetano)
TRÊS CARAVELAS — (Caetano + Gil)
ENQUANTO SEU LOBO NÃO VEM — Caetano
(Caetano + Gal + Rita)
MAMÃE CORAGEM — Caetano & Torquato
(Gal)
BATMACUMBA — Gil & Caetano
(Gil + Mutantes + Gal + Caetano)
HINO AO SENHOR DO BONFIM DA BAHIA
(Caetano + Gil + Mutantes + Gal + côro)

FICHA TÉCNICA

Arranjos: ROGÉRIO DUPRAT
Produção: MANUEL BAREMBEIN
Técnico de gravação: ESTÉLIO
Estúdio: RGE, SP.
Período de gravação: Maio de 1968

SEQUÊNCIA 5

CENA 6

INTERIOR, NOITE. PAREDE AZUL. OS PERSONAGENS ENTRAM EM CAMPO, UM A UM, DIZEM SUAS FALAS E SAEM EM SEGUIDA.

TORQUATO — Pode dizer palavrão?
CAETANO — Vocês são contra ou a favor do transplante de coração materno?

COMPANHIA BRASILEIRA DE DISCOS

60251712466

SEQUÊNCIA 5

CENA 7

EXTERIOR, DIA DE SOL. NARA E OS MUTANTES PASSEIAM DE MÃOS DADAS E PÉS DESCALÇOS NA AREIA. TODOS OS CABELOS VOAM AO VENTO. PRAIA DE IPANEMA.

NARA — Pois é... e Ernesto Nazaré e Chiquinha Gonzaga... e Pixinguinha...

OS MUTANTES — Pois é... e os Jeffersons's Airplane o os MAMMAA&Papas... e ...

NARA — Pois é... e as pessoas se perdem nas ruas e não sabem ler e consultam consultórios sentimentais e querem ser miss brasil... e se perdem...

OS MUTANTES — E aquela distorção dá a idéia de que a guitarra tem um som contínuo... e até a boutique dos beatles se chama a maçã...

NARA — Pois é... falaram tanto...

CORTA.

SEQUÊNCIA 5

CENA 8

INTERIOR, NOITE. TOM ZÉ, SÒZINHO NO QUARTO, LENDO A ANTOLOGIA NOIGANDRES. PAPÉIS COM ANOTAÇÕES ESPALHADOS. ÊLE PARA DE LER, ANOTA ALGUMAS COISAS NUM PAPEL. PARA UM INSTANTE. VOLTA A LER. FECHA O LIVRO E FICA PENSANDO. CÂMERA CORRIGE E APROXIMA-SE DO SEU ROSTO. CLOSE DE TOM ZÉ.

CORTA.

SEQUÊNCIA 5

CENA 9

INTERIOR, NOITE. EXTERIOR, DIA. ESTÚDIO DE GRAVAÇÃO. NARA, GAL, GIL, CAETANO, TORQUATO, CAPINAM E OS MUTANTES, FRENTE AO MICROFONE, OBEDECEM AO MAESTRO ROGÉRIO DUPRAT. UNÍSSONO.

TODOS — As coisas estão no mundo, só que é preciso aprender.

CORTA.

SEQUÊNCIA 5

CENA 10

INTERIOR, DIA. SALA DE UMA CASA EM NEW JERSEY. PLANO AMERICANO. CÂMERA IMÓVEL. JOÃO GILBERTO E AUGUSTO DE CAMPOS SENTADOS.

AUGUSTO — E o que é que eu digo a êles?

JOÃO — Diga que eu estou daqui olhando pra êles.

Contracapa do álbum coletivo
"Tropicália ou Panis et Circencis"
Design de Rubens Gerchman
com guião teatral escrito pelo coletivo



Jorge Ben, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Os Mutantes, 1968
Autor não identificado

ANTROPOFAGIA 1920
CANIBALISMO CULTURAL 1968

Excertos de “Brutality Garden” de Christopher Dunn

Of all the modernists, the poet, novelist, dramatist, and literary provocateur Oswald de Andrade had the greatest impact on the tropicalist movement. He authored the most radical gestures of modernismo, including two of its most celebrated and cited manifestos. Published in 1924, his “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” (Manifesto of Brazilwood Poetry) called for a “poetry for export” that would be informed by international literary vanguards but also grounded in the cultural context of Brazil. Pg. 15

As a cultural metaphor attuned to historical contingency and change, cannibalism proposed an allegory of Brazil, a strategy revived by the tropicalists in the late 1960s. In modern criticism, allegory is distinguished from the symbol, a mode of representation preferred by nineteenth-century Romantics as an aesthetic ideal best suited for representing the universal (i.e., the idea) and the particular (i.e., the object) as a unified totality. Pg. 19

Oswald’s project was further radicalized with a second declaration of principles, “Manifesto Antropófago” (Cannibalist Manifesto), first published in the Revista de Antropofagia in 1928. A cohort of associates coalesced around the cannibalist group, including Oswalds’second wife, Tarsila de Amaral, who gave visual expression to antropofagia in her tropical surrealist paintings. Pg. 17

In the 1960s and 1970s, they were instrumental in the critical reevaluation of Oswald de Andrade. Augusto de Campos has been active as a music critic and scholar, producing numerous articles about popular and experimental music. His vigorous promotion and defense of bossa nova (and later Tropicália) yielded important insights into the relationship between experimental poetry, popular music, and national culture. Pg. 32

In marked contrast to the Anta manifesto, Oswald de Andrade’s “Cannibalist Manifesto” proposes the figure of a defiant and aggressive Indian who violently resists colonial incursions. For Oswald, there was no national “essence”, only a dynamic and conflict-ridden process of critical assimilation, or “deglutition”, of various cultural influences. The manifesto is structured as a series of short, telegraphic aphorisms

ANTROPOFAGIA 1920
CANIBALISMO CULTURAL 1968

Excertos de “Brutality Garden” de Christopher Dunn

that refer to Brazilian history, Enlightenment philosophy, indigenous religions, psychology, and anthropology. The brevity and humor of the manifesto has made it one of the most quotable texts in Brazilian literature, and it is frequently cited in song lyrics, poems, and epigraphs. Forty years after its publication, it became a key text for the tropicalists. Pg. 18

His project took inspiration from the Tupinambá and other coastal Indians who were believed to ritually cannibalize vanquished enemies in order to absorb their physical and spiritual powers. This was a pontent metaphor for elite Brazilian intellectuals who were indebted to European literary trends yet also sought cultural autonomy anchored in national reality. For Oswald, cannibalism served as the master trope of an anti colonialist project for critically and selectively absorbing cultural products and technology from abroad. He inveighed against the “importers of canned consciousness” but also heralded the modern golden age of American cinema. Metropolitan cultures were to be neither slavishly imitated nor xenophobically rejected but simply

“devoured” for the purposes of elaborating an autonomous cultural project in Brazil. Pg. 18

Benedito Nunes has argued that cultural cannibalism functions simultaneously in several registers, as an organic metaphor that links ritual cannibalism of Brazilian natives with the modernist quest for intellectual autonomy from Europe; as a diagnostic of a society traumatized by colonialism; and as a therapy for counteracting the legacy of this trauma through satire and humor. Pg. 19

José Miguel Wisnik has called attention to Mário’s privileging of rural folklore in his conception of popular music. Although Mário recognized that there were authentic urban forms, he expressed some anxiety about Braziian popular music that evidenced the “deleterious influences of urbanism.” In the study of urban folklore, therefore, it would be necessary to distinguish music that was “traditionally national” from music that was “influenced by international fashion.” According to Wisnik, Mário de Andrade and other modernist intellectuals regarded emergent forms of urban popular music as commercial banalities

ANTROPOFAGIA 1920
CANIBALISMO CULTURAL 1968

Excertos de “Brutality Garden” de Christopher Dunn

that impeded the didactic project of cultural nationalism. In the elaboration of a nationalist cultural project, two musical phenomena were regarded as obstacles: commercial popular music and international vanguard music. Pg. 23

The concrete poet’s dialogue with visual arts opened up new semantic possibilities outside of discursive or metaphoric expression. By linking avant-garde experimentation to developments in mass media, the concrete poets attempted to restructure the relationship between “high” and “low” art. They regarded the culture industry not as an unwelcome encroachment but as a means to produce and disseminate artistic production. Pg. 32

ANTROPOFAGIA CANIBALISMO CULTURAL 1920 1968

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

A antropofagia, vista em seus termos precisos, é um modo de radicalizar a exigência de identidade (e de excelência na fatura), não um drible na questão. Nós tínhamos a certeza de que João Gilberto (que, ao contrário das “fusões” tipo maionese, para usar a palavra escolhida por Calligaris, criou um estilo novo, definido, fresco, inaugural por seus próprios méritos) era um exemplo claro de atitude antropofágica. E queríamos agir à altura. Pg.301

O ato antropofágico ritual que Oswald emprestava dos índios (comer partes do corpo do inimigo admirado para adquirir-lhe a bravura, a destreza e as virtudes morais) como receita de um comportamento criativo em tudo diferente do que frequentemente se faz no Brasil. Pg.301

O segundo manifesto, o Antropófago, desenvolve e explicita a metáfora da devoração. Nós, brasileiros, não deveríamos imitar e sim devorar a informação nova, viesse de onde viesse, ou, nas palavras de Haroldo de Campos, “assimilar sob espécie brasileira a experiência estrangeira e reinventá-la em termos nossos, com qualidades locais ineludíveis que dariam ao produto resultante um caráter autônomo e lhe confeririam, em princípio, a possibilidade de passar a funcionar por sua vez, num confronto internacional, como produto de exportação”. Pg.299

A ideia do canibalismo cultural servia-nos, aos tropicalistas, como uma luva. Estávamos “comendo” os Beatles e Jimi Hendrix. Nossas argumentações contra a atitude defensiva dos nacionalistas encontravam aqui uma formulação sucinta e exaustiva. Pg.299

Além de Mahalia Jackson e de Jorge Ben, nós continuávamos ouvindo os Beatles e passamos a ouvir Mothers of Invention (um favorito de Agrippino) e James Brown, e John Lee Hooker, e Pink Floyd e The Doors e o que fosse. Mas não tínhamos deixado de ouvir e reouvir João Gilberto, e naturalmente ouvíamos tudo o que saía dos nossos colegas brasileiros, os mais próximos e os menos próximos. Muitos dos que eram íntimos tinham-se afastado por causa da revolta que lhes inspirava o tropicalismo. Pg.315

Os Beatles pareciam muito mais construtivos e enxutos. Por outro lado, o experimentalismo ostensivo de Sargent Pepper’s Lonely Hearts Club

ANTROPOFAGIA 1920
CANIBALISMO CULTURAL 1968

Excertos de “Verdade Tropical” de Caetano Veloso

Band estava mais próximo não só do que fazíamos como dos grandes artistas que eu admirava, fossem eles Godard, Oswald, Augusto de Campos, João Cabral, Joyce, Lewis Carroll ou E.E. Cummings. Pg.323

Página da publicação do “Manifesto Antropofago”, 1 de maio de 1928
Manifesto por Oswald de Andrade



Capa da Revista de Antropofagia, onde o Manifesto Antropofago foi publicado, 1928
Autor não identificado

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Philosophicamente.

Unica lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismo. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as cathecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos catholicos suspeitosos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psychologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeavel entre o mundo interior e o mundo exterior. A reacção contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hypocrisia da saudade, pelos immigrados, pelos traficados e pelos touristes. No paiz da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos grammaticas, nem collecções de velhos vegetaes. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mappa mundi do Brasil.

Uma consciencia participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia enlatada. A existencia palpavel da vida. E a mentalidade prelogica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

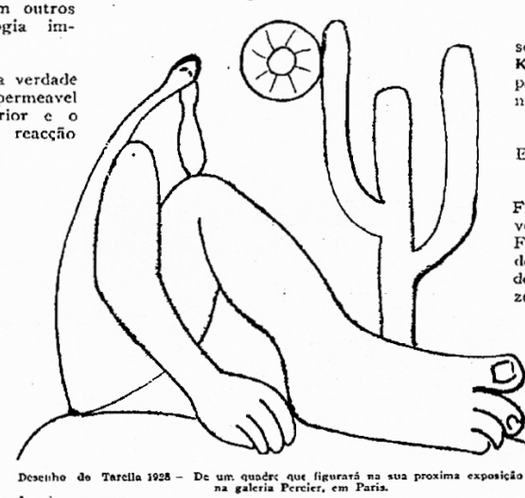
Queremos a revolução Carahiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direcção do homem. Sem nós a Europa não teria siquer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

A edade de ouro annunciada pela America. A edade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. **Oú Villeganhon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á. Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos cathechisados. Vivemos atravez de um direito sonambulo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admittimos o nascimento da logica entre nós.



Desenho do Tarsila 1928 – De um quadro que figurará na sua proxima exposição de Junho na galeria Percier, em Paris.

Só podemos attender ao mundo orecular.

Tinhamos a justiça codificação da vingança A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as idéas objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dynamico. O individuo victima do systema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instincto Carahiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação **eu** parte do **Kosmos** ao axioma **Kosmos** parte do **eu.** Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em communicação com o sólo.

Nunca fomos cathechisados. Fizemos foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tinhamos o communismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A edade de ouro.
Catiti Catiti
Imara Notiá
Notiá Imara
Ipejú

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro emprestimo, para ganhar commissão. O rei analphabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita labia. Fez-se o emprestimo. Gravou-se o assucar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a labia,

O espirito recusa-se a conceber o espirito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vaccina antropofagica. Para o equilibrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens physicos, dos bens moraes, dos bens dignarios. E sabiamos transpor o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticaes.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem **chamava-se** Galli Mathias. Comi-o

Só não ha determinismo - onde ha misterio. Mas que temos nós com isso?

Continua na Pagina 7

Mário de Andrade em 1935/36
Benedito Junqueira

Oswald de Andrade em 1954
Autor não identificado



Imagem para o III Festival de MPB (Música Popular Brasileira), 1967
Arquivo / Tv Record

ARTISTAS

TROPICALIA

CAETANO VELOSO

1942

Caetano Emanuel Viana Teles Veloso

Nasce em Santo Amaro a 7 de agosto de 1942

É um músico, produtor, arranjador e escritor.



ÁLBUNS

Domingo
1967

Caetano Veloso
1968

Tropicália ou Panis et Circencis
1968

Caetano Veloso
1969

Caetano Veloso
1971

Juntos e ao Vivo
1972

Barra 69
1972

Transa
1972

Araçá Azul
1973

Temporada de Verão
1974

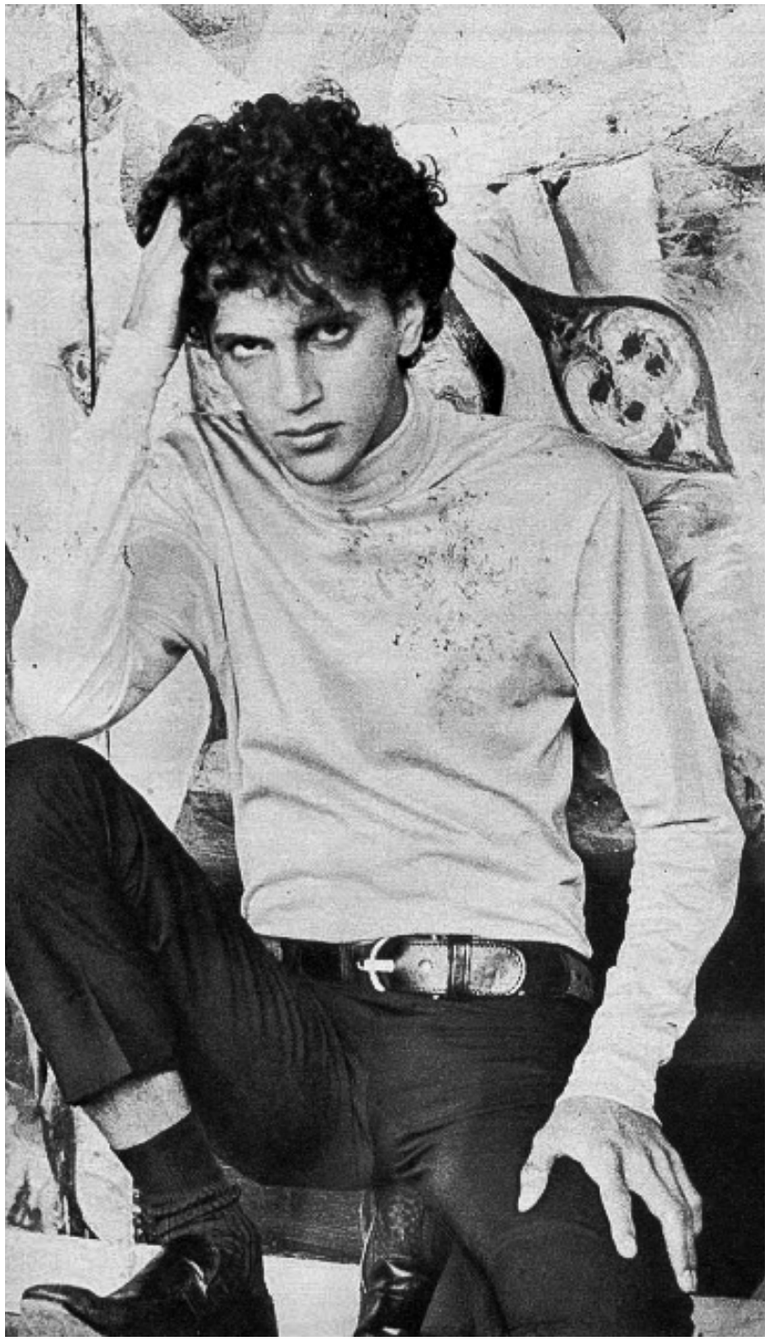
Qualquer Coisa
1975

Jóia
1975

Doces Bárbaros
1976

Muitos Carnavais
1977

Caetano Veloso durante a sessão fotográfica para a capa do seu álbum de estreia a solo “Caetano Veloso”, 1968
Fotografia de David Drew Zingg

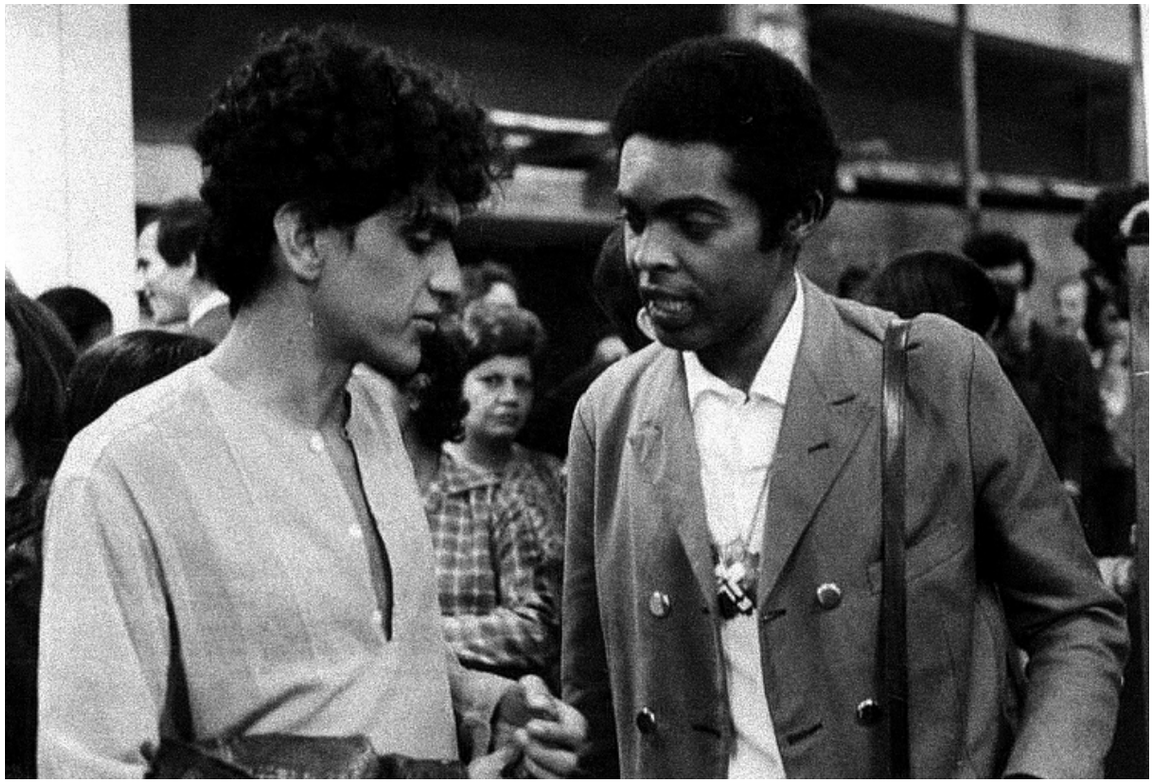




Caetano Veloso e Gal Costa durante as gravações do álbum “Domingo”, 1967
Autor não identificado

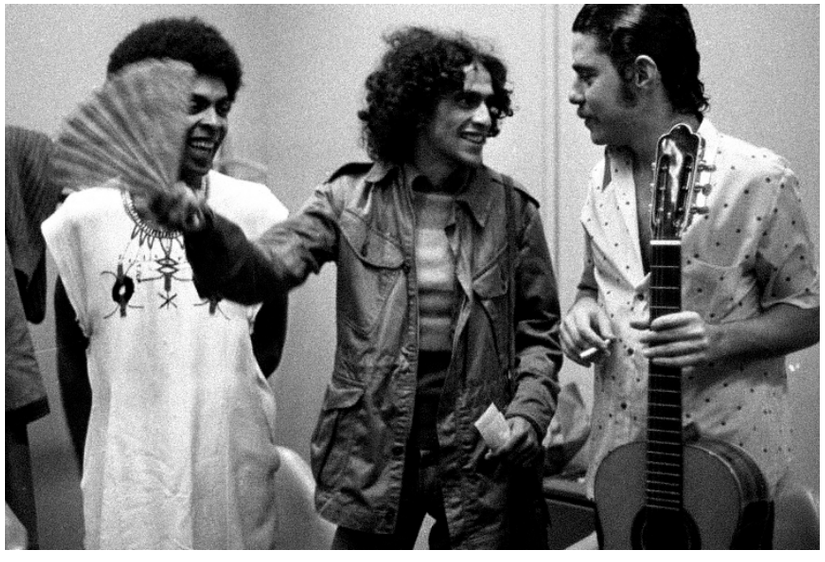


Caetano Veloso e Gilberto Gil durante o exílio, Londres, 1969
Autor não identificado



Embarque de Caetano Veloso e Gilberto Gil para Londres aquando do seu exílio, 1969
Arquivo / Âgencia O Globo

Gilberto Gil, Caetano Veloso e Chico Buarque em 1973
Arquivo / Âgencia O Globo





Fotografia para capa do álbum a solo de estreia “Caetano Veloso”, 1968
David Drew Zingg

GILBERTO GIL

1942

Gilberto Passos Gil Moreira

Nasce em Salvador a 26 de junho de 1942

Cantor, compositor, instrumentista, produtor musical e político.



ÁLBUNS

Louvação
1967

Gilberto Gil
1968

Tropicália ou Panis et Circencis
1968

Gilberto Gil
1969

Gilberto Gil
1971

Barra 69
1972

Expresso 2222
1972

Temporada de Verão
1974

Ao Vivo
1974

Xangô Ogum
1975

Viramundo
1975

Refazenda
1975

Doces Bárbaros
1976

Refestança
1977

Refavela
1977



Fotografia para a capa da Revista “WaxPoetics” nr.36, Londres, 1970
Autor não identificado

Gilberto Gil e Chico Buarque de Hollanda durante o Festival Phono em São Paulo, 1973
Autor não identificado

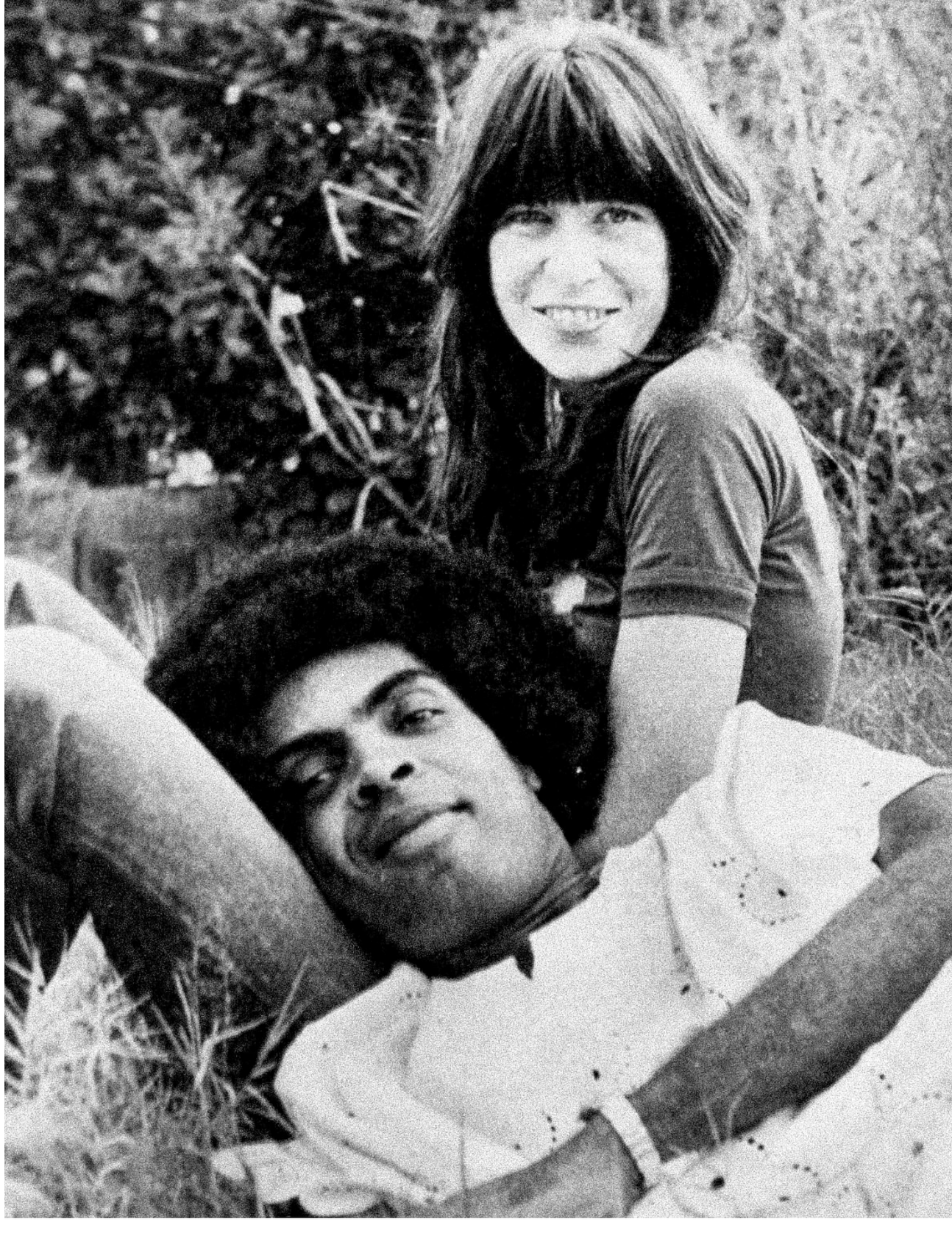




Caetano Veloso e Gilberto Gil durante as gravações de “Tropicália ou Panis et Circencis”, São Paulo, 1968 / Arquivo / Divulgação

Gilberto Gil e Nana Caymmi, na época sua esposa,
durante entrevista em 1968
Acervo Gilberto Gil



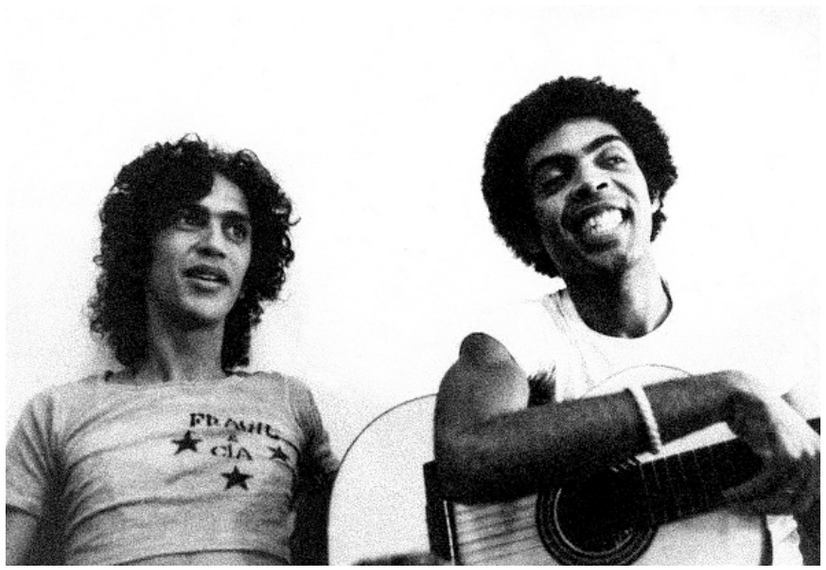


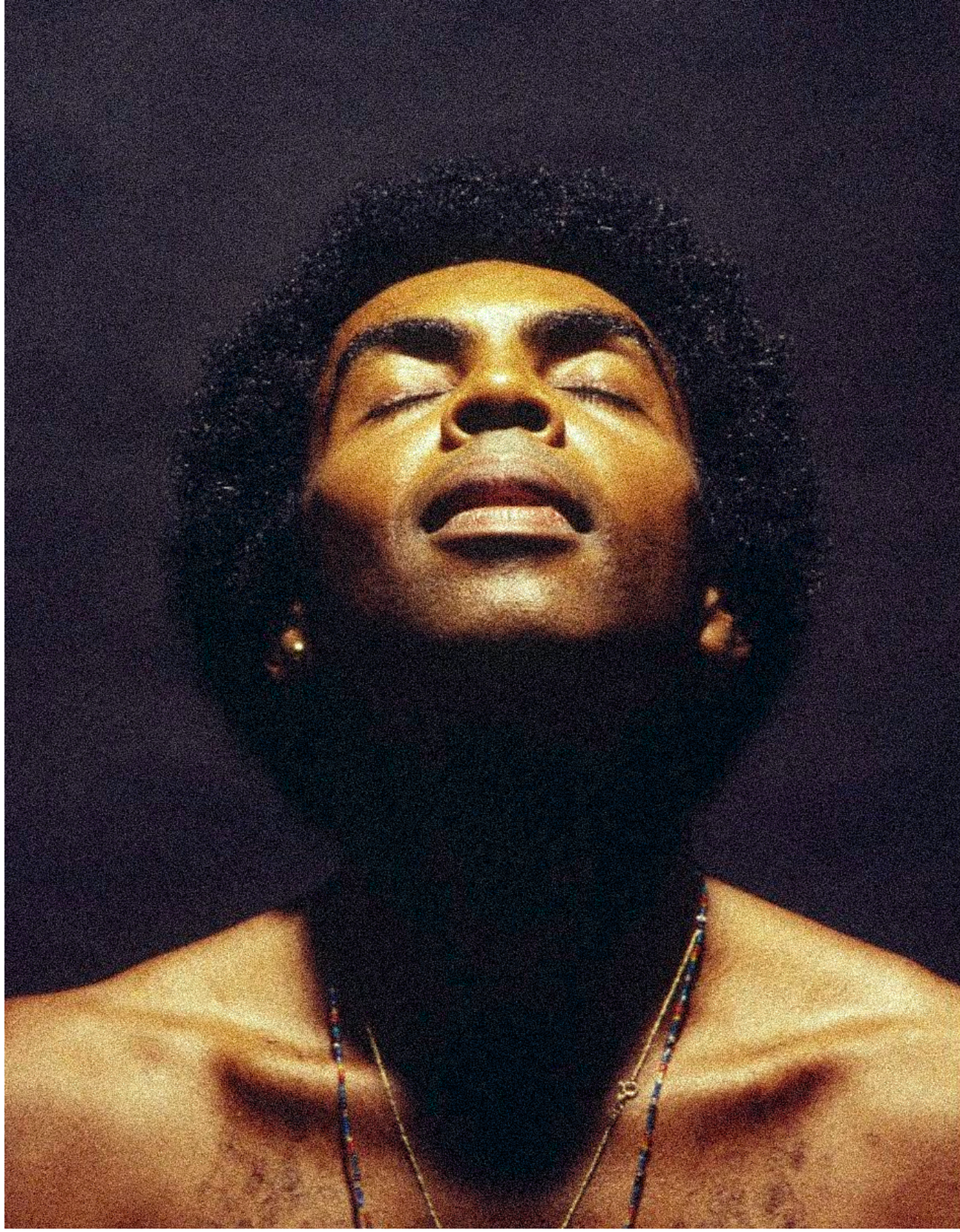
Gilberto Gil e Rita Lee Jones em 1974/76
Autor não identificado



Gilberto Gil e Caetano Veloso durante o seu exílio em Londres, 1969
Autor não identificado

Caetano Veloso e Gilberto Gil durante o seu exílio em Londres, 1972
Autor não identificado





Gilberto Gil para a capa do álbum “Luar - A gente precisa ver o luar”, 1981
David Drew Zingg

GAL COSTA

1945

Maria da Graça Costa Penna Burgos

Nasce em Salvador a 26 de setembro de 1945

É uma cantora, compositora e multi-instrumentista.



ÁLBUNS

Domingo
1967

Tropicália ou Panis et Circencis
1968

Gal Costa
1969

Gal
1969

Legal
1970

-Fa-Tal- Gal a Todo o Vapor
1971

Índia
1973

Temporada de Verão
1974

Cantar
1974

Doces Bárbaros
1976

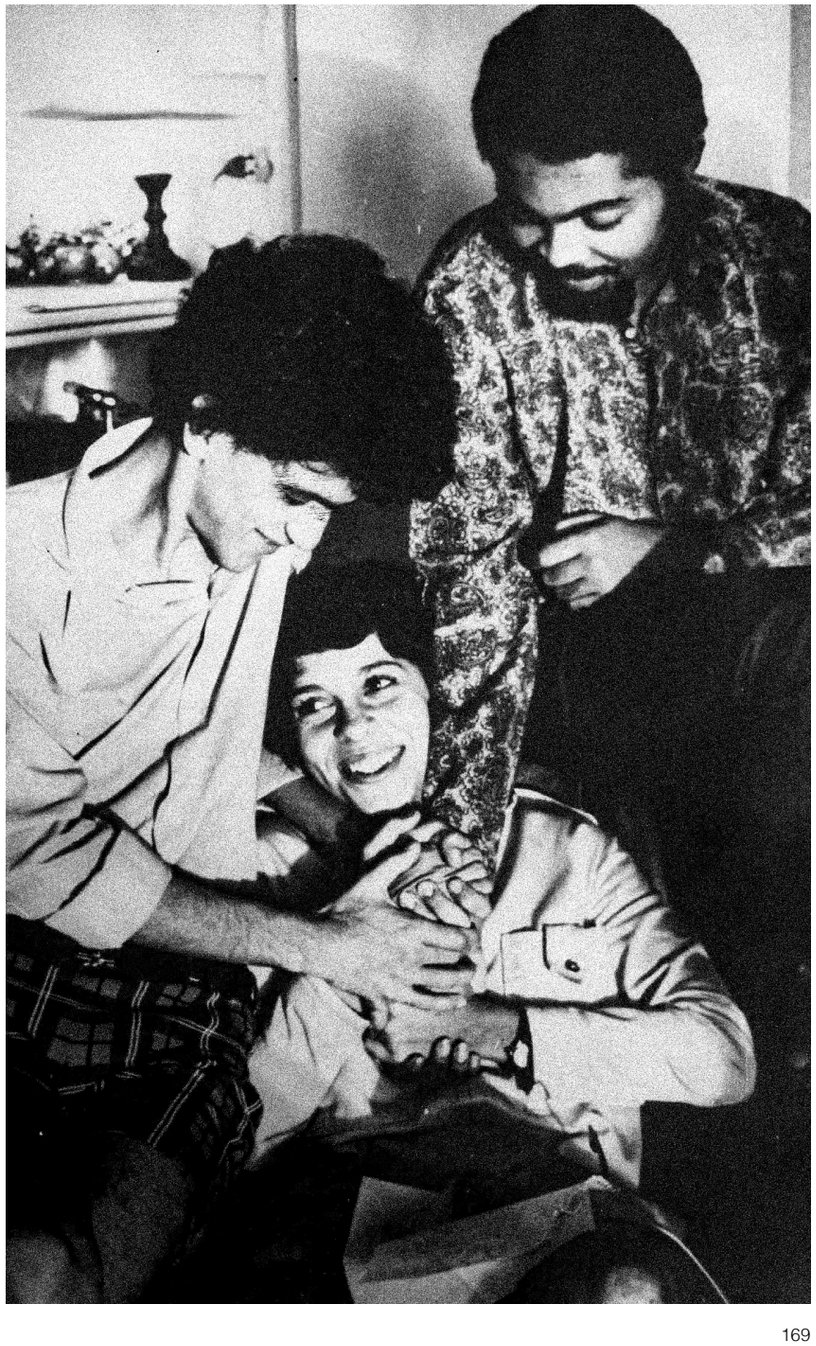
Gal Canta Caymmi
1976

Cara & Bocas
1977



Gal Costa no estúdio no início dos anos 70
Arquivo / Divulgação

Caetano Veloso, Gal Costa e Gilberto Gil em 1968
Paulo Salomão





Gal Costa e Chico Buarque, Rio de Janeiro, 1971
Autor não identificado

Gal Costa e Maria Bethânia no programa “Mulher 80” , 1979
Arquivo / O Globo





Gal Costa durante a sessão fotográfica para a capa do álbum “Cantar”, 1974
Thereza Eugênia



Caetano Veloso com Gal durante a sessão fotográfica para a capa de álbum “Gal Costa”, 1968
Autor não identificado

Gal Costa, 1974/1976
Autor não identificado





Gal Costa e Maria Bethânia cantam “Sol Negro” de Caetano Veloso, 1965
David Drew Zingg

TOM ZÉ

1936

Antônio José Santana Martins

Nasce em Irará a 11 de outubro de 1936

É um compositor, cantor, arranjador.



ÁLBUNS

Tom Zé

1968

Tropicália ou Panis et Circencis

1968

Tom Zé

1970

Tom Zé

1972

Estudando o Samba

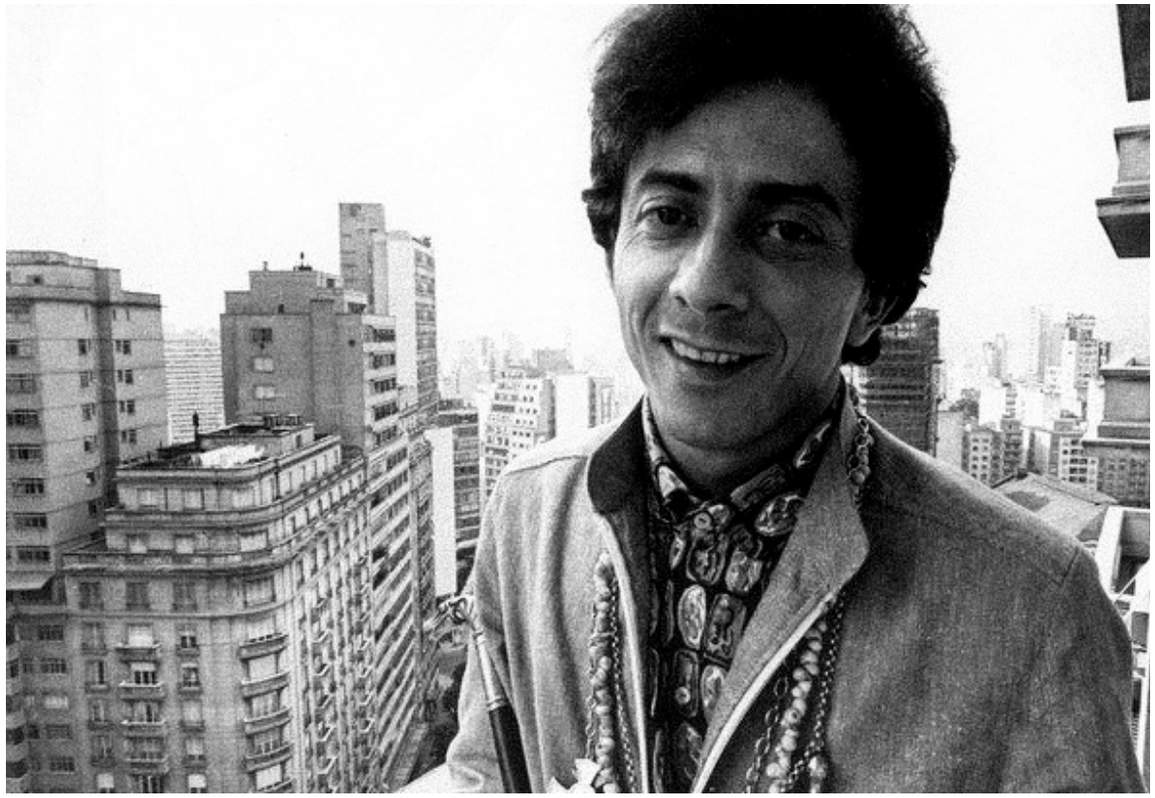
1976

Tom Zé no Festival de MPB IV, 1968
Arquivo / TV Record



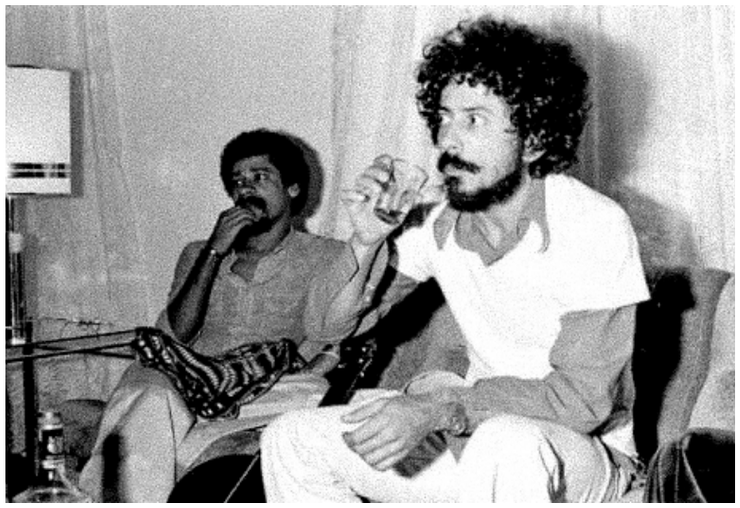
Tom Zé com Gal Costa, 1968
Autor não identificado

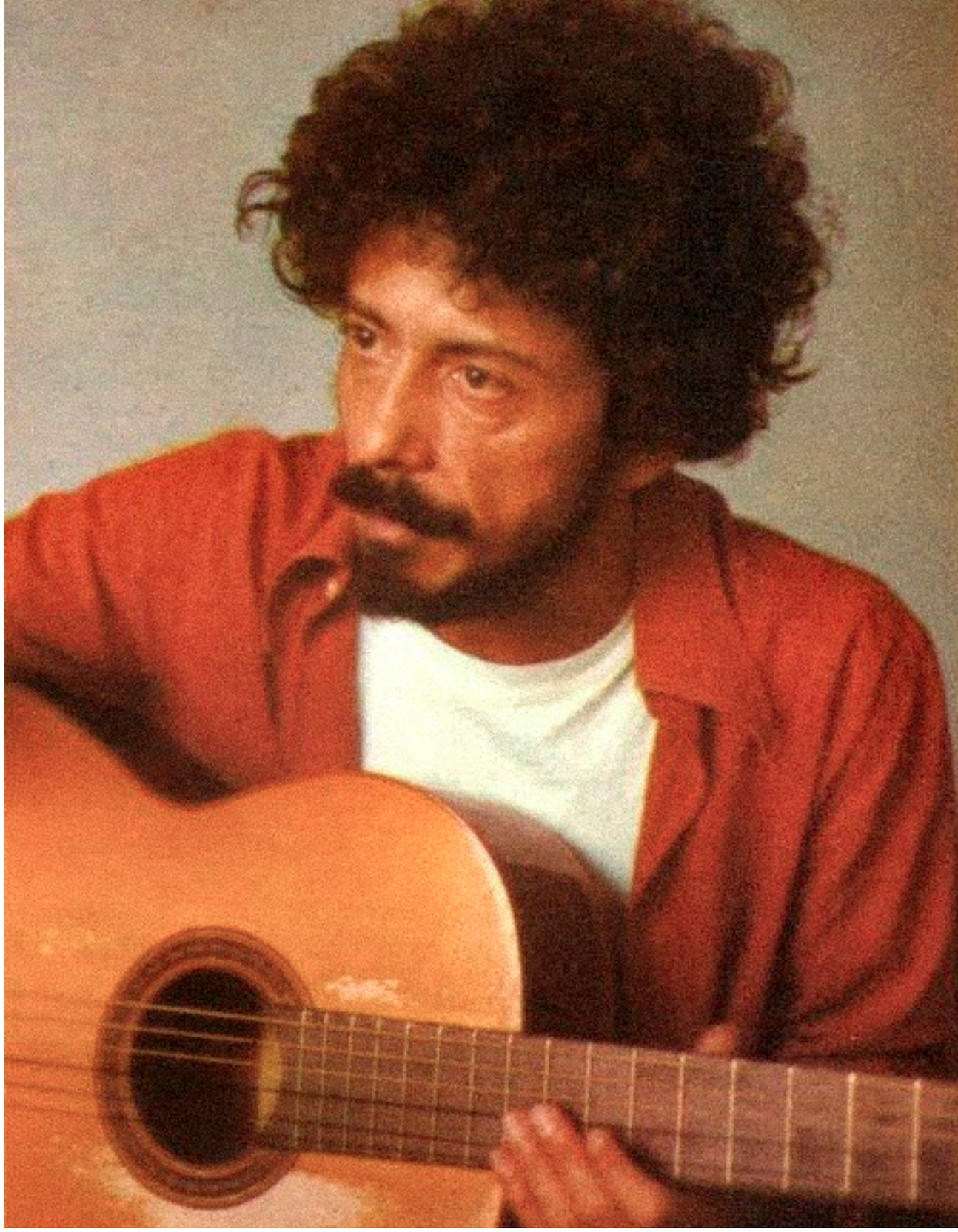




Tom Zé em São Paulo, 1969
Autor não identificado

Tom Zé no início dos anos 70
Autor não identificado





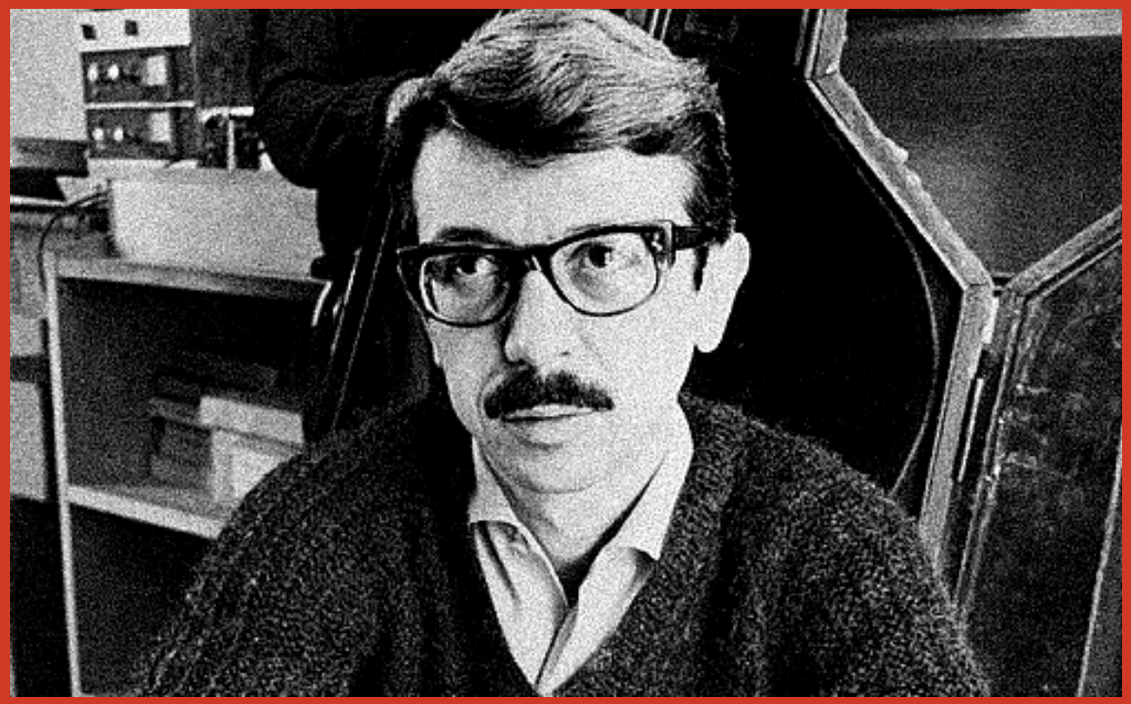
Tom Zé no início dos anos 70
Autor não identificado

ROGÉRIO DUPRAT 1932 2006

Rogério Duprat

Nasce no Rio de Janeiro a 7 de fevereiro de 1932
Morre em São Paulo a 26 de outubro de 2006

Foi um compositor, arranjador e maestro.



ÁLBUNS

Dedicado a Você
1967

A Banda Tropicalista do Duprat
1968

Tropicália ou Panis et Circencis
1968

The Brazilian Suite
1970

Nhô Look
1970

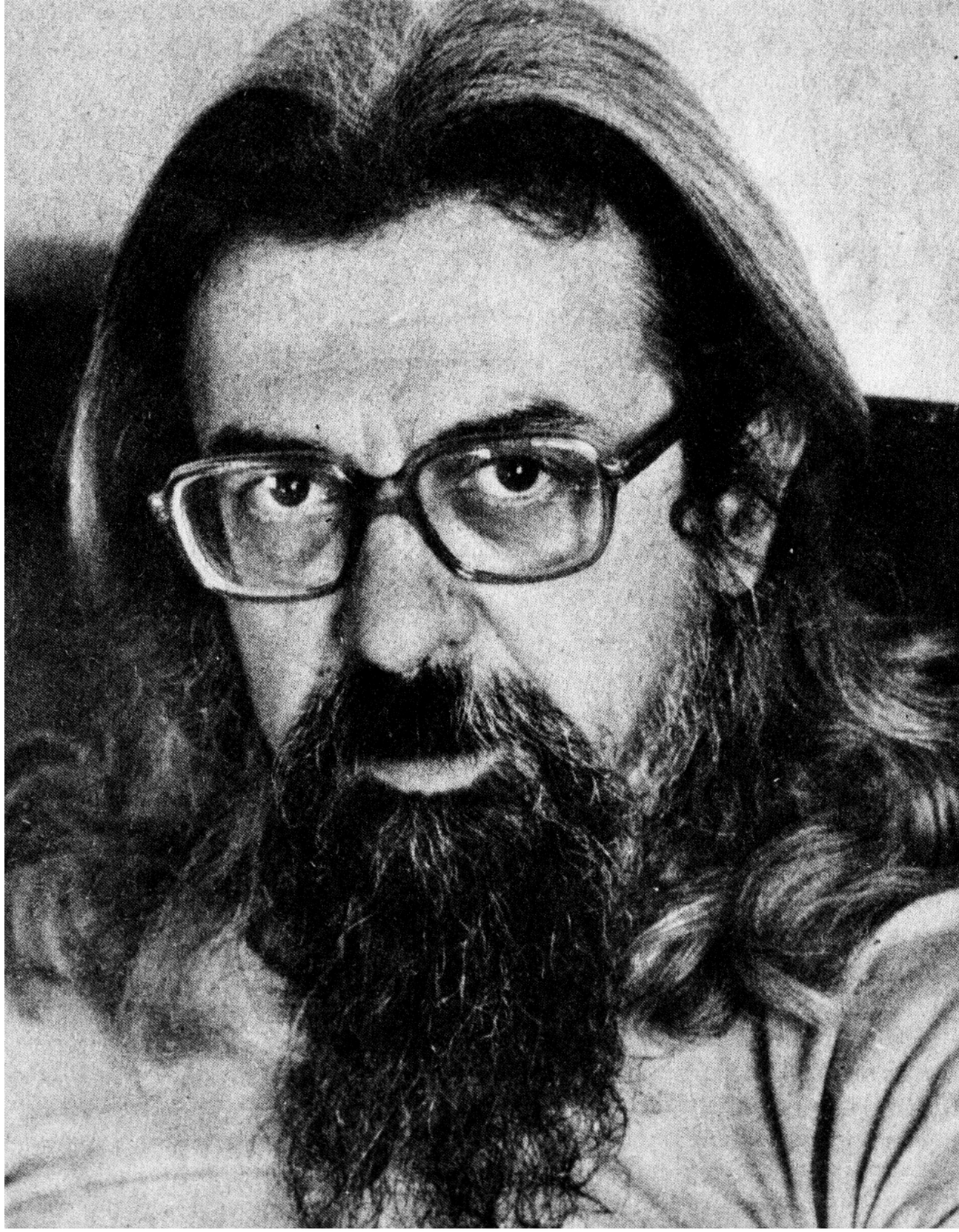
Brasil Com “S”
1974



Rogério Duprat com Os Mutantes ao vivo no III Festival de MPB, 1967
Arquivo / TV Record

Elis Regina, Milton Nascimento e Rogério Duprat em 1960
Autor não identificado





Rogério Duprat nos anos 70
Autor não identificado

RITA LEE

1947

Rita Lee Jones de Carvalho

Nasce em São Paulo a 31 de dezembro de 1947

É uma cantora, compositora, multi-instrumentista, atriz, escritora e ativista, de ascendência norte-americana e italiana.



ÁLBUNS

Os Mutantes
1968

Tropicália ou Panis et Circencis
1968

Mutantes
1969

A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado
1970

Build Up
1970

Jardim Elétrico
1971

Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets
1972

Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Sua Vida
1972

Tudo Foi Feito Pelo Sol
1974

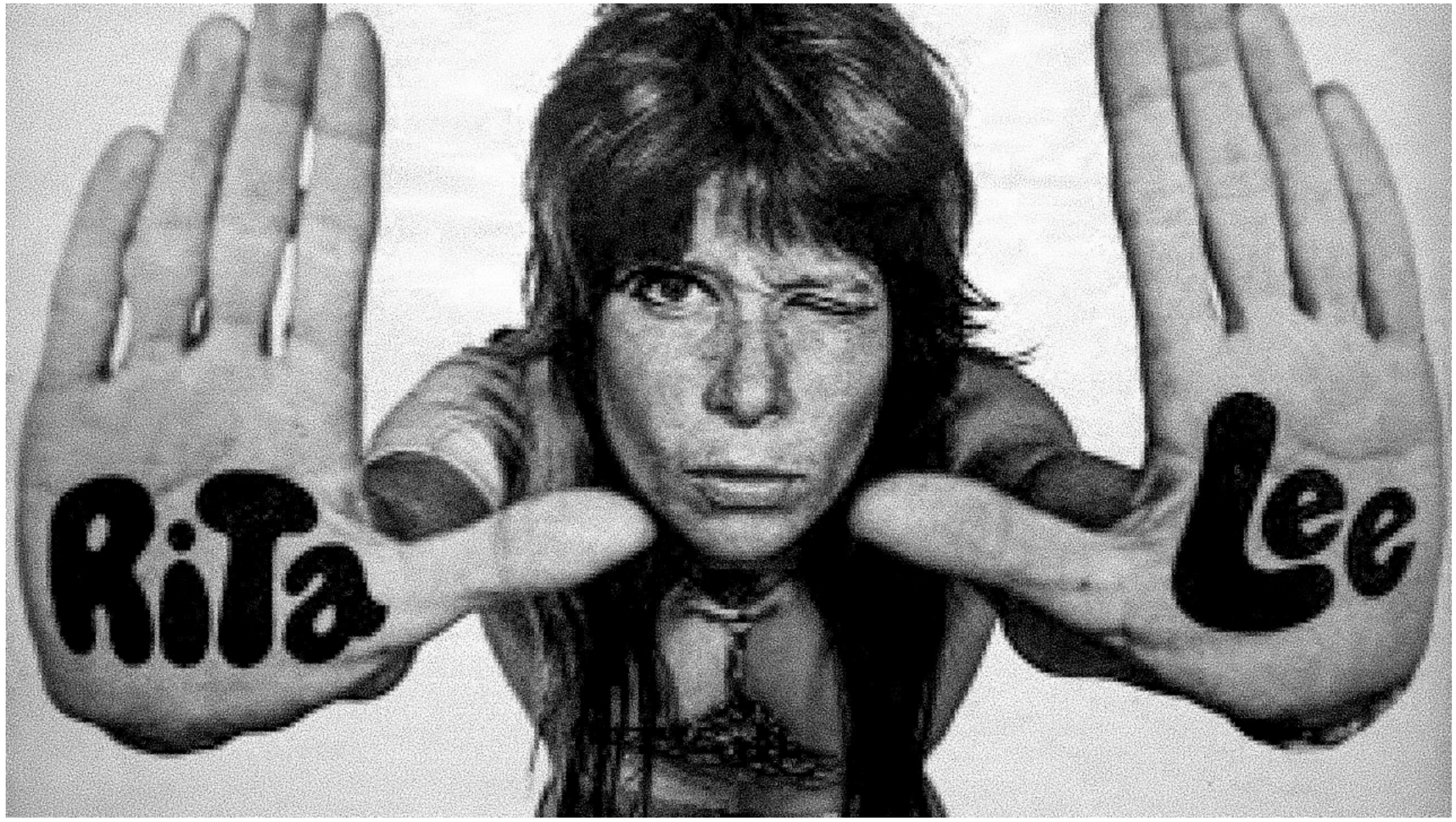
Atrás do Porto Tem uma Cidade
1974

Fruto Proibido
1975

Ao Vivo
1976

Entradas e Bandeiras
1976

Refestança
1977



Rita Lee Jones em fotografia de interior do álbum “Hoje O Primeiro Dia Do Resto Da Sua Vida”, 1972
Autor não identificado



Arnaldo Baptista, Sérgio Dias e Rita Lee Jones em reportagem à Folhapress, 1966
Edvaldo / Folhapress

Rita Lee para a revista “O Cruzeiro”, 1973
Autor não identificado





Arnaldo Baptista e Rita Lee Jones, 1969
Autor não identificado

JORGE BEN

1945

Jorge Duílio Lima Meneses OMC

Nasce no Rio de Janeiro a 22 de março de 1945

É um violonista, pandeirista, guitarrista, percussionista, cantor e compositor.



ÁLBUNS

O Bidú - Silêncio no Brooklyn
1967

Jorge Ben
1969

Força Bruta
1970

Negro é Lindo
1971

Ben
1972

Live on Stage
1972

A Tábua de Esmeralda
1974

Xangô Ongum
1975

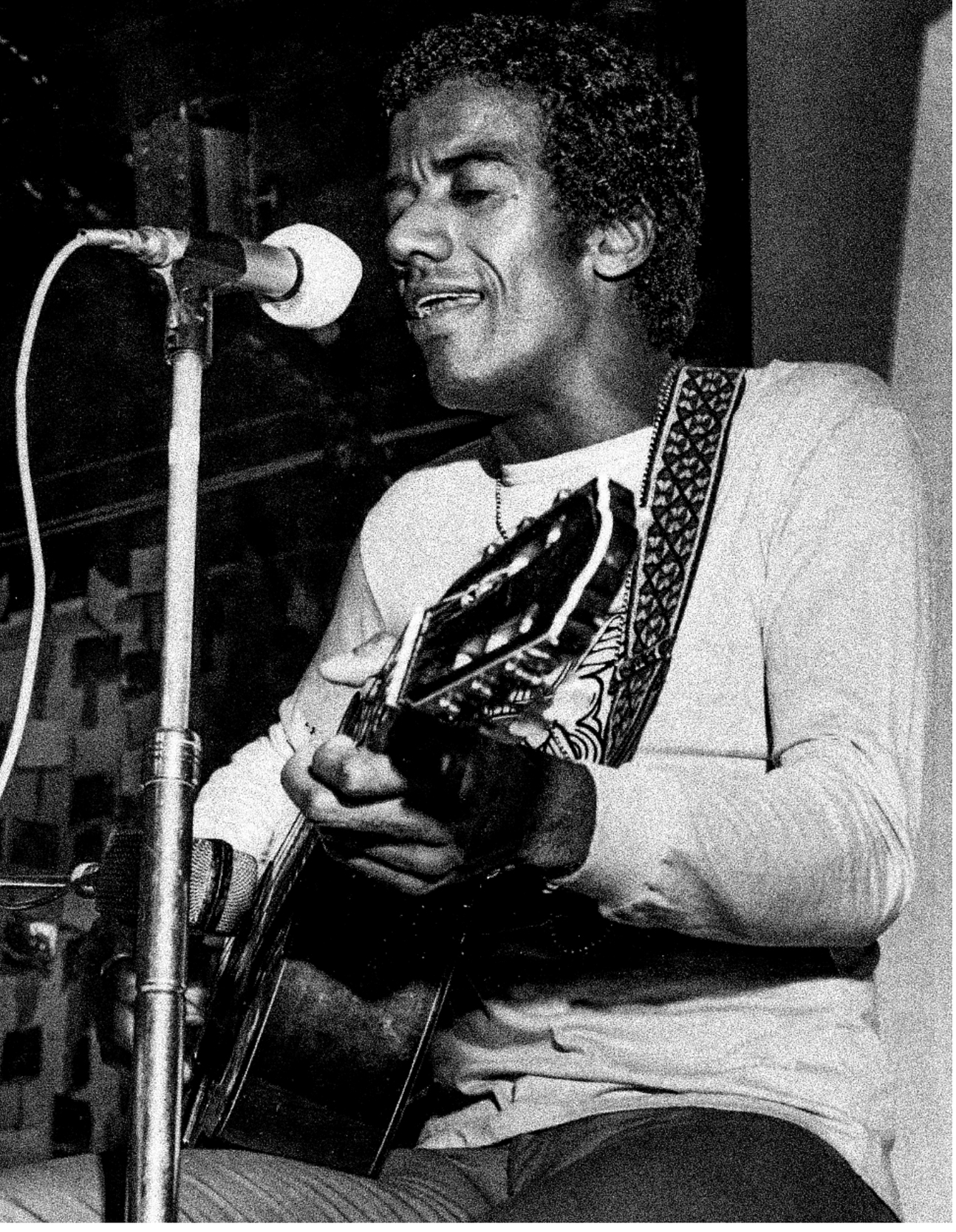
Solta o Pavão
1975

A L'Olympia
1975

Dal Vivo al Sistina
1975

África Brasil
1976

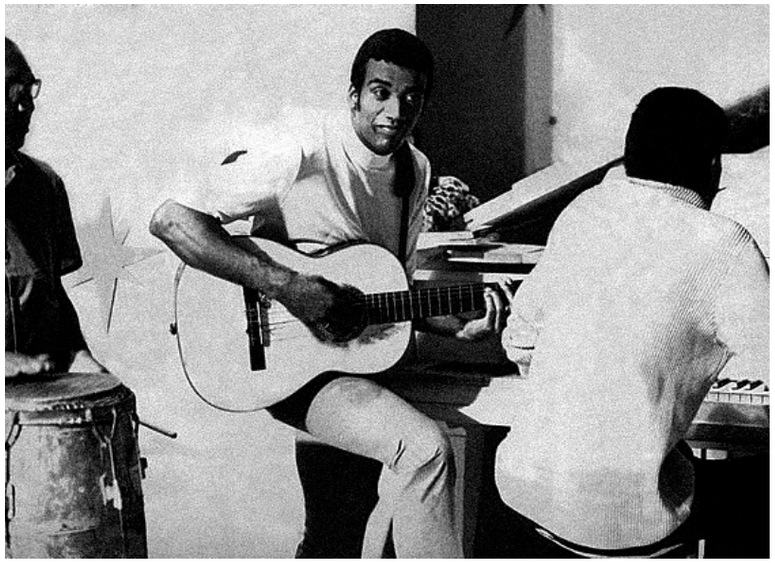
Tropical
1976



Jorge Ben no Rio de Janeiro, 1972
Arquivo Nacional

Gilberto Gil e Jorge Ben, 1968
Arquivo / O Globo





Jorge Ben durante concerto no Rio de Janeiro, 1969
Arquivo / Estadão

Jorge Ben no início dos anos 70
Autor não identificado





Jorge Ben Para a capa do disco “Bem-Vinda Amizade”, 1981
Oskar

NARA LEÃO 1942 1989

Nara Lofego Leão

Nasce em Vitória a 19 de janeiro de 1942
Morre no Rio de Janeiro a 7 de junho de 1989

Foi uma cantora, compositora e instrumentista.



ÁLBUNS

Nara
1967

Vento de Maio
1967

Nara Leão
1968

Tropicália ou Panis et Circencis
1968

Coisas do Mundo
1969

Dez Anos Depois
1971

Meu Primeiro Amor
1975

Os Meus Amigos São um Barato
1977

Chico Buarque e Nara Leão durante o “Circuito Universitário”
em que concertos de MPB eram levados às universidades, 1973
Pedro Martinelli





Nara Leão em sua casa, 1964
Acervo Nara Leão



Nara Leão, Caetano Veloso, Gilberto Gil e os Beat Boys no programa “Divino, Maravilhoso”, 1968 / Acervo Nara Leão



Chico Buarque atua com Nara Leão, 1967
Autor não identificado



Nara Leão no final dos anos 60
Arquivo / Divulgação

SÉRGIO BAPTISTA

1950

Sérgio Dias Baptista

Nasce em São Paulo a 1 de dezembro de 1950.

Guitarrista, cantor e compositor.



ÁLBUNS

Os Mutantes
1968

Tropicália ou Panis et Circencis
1968

Atrás Do Porto Tem Uma Cidade
1974

Ao Vivo
1976

Mutantes
1969

A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado
1970

Jardim Elétrico
1971

Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets
1972

Tudo Foi Feito Pelo Sol
1974

Caetano Veloso, Gilberto Gil e Os Mutantes, no Festival MPB em 1968
na apresentação de “É proibido proibir”
Arquivo / TV Record



Público vaia a atuação “É proibido proibir” no Festival MPB IV
Arquivo / TV Record





Os Mutantes, Caetano Veloso e Gilberto Gil nas gravações de
“Domingo no Parque” e “Alegria, Alegria” em 1967
Arquivo / Manchete

ARNALDO BAPTISTA

1948

Arnaldo Dias Baptista

Nasce em São Paulo a 6 de julho de 1948

Cantor e compositor e artista visual.



ÁLBUNS

Os Mutantes
1968

Tropicália ou Panis et Circencis
1968

Mutantes
1969

A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado
1970

Jardim Elétrico
1971

Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets
1972

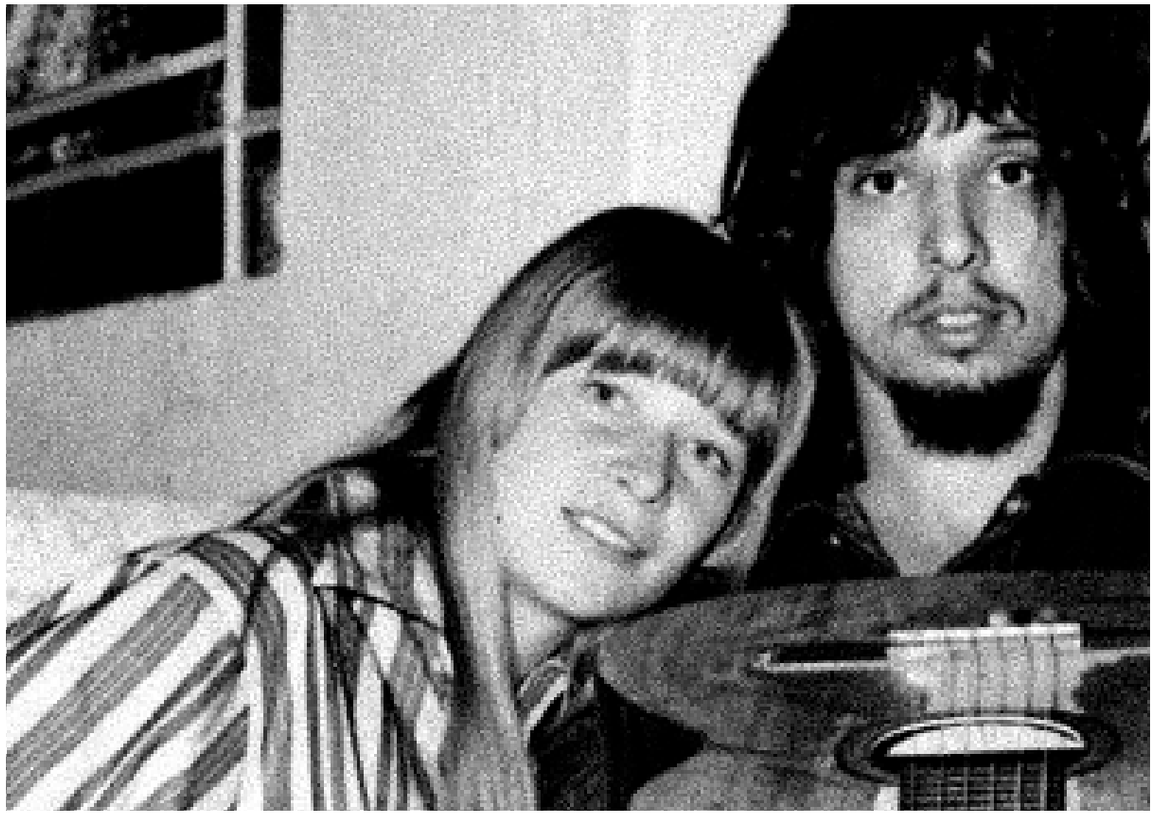
Loki?
1974

Tudo Foi Feito Pelo Sol
1974

Atrás do Porto Tem uma Cidade
1974

Ao Vivo
1976

Rita Lee e Arnaldo Baptista em 1971
Autor não identificado





Rita Lee e Arnaldo Baptista no final dos anos 60
Autor não identificado



Os Mutantes, 1966
Arquivo / Divulgação

HÉLIO OITICICA

1937
1980

Hélio Oiticica

Nasce no Rio de Janeiro a 26 de julho de 1937
Morre no Rio de Janeiro a 22 de março de 1980

Foi um pintor, escultor, artista plástico e performático.

OBRAS

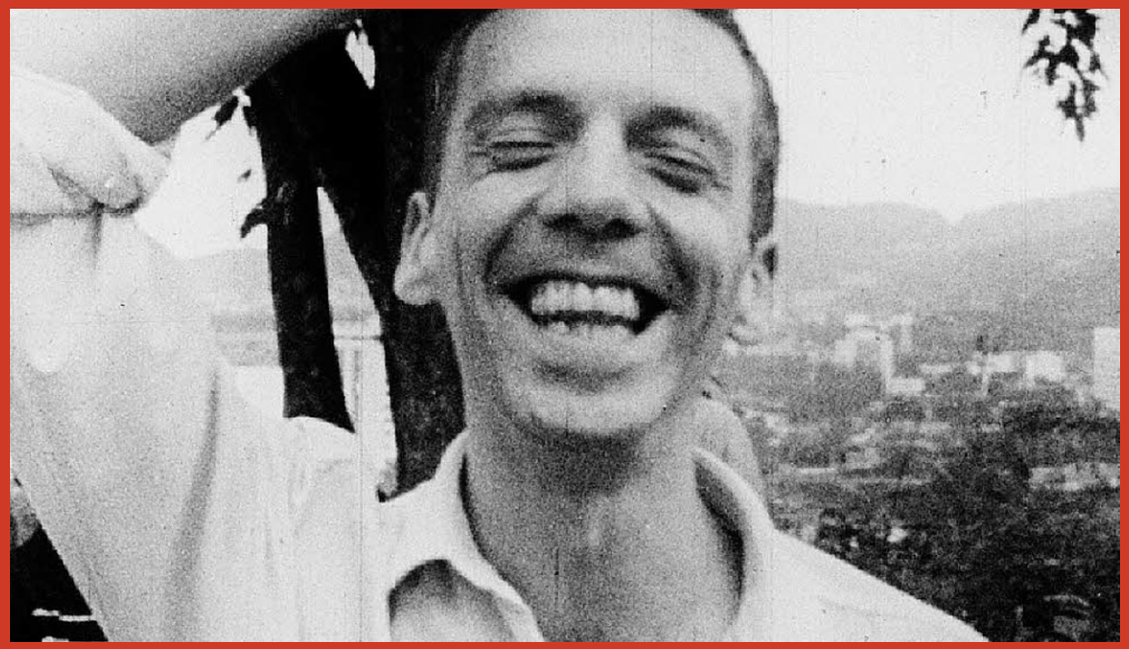
Parangolés
1964/1979

Tropicália
1967

Seja marginal, Seja herói
1968

DESIGN

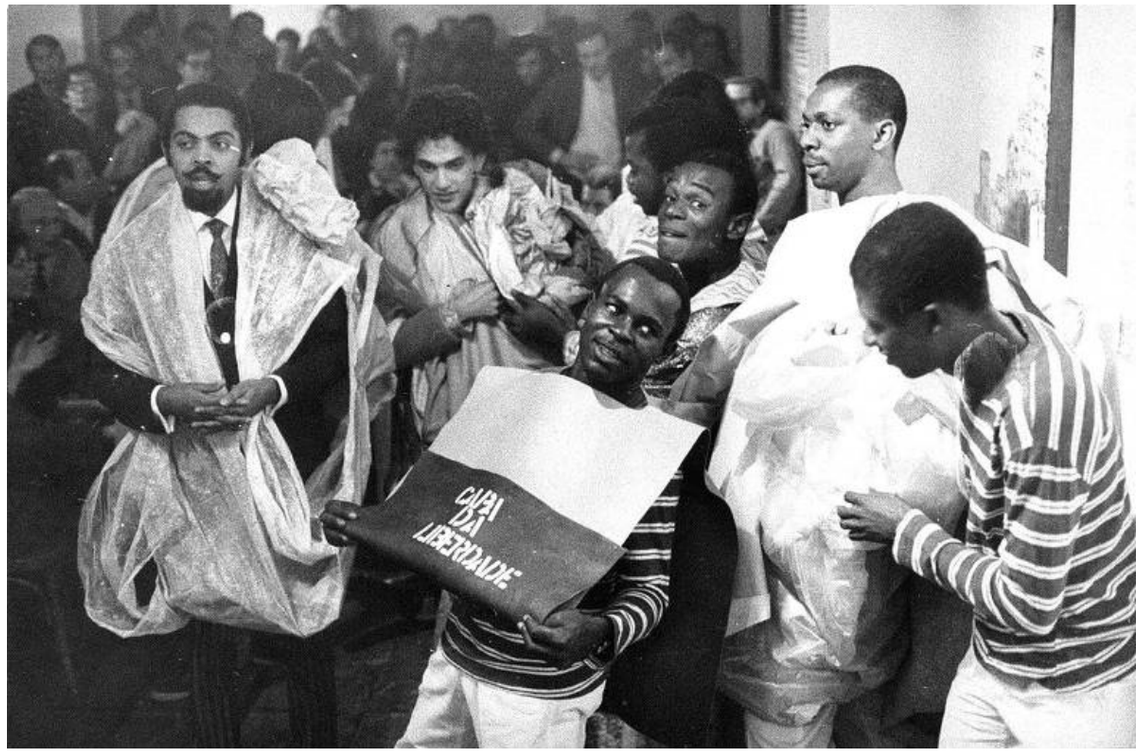
LEGAL
1970

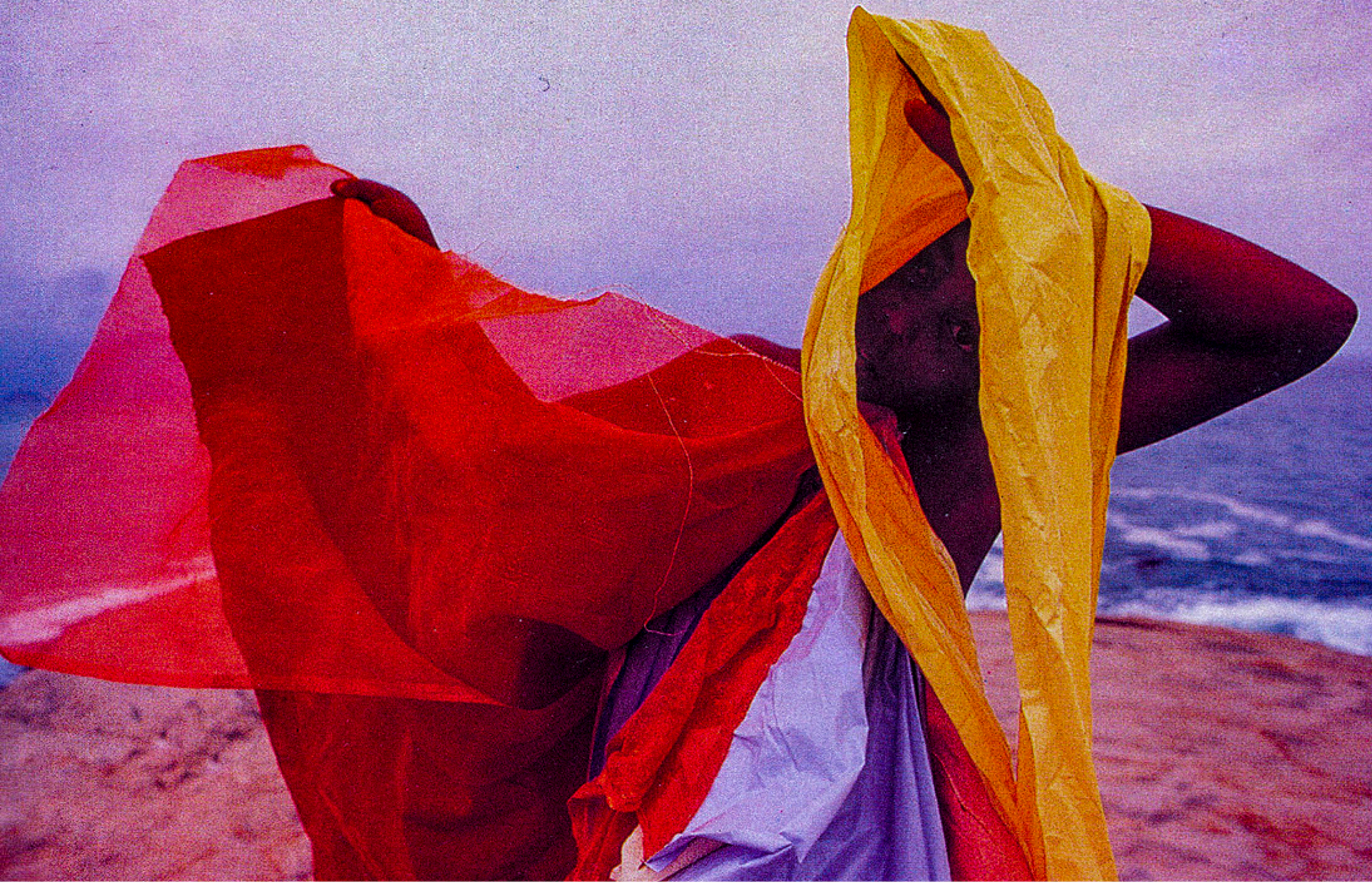


Parangolé P15, “Eu Incorporo a Revolta”, 1967
Autor não identificado



Gilberto Gil e Caetano Veloso, em 1968, ambos vestem parangolés de Hélio Oiticica
Arquivo / Reprodução





Parangolé P4, 1964
Sérgio Zalis

Cerimónia indígena que influenciou os parangolés
de Hélio Oiticica, Benin, 2009
Ricardo Teles

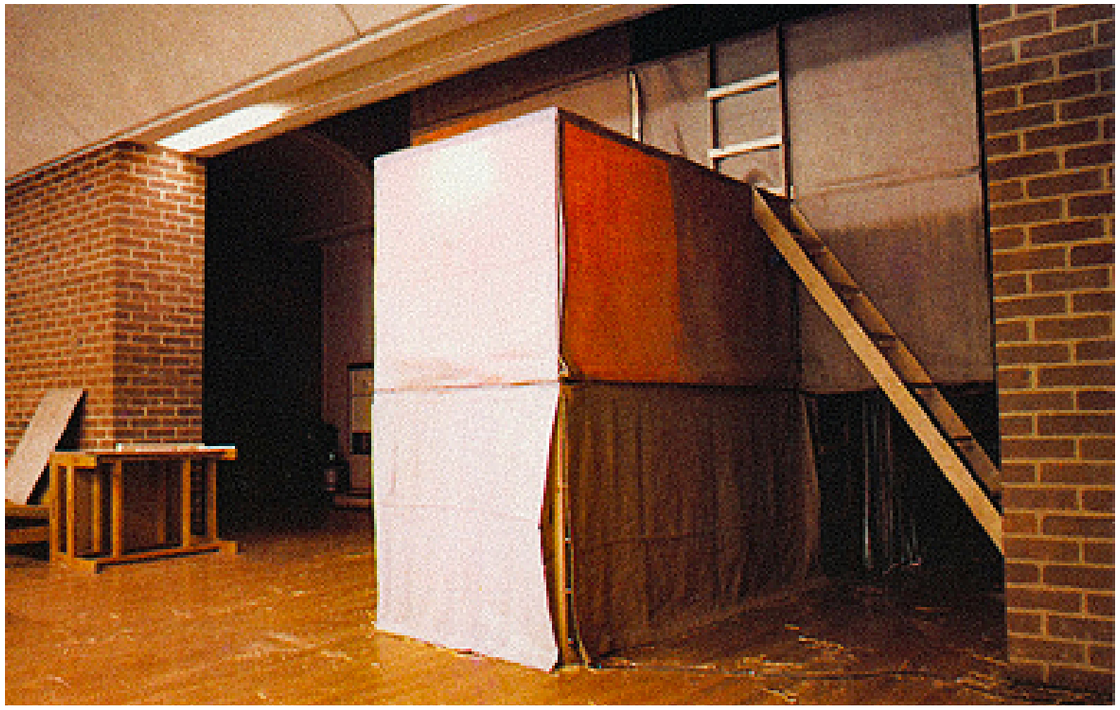


Romero Cavalcanti veste Parangolé P33, Nova Ioque, 1972
Hélio Oiticica





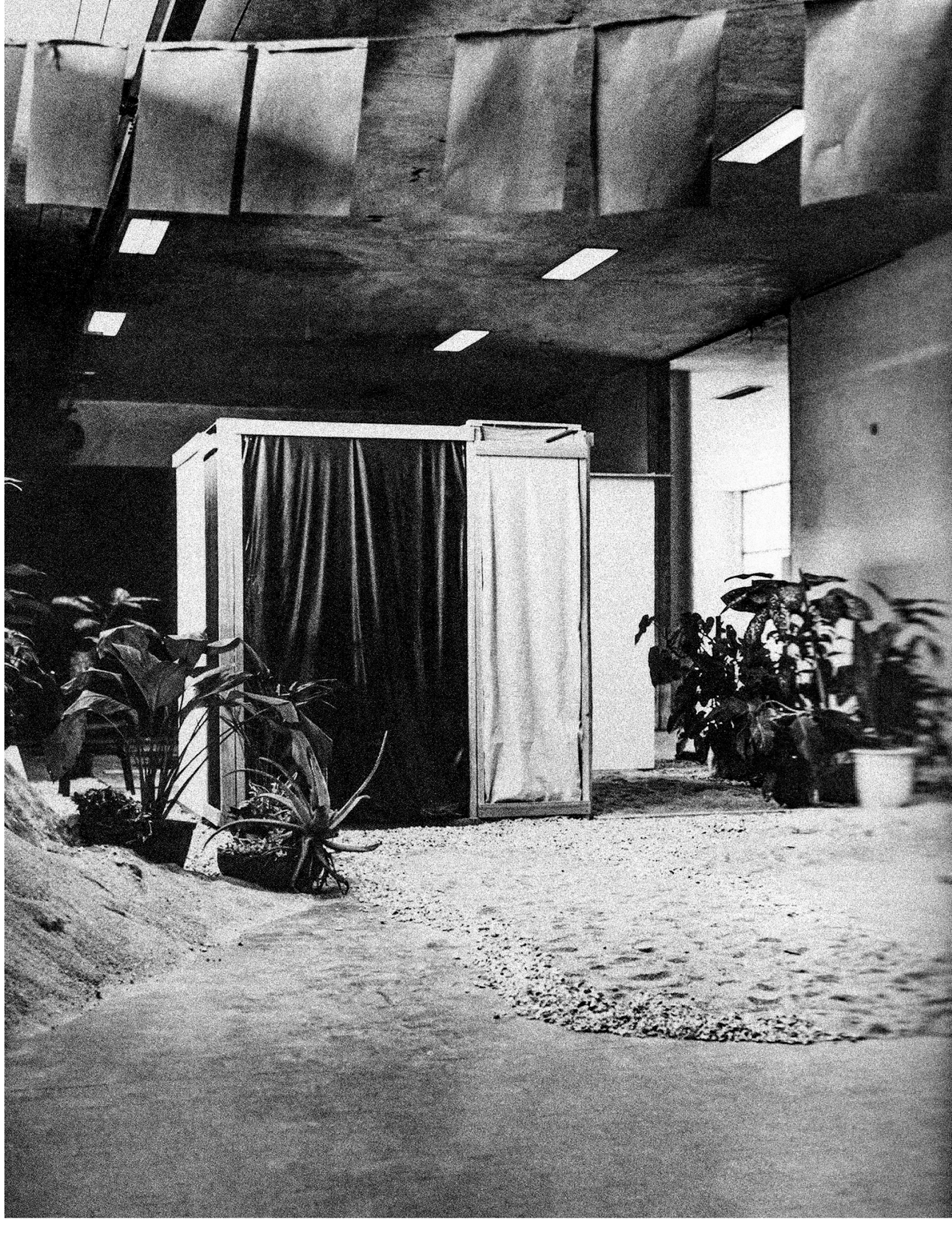
Performer da Escola de Samba Mangueira com parangolé de Hélio Oiticia, 1964
Autor não identificado



Ninhos, 1969, Rio de Janeiro
Autor não identificado

Instalação Tropicália, Londres, 1966/67
Arquivo / Tate





Instalação Tropicália, Rio de Janeiro, 1967
Projeto Hélio Oiticica

Bandeiras “Seja Marginal, Seja Herói”
de Hélio Oiticica, 1968





ROGÉRIO DUARTE 1939 2016

Rogério Duarte Guimarães

Nascido em Ubaíra a 10 de abril de 1939

Morre em Brasília a 14 de abril de 2016

Foi um designer, ilustrador, músico, escritor e intelectual.



DESIGN

Caetano Veloso

1968

Gilberto Gil

1968

Ao Vivo

1974

Jorge Mautner

1974

Cantar

1974

Qualquer Coisa

1975

Xangô Ogum

1975

Refazenda

1975



Cara a Cara de Júlio Bressane, 1967



Meteorango Kid: O Herói Intergalático de André Luiz, 1969



Cartaz de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” de Glauber Rocha, 1964
Design de Rogério Duarte



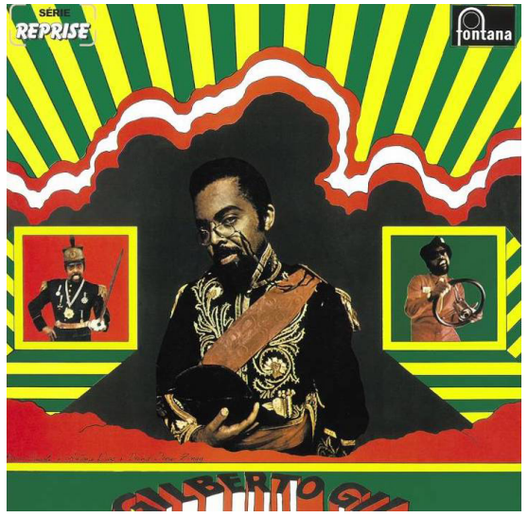
Terra em Transe de Glauber Rocha, 1967



A Idade da Terra de Glauber Rocha, 1980



Caetano Veloso
Caetano Veloso_PHILIPS
Design de Rogério Duarte



Gilberto Gil
Gilberto Gil_PHILIPS
Design de Rogério Duarte



Jorge Mautner
Jorge Mautner_POLYDOR
Design de Rogério Duarte



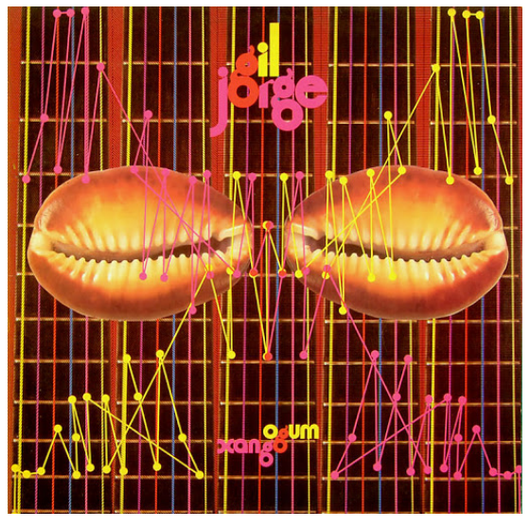
Qualquer Coisa
Caetano Veloso_PHILIPS
Design de Rogério Duarte



Cantar
Gal Costa_PHILIPS
Design de Rogério Duarte
Fotografia de Tereza Eugênia



Ao Vivo
Gilberto Gil_PHILIPS
Design de Rogério Duarte & Aldo Luiz
Fotografia de Ricardo Jochen



Xangô Ogum
Gilberto Gil & Jorge Ben_PHILIPS
Design de Rogério Duarte



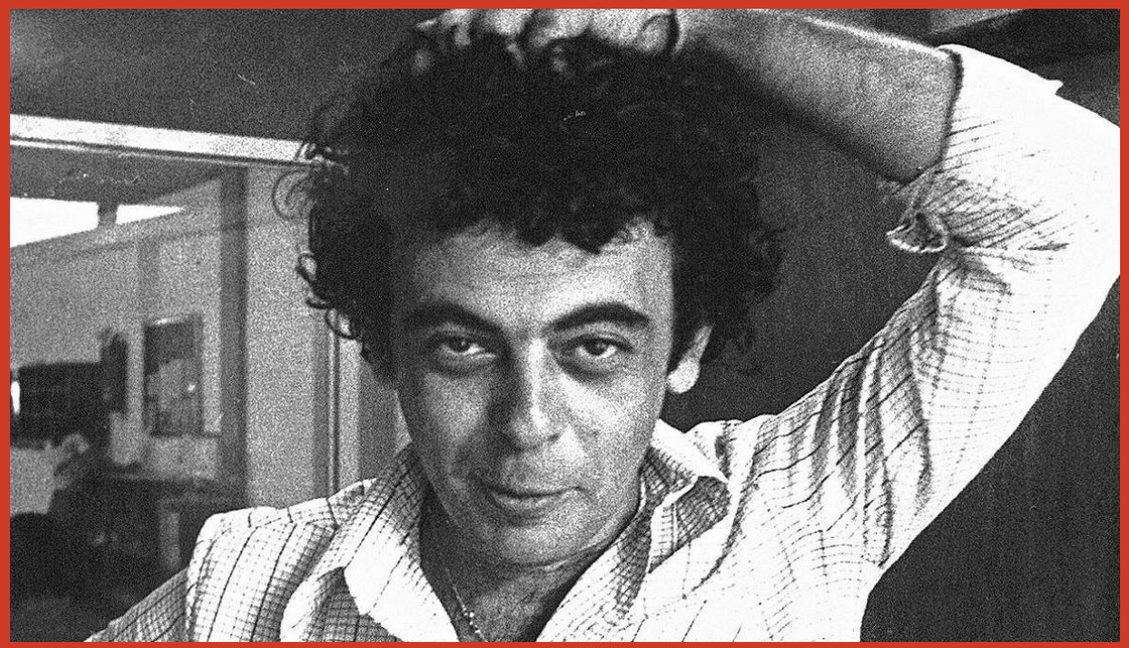
Refazenda
Gilberto Gil_PHILIPS
Design de Rogério Duarte & Aldo Luiz

GLAUBER ROCHA 1939 1981

Glauber de Andrade Rocha

Nasce em Vitória da Conquista a 14 de março de 1939
Morre no Rio de Janeiro a 22 de agosto de 1981

Foi um cineasta, ator e escritor.



FILMES

Barravento
1962

Deus e o Diabo na Terra do Sol
1964

Terra em Transe
1967

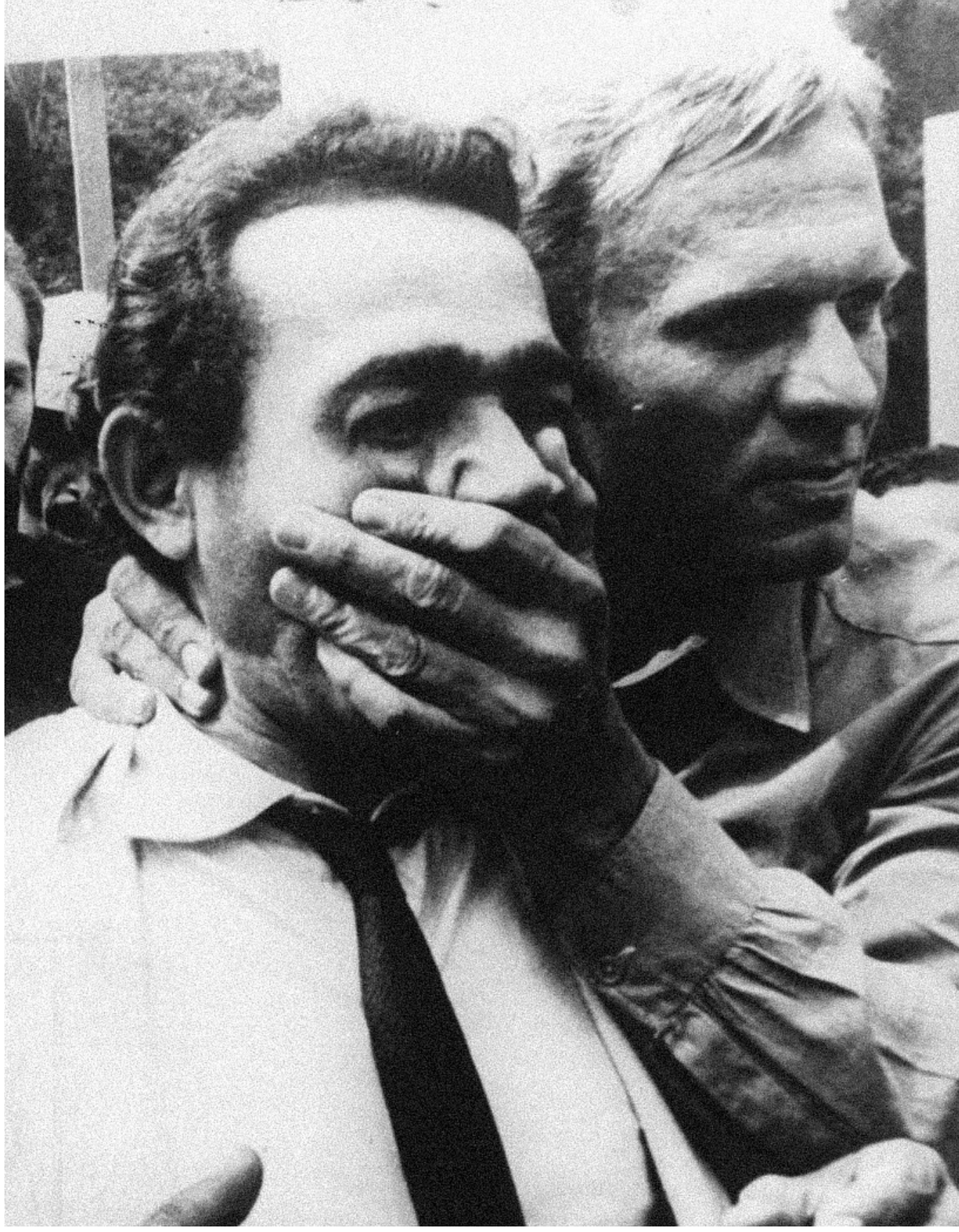
A Idade da Terra
1980



Godard, ao fundo, e Glauber Rocha durante as filmagens de “Vento Leste”, Roma, 1968
Autor não identificado

Glauber Rocha na gravações de “Barravento”, 1961
Autor não identificado





Frame do filme “Terra em Transe”, 1967
Filme de Glauber Rocha

TORQUATO NETO 1944 1972

Torquato Pereira de Araújo Neto

Nasce em Teresina a 9 de novembro de 1944
Morre no Rio de Janeiro a 10 de novembro de 1972

Foi um poeta, jornalista, letrista de música popular.



ÁLBUNS (como letrista)

Domingo
(Minha Senhora; Zabelê)
Caetano Veloso e Gal Costa
1967

Louvação
(Louvação; A Rua; Rancho da Rosa Encarnada)
Gilberto Gil
1967

Tropicália ou Panis et Circencis
(Geléia Geral; Mamãe, Coragem)
Vários Artistas
1968

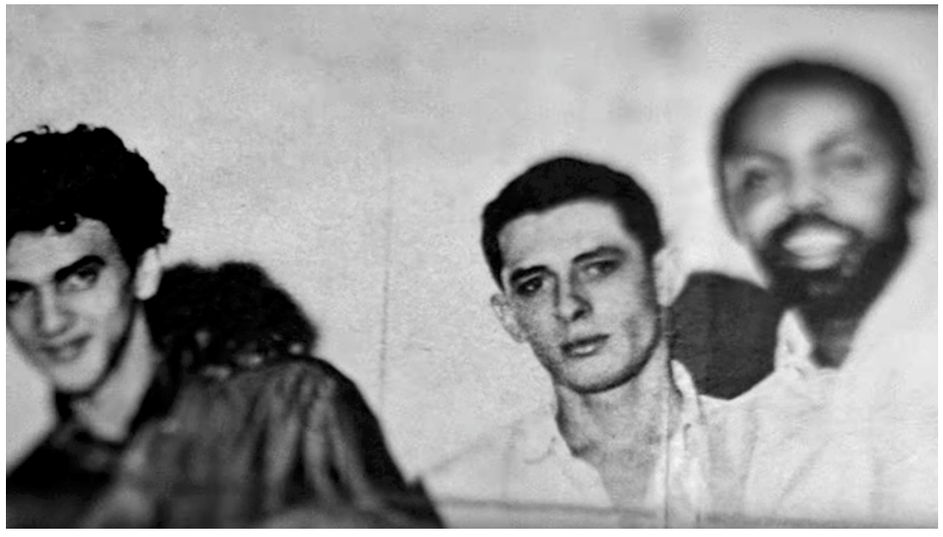
Nara Leão
(Deus Vos Salve Esta Casa Santa; Mamãe, Coragem)
Nara Leão
1968

Gilberto Gil
(Domingo; Marginália II)
Gilberto Gil
1968

Recital na Boite Barroco
(Marginália II)
Maria Bethânia
1968

Gal Costa
(A Coisa Mais Linda Que Existe)
Gal Costa
1969

Caetano Veloso, Torquato Neto e Gilberto Gil
Arquivo / Divulgação





Torquato Neto
Acervo Artístico de Torquato Neto



Torquato Neto nas gravações do filme “Nosferatu in Brasil” de Ivan Cardoso, 1971
Arquivo / Reprodução

Torquato Neto e a jornalista, atriz e escritora Scarlet Moon nas gravações do filme “Nosferatu in Brasil”, 1971
Arquivo / Divulgação



Gilberto Gil, a artista plástica Maria Duarte e Torquato Neto no dia do seu casamento, 1967
Arquivo / Reprodução



JOSÉ CAPINAM 1941

José Carlos Capinam

Nasce em Esplanada a 19 de dezembro de 1941

É um poeta, músico e letrista.



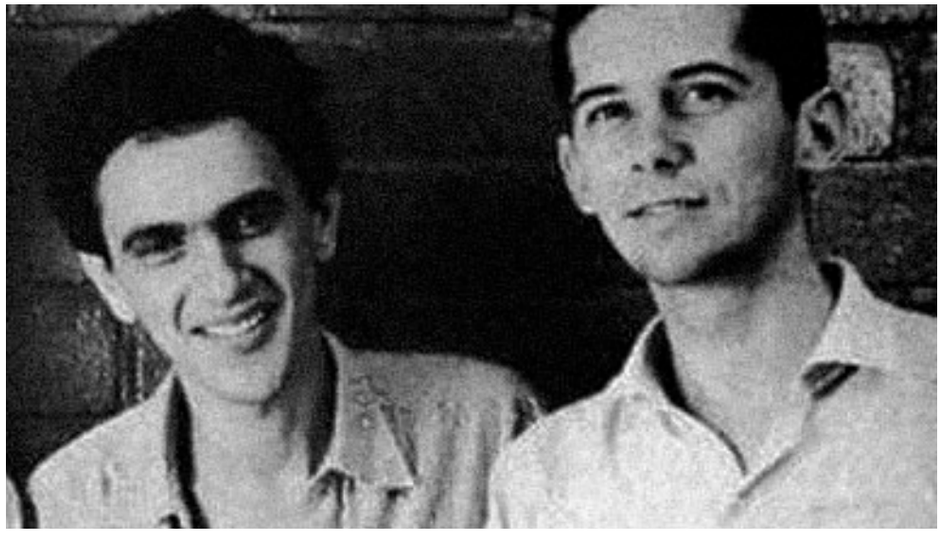
ÁLBUNS (como letrista)

Louvação
(Água de Meninos; Viramundo)
Gilberto Gil
1967

Caetano Veloso
(Clarice; Soy Loco Por Ti America)
Caetano Veloso
1967

Tropicália ou Panis et Circencis
(Miserere Nobis)
Vários Artistas
1968

Caetano Veloso e José Capinam, 1968
Autor não identificado





Capinam, Caetano Veloso e Torquato Neto, 1968
Autor não identificado

PARTE II

CATALOGAÇÃO

Nesta segunda parte são apresentados os 127 álbuns tropicalistas que servem de amostra e base de estudo para esta análise do legado estético do movimento contracorrente no final dos anos 60 no Brasil. Este conjunto de elementos visuais a seguir catalogados resulta da recolha de todas as obras lançadas pelos 20 artistas selecionados, ao longo de 10 anos; começando em 1967, quando o movimento tropicalista teve o seu início de forma mais assumida na MPB. Estes 20 artistas representam apenas uma amostra do que foi o movimento e das alterações que o mesmo provocou no setor musical e, consequentemente, nas imagens que os envolvem.



Domingo
Caetano Veloso & Gal Costa_PHILIPS_ Design de Gê Alves Pinto e Geysa Adnet



Louvação
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Geysa Adnet e Geraldo Alves Pinto



O Bidú - Silêncio no Brooklin
Jorge Ben_AU_ Design de autor não identificado



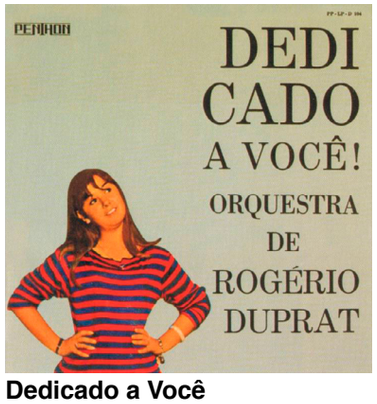
Braziliance
Marcos Valle_ODEON_ Design de Ed Thrasher



Nara
Nara Leão_PHILIPS_ Design de autor não identificado



Vento de Maio
Nara Leão_PHILIPS_ Design de autor não identificado



Dedicado a Você
Rogério Duprat_PENTHON_ Design de autor não identificado



Caetano Veloso
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte



Gilberto Gil
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte



Viola Enluarada
Marcos Valle_ODEON_ Fotografia de Galdino L. da Silva



Tom Zé
Tom Zé_ROZENBLIT_ Design de Oficina Programação Visual - SP



Tropicália ou Panis et Circencis
Caetano Veloso & Gilberto Gil & Gal Costa & Tom Zé & Os Mutantes & Rogério Duprat & Nara Leão_PHILIPS_ Design de Rubens Gerchman



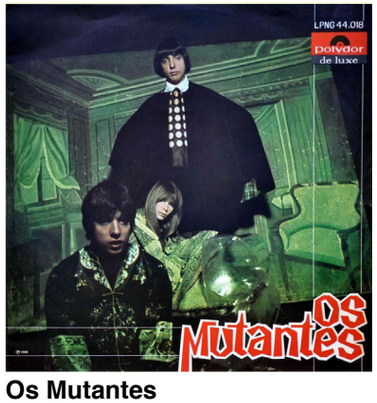
Samba ‘68
Marcos Valle_VERVE RECORDS_ Design de Acy Lehman



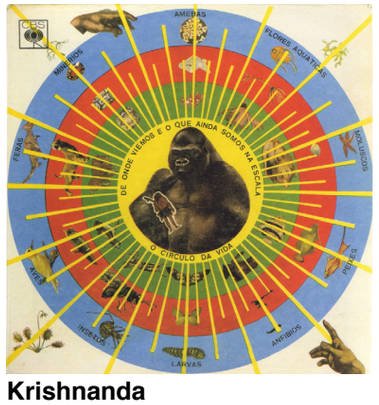
Recital na Boite Barroco
Maria Bethânia_ODEON_ Design de autor não identificado



Nara Leão
Nara Leão_PHILIPS_ Fotografia de Pedro Moraes



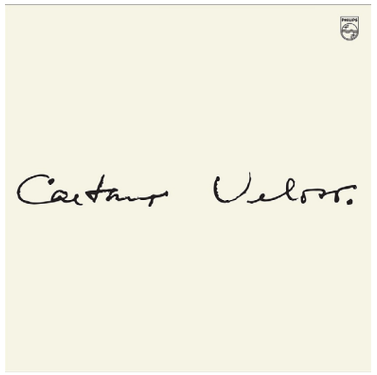
Os Mutantes
Os Mutantes_POLYDOR_ Design de Frank Longo



Krishnanda
Pedro Santos_CBS_ Design de autor não identificado



A Banda Tropicalista do Duprat
Rogério Duprat_PHILIPS_ Design de autor não identificado



Caetano Veloso
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Lincoln Nogueira



Gal Costa
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Gian



Gal
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Dircinho



Os Brazões
Os Brazões_RGE_ Design de Cynira Arruda & Nicolau



Mutantes
Os Mutantes_POLYDOR_ Design de Gê Alves Pinto



Gilberto Gil
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Lincoln Nogueira



Jorge Ben
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Guido Alberi & Lincoln Nogueira



Mustang Côr de Sangue
Marcos Valle_ODEON_ Design de autor não identificado



Maria Bethânia
Maria Bethânia_ODEON_ Design de Luiz Jasmin



Cantiga de Errante / Moça do Sobrado
Marisa Rossi_ITAMARATY_ Design de autor não identificado



Coisas do Mundo
Nara Leão_PHILIPS_ Design de Roberto Maia e Vicente Formiga



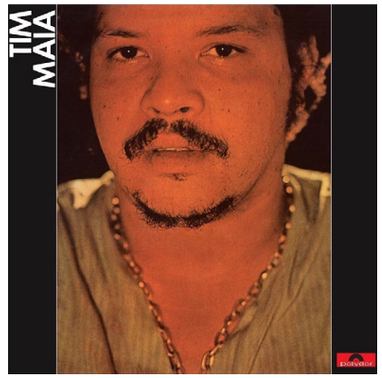
Legal
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Hélio Oiticica



Força Bruta
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Lincoln Nogueira



Marcos Valle
Marcos Valle_ODEON_ Fotografia de Alexandre Souza Lima Design de Joel Cocchiararo



Tim Maia
Tim Maia_POLYDOR_ Design de Aldo Luiz



Tom Zé
Tom Zé_RGE_ Design de Nicolau



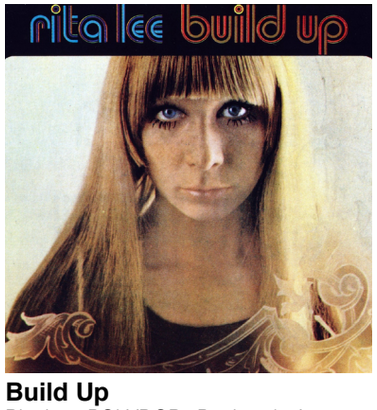
Ao Vivo
Maria Bethânia_ODEON_ Design de autor não identificado



A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado
Os Mutantes_POLYDOR _ Fotografia de Cenyra Arruda Design de Lincoln Nogueira



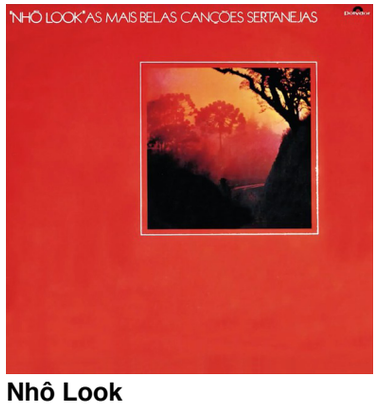
É Ferro na Boneca!
Os Novos Baianos_RGE_ Fotografia de Estudio 13 Design Nicolau



Build Up
Rita Lee_POLYDOR_ Design de Ayssa Bastos & Licinio de Almeida



The Brazilian Suite
Rogério Duprat_KPM_ Design de West Brothers Printers Limited



Nhô Look
Rogério Duprat_POLYDOR_ Design de Nilo Jorge



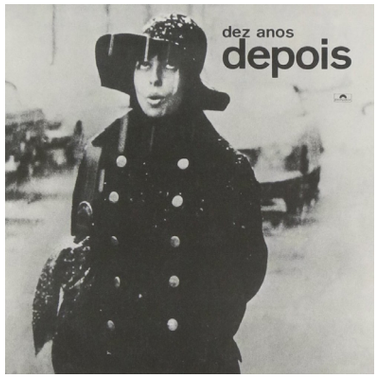
Mudei de Idéia
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_ Design de Tebaldo



Caetano Veloso
Caetano Veloso_PHILIPS_ Fotografia de Johnny Clamp Design de Linda Glover



-Fa-Tal- Gal a Todo Vapor
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Luciano Figueiredo & Oscar Ramos



Dez Anos Depois
Nara Leão_POLYDOR_ Design de autor desconhecido



Jardim Elétrico
Os Mutantes_POLYDOR_ Design de Alain Voss



Tim Maia
Tim Maia_POLYDOR_ Fotografia de José Melo Design de Aldo Luiz



Gilberto Gil
Gilberto Gil_PHILIPS_ Fotografia de Johnny Clamp Design de Linda Glover



Negro é Lindo
Jorge Ben_PHILIPS_ Fotografia de Wilney Design de Aldo Luiz



Garra
Marcos Valle_ODEON_ Fotografia de Alexandre Souza Lima Design de Joel Cocchiararo



Muita Zorra! (...São Coisas Que Glorificam a Sensibilidade Atual)
Trio Mocotó_FORMA_ Fotografia de Ricardo Cumptich Design de Aldo Luiz



Rosa dos Ventos
Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de autor não identificado



A Tua Presença
Maria Bethânia_PHILIPS_ Fotografia de Jaques Avadis Design de Aldo Luiz



en LA FUSA (Mar del Plata)
Maria Bethânia_TROVA_ Design de autor não identificado



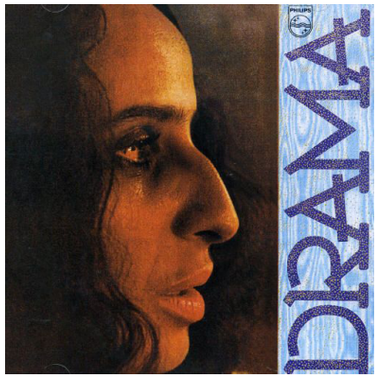
Cada Segundo
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_ Design de Rildo Hora



Juntos e ao Vivo
Caetano Veloso & Chico Buarque_ PHILIPS_ Design de Alves Pinto



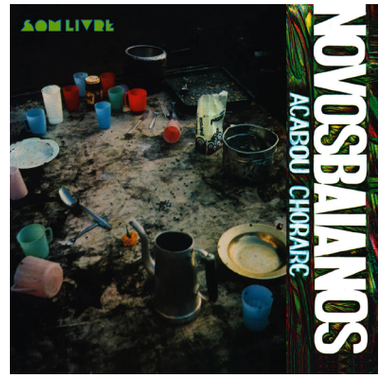
Barra 69
Caetano Veloso & Gilberto Gil_PIRATA_ Design de autor não identificado



Drama
Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de Edinizio Ribeiro_Fotografia de Lucinda Rato



Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets
Os Mutantes_POLYDOR_ Design de Alain Voss



Acabou Chorare
Os Novos Baianos_SOM LIVRE_ Design de autor não identificado



Transa
Caetano Velosol_PHILIPS_ Design de autor não identificado



Expresso 2222
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz



Ben
Jorge Ben_PHILIPS_ Fotografia de José Maria De Melo Design de Aldo Luiz



Sebastião Tapajos & Pedro Santos
Pedro Santos & Sebastião Tapajos_ TROVA_ Design de Juan Bernardo Arruabarrena



Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Sua Vida
Rita Lee_POLYDOR_ Design de Ayssa Bastos_Ilustração de Rita Lee Jones



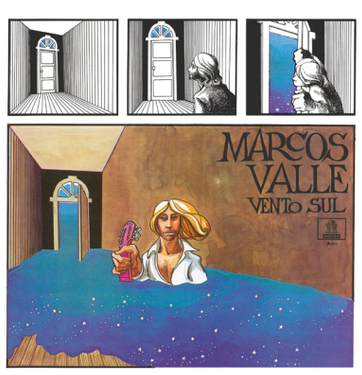
Tim Maia
Tim Maia_POLYDOR_ Design de Aldo Luiz



Live on Stage
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de DESCONHECIDO



Para Iluminar a Cidade
Jorge Mautner_PIRATA_Design de Luciano Figueiredo, Óscar Ramos_ Fotografia de Ivan Cardoso



Vento Sul
Marcos Valle_ODEON_ Design de Juarez Machado



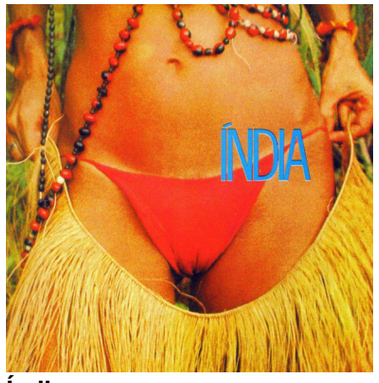
Tom Zé
Tom Zé_CONTINENTAL_ Design de Grew



Antonio Carlos e Jocafi
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_ Design de autor não identificado



Araçá Azul
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Luciano Figueiredo & Oscar Ramos
Fotografia de Ivan Cardoso



Índia
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Mario Luiz T. De Carvalho
Fotografia de Edinizio Ribeiro



Previsão do Tempo
Marcos Valle_ODEON_ Design de Joel Cocchiararo



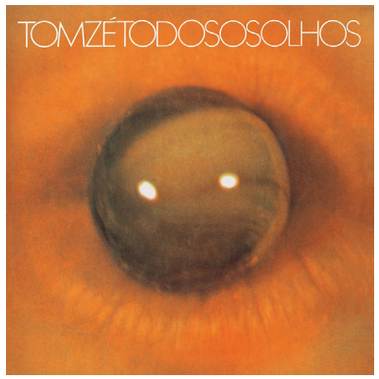
Drama 3º Ato
Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de Geysa Adnet & Gê Alves Pinto
Fotografia de Thereza Eugênia



Novos Baianos F.C.
Os Novos Baianos_CONTINENTAL_ Design de Galvão & Pedro De Moraes & Simone Cavalcante



Tim Maia
Tim Maia_POLYDOR_ Fotografia de Ricardo de Vicq



Todos os Olhos
Tom Zé_CONTINENTAL_ Design de Décio Pignatari & Reinaldo Moraes



Trio Mocotó
Trio Mocotó_RGE_ Design de Guido Alberi



Definitivamente
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_ Design de Gatefold Album



Loki?
Arnaldo Baptista_PHILIPS_ Design de Fontana (Editora)



Temporada de Verão
Caetano Veloso & Gal Costa & Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de José Roberto Aguilar_Fotografia de Tereza Eugênia



Tudo Foi Feito Pelo Sol
Os Mutantes_SOMLIVRE_ Design de Vander C. S. & Deco



Novos Baianos
Os Novos Baianos_CONTINENTAL_ Design de autor não identificado



Vamos Pro Mundo
Os Novos Baianos_SOM LIVRE_ Design de autor não identificado



Cantar
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte_Fotografia de Tereza Eugênia



Ao Vivo
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte e Aldo Luiz_ Fotografia de Ricardo Jochen



A Tábua de Esmeralda
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz



Atrás do Porto Tem uma Cidade
Rita Lee_PHILIPS_ Design de autor não identificado



Brasil com “S”
Rogério Duprat_EMI_ Design de Flavio Faria



Racional Vol. 1
Tim Maia_SEROMA_ Design de Tatiana Zanini



Jorge Mautner
Jorge Mautner_POLYDOR_ Design de Rogério Duarte



Marcos Valle
Marcos Valle_ODEON_ Design de Flavio D’Alincourt & Roberto Souza



A Cena Muda
Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de Rodrigo Faour_Fotografia de Marisa Alvarez Lima



Trio Mocotó
Trio Mocotó_ARLEQUIM_ Design de Nicolau_Fotografia de Oswaldo Micheloni



Ossos do Ofício
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_ Design de Ney Tavora_Fotografia de Ivan Klingen



Qualquer Coisa
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte



Jóia
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Caetano Veloso



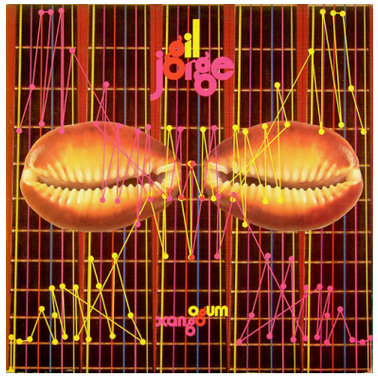
Buarque & Bethânia Ao Vivo
Maria Bethânia & Chico Buarque_ PHILIPS_ Design de Lobianco_ Fotografia de Luiz Garrido



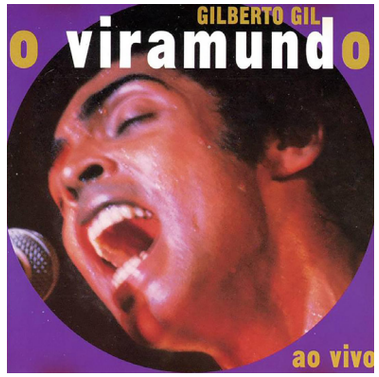
Meu Primeiro Amor
Nara Leão_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz



Fruto Proibido
Rita Lee_SOM LIVRE_ Design de Jan Matula



Xangô Ogum
Gilberto Gil & Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte



Viramundo
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de autor não identificado



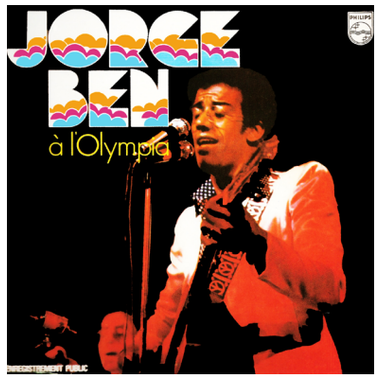
Refazenda
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Rogério Duarte



Racional Vol. 2
Tim Maia_SEROMA_ Design de Tatiana Zanini



Solta o Pavão
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz



À L'Olympia
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de autor não identificado



Dal Vivo al Sistina
Jorge Ben_CBS_ Design de autor não identificado



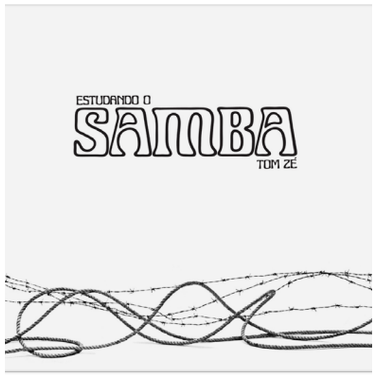
Doces Bárbaros
Caetano Veloso & Gilberto Gil & Gal Costa & Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Flávio Império



Gal Canta Caymmi
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Lobianco_Fotografia de Thereza Eugênia



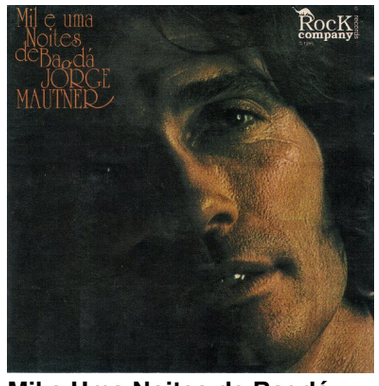
África Brasil
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Jorge Vianna



Estudando o Samba
Tom Zé_CONTINENTAL_ Design de Walmir Teixeira



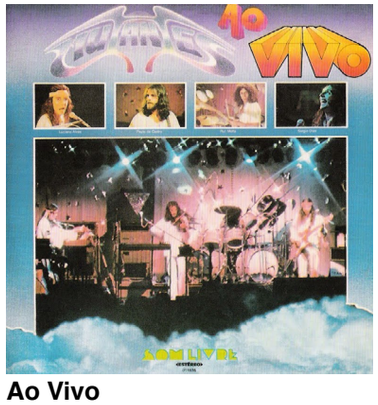
Tropical
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Jorge Vianna



Mil e Uma Noites de Bagdá
Jorge Mautner_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz_Fotografia de João Castrioto



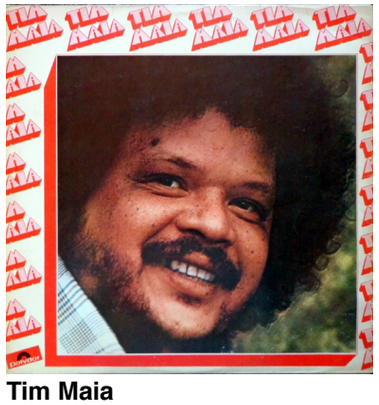
Pássaro Proibido
Maria Bethânia_PHILIPS_Design de autor não identificado



Ao Vivo
Os Mutantes_SOMLIVRE_ Design de Deco



Entradas e Bandeiras
Rita Lee_SOM LIVRE_ Design de Jan e Gustavo Matula



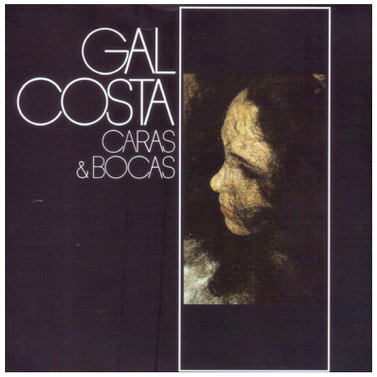
Tim Maia
Tim Maia_POLYDOR_ Design de Aldo Luiz & Jorge Vianna



Louvado Seja
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_Design de autor não identificado



Muitos Carnavais
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Jorge Vianna



Caras & Bocas
Gal Costa_PHILIPS_Design de autor não identificado



Tim Maia
Tim Maia_SOM LIVRE_ Design de Joel Cocchiararo



Refestança
Gilberto Gil & Rita Lee_SOMLIVRE_ Design de Joel Cocchiararo



Refavela
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Jorge Vianna



Pássaro da Manhã
Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz



Os Meus Amigos São um Barato
Nara Leão_PHILIPS_ Design de Jorge Vianna



Praga de Baiano
Os Novos Baianos_TAPECAR_Design de autor não identificado



Caia na Estrada e Perigas Ver
Os Novos Baianos_TAPECAR_ Design de Lula

PARTE III

MATRIZES E LAYOUTS

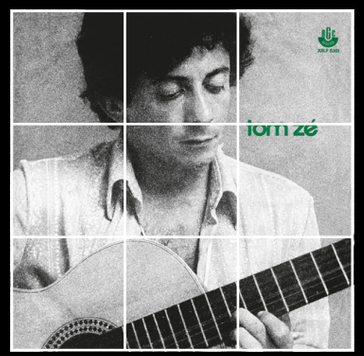
Nesta secção são apresentadas diferentes matrizes em que as imagens de capa dos álbuns pertencentes à amostra se enquadram com o objectivo de analisar quais foram os layouts mais comuns à estética tropicalista. Foram utilizados 6 tipos de matrizes diferentes para este estudo e é facilmente perceptível que uns são mais comuns que outros na forma como a imagem se compõe. Sendo que um layout depende das decisões estéticas do seu criador, não se assume que cada uma destas imagens tenha sido desenhada segundo um destes, ou qualquer um, tipo de enquadramento. Por esta razão, nesta experiência algumas das imagens de estudo adaptam-se a diferentes tipos de matriz. Este exercício visual tenta estabelecer relações entre imagens da mesma época e/ou artista segundo as matrizes em que são comuns.

3X3


VICTOR
ANTONIO CARLOS & JOCAFI
MUDEI DE IDÉIA


BETHÂNIA
DOCES BÁRBAROS
GIL
CAETANO
DOCES BÁRBAROS
GAL


À tua presença...

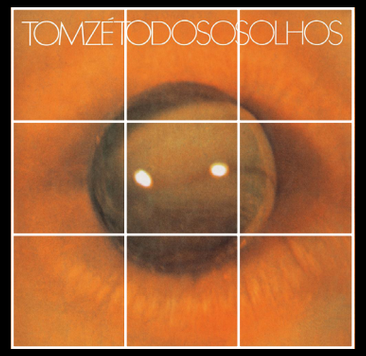

tom zé


Rita Lee
TUTTI FRUTTI
entradas e bandeiras


VICTOR
Antonio Carlos
Jocafi


CAETANO VELOSO · TRANSA


MARIA BETHÂNIA
DRAMA 3º ATO

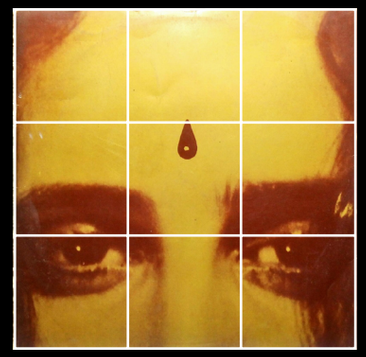

TOM ZÉ TODOS OS OLHOS


LPNG 44.018
Polydor
de luxe
os Mutantes


SÉRIE SUPER LUXO
Antonio Carlos e Jocafi
Definitivamente
VICTOR


TEMPORADA DE VERÃO
AO VIVO NA BAHIA
caetano veloso - gal
costa - gilberto gil


gilbertogil
REFAMELA






MUTANTES
SOM LIVRE
ESTÉREO


QUALQUER COISA
CAETANO VELOSO


CANTAR
CANTAR
GAL


GRANDE LIQUIDAÇÃO
TOM-ZÉ
PONHA
BING
HOJE
EXTRA


Rita Lee
TUTTI FRUTTI
FRUTO PROIBIDO

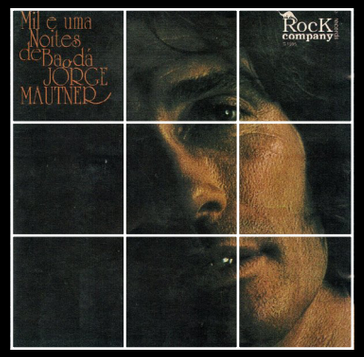

JORGE BEN
É VERDADE SEM MENTIRA CERTO MUITO VERDADEIRO
A TÁBUA DE ESMERALDA

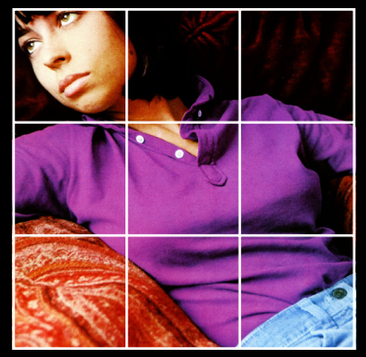

JORGE BEN


MOVOS LAIANOS
CAIA NA ESTRADA E BELICAS VEL


MUITA ZORRA
(" ... são coisas que glorificam a sensibilidade atual! ")

3X3


Rock company
Mil e uma Noites de Bagdá
JORGE MAUTNER




A BANDA TROPICALISTA DO DUPRAT
PHILIPS


MARCOS VALLE


Tim Maia


Loki?


Nara Leão / Coisas do mundo


"INHÔ LOOK" AS MAIS BELAS CANÇÕES SERTANEJAS

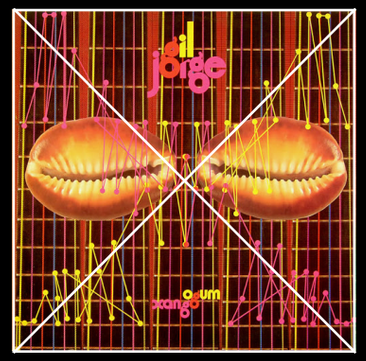

os novos bahianos
Sorriso na Boca




NARA

X


louvado seja
ANTONIO CARLOS & JOCAFI


jorge
ben
o.um
xango


mutantes
polydor
a divina comédia ou


JORGE BEN
ON
STAGE


Caetano Veloso


VENDA DE GILBERTO GIL PREVENDA




MUTANTES
AAAARRRR!
polydor


Jorge Ben
Volta o Pavão


FAMOUS
CAETANO
VELOSO


SEL
REPRISE
fontana


TOM ZÉ TODOS OS OLHOS


MUTANTES
polydor


JÓIA


LET


LEE
ON STAGE




para iluminar a cidade
JORGE MAUTNER


tim
maia


JORGE
MAUTNER
4




NOVOS BAIANOS
VAMOS PRO MUNDO
AO VIVO


Loki?


GARRA
MARCOS VALLE

CENTRADO


Antonio Carlos
Jocafi


TEMPORADA DE VERÃO
AO VIVO NA BAHIA

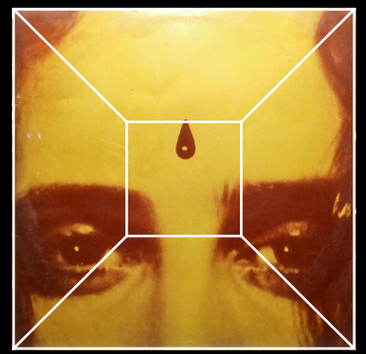

maria bethânia


OS BRAZÕES




TOMZÉTODOSOSOLHOS


MUTANTES
AAAAAAH!
polydor




MUTANTES
AO VIVO
(ESTÉREO)


JORGE MAUTNER


CAETANO VELOSO


LEGAL


GRANDE LIQUIDAÇÃO
TOM-ZÉ
PONHA
BINGO
EXTRA


TROPICÁLIA
OU PANIS ET CIRCENSIS
PHILIPS


FAMOUS
CAETANO VELOSO


MARCOS VALLE

ESPIRAL


VICTOR
ANTONIO CARLOS & JOCAFI
MUDEI DE IDÉIA


CAETANO VELOSO • TRANSA


REPRISE
fontana

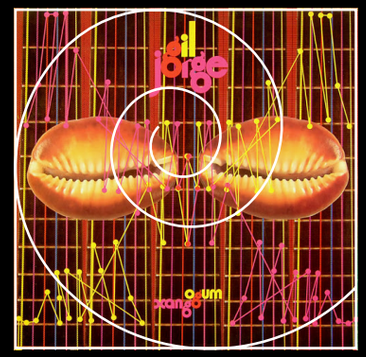

AO VIVO


RCA
VICTOR
antonio carlos
e jocafi
...cada segundo


gal e caetano veloso
"DOMINGO"




GILBERTO GIL
BAHIA

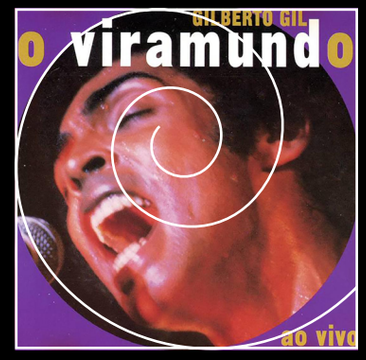

gil
jorge
ogum
xangô


CAETANO VELOSO


TEMPORADA DE VERÃO
AO VIVO NA BAHIA
caetano veloso - gal
costa - gilberto gil


CAETANO... muitos carnavais...


GILBERTO GIL

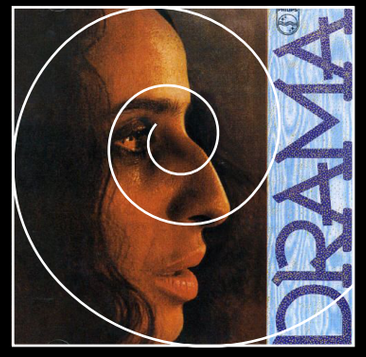

GILBERTO GIL
viramundo
ao vivo


"Louvação"
GILBERTO GIL


GAL


GAL


GAL COSTA
CARAS & BOCAS


DRAMA


GRANDE LIQUIDAÇÃO
TOM ZÉ
PONHA
NOVO
AH!!
BINGO
HOJE • 3
EXTRA
GRÁTIS


LPNG 44.018
Polydor
de luxe
Os Mutantes


MARIA BETHÂNIA
RECITAL NA BOITE BARROCO


MARIA BETHÂNIA
DRAMA
3º ATO


TOM ZÉ
Continental

ESPIRAL


mutantes


CANTAR
CANTAR




NOVOS BAIANOS
F.C.


Tim
Maia


JORGE
MAUTNER




TOMZETODOSOSOLHOS


mc
5042
O BRUXO
JORGE BEN
SILENCIO NO BROOKLIN


Marcos Valle




JORGE BEN
A TÁBUA
DE ESMERALDA


Gal
canta
Caymmi


MARIA BETHANIA
TERESINHA
OLHOS NOS OLHOS
UM JEITO ESTÚPIDO
DE TE AMAR
AMOR, AMOR




A BANDA TROPICALISTA DO DUPRAT
PHILIPS


marcos
valle
VIOLA
ENLUARADA


os
novos
bahianos




JORGE
BEN
DAL VIVO AL SISTINA


para iluminar a cidade
JORGE MAUTNER


MUNDO RACIONAL
TIM MAIA RACIONAL
VOL 1


SEBASTIÃO TAPAJOS
PEDRO DOS SANTOS VOL.2


TROPICÁLIA
OU PANIS ET CIRCENSIS
PHILIPS

TERÇOS HORIZONTAL

















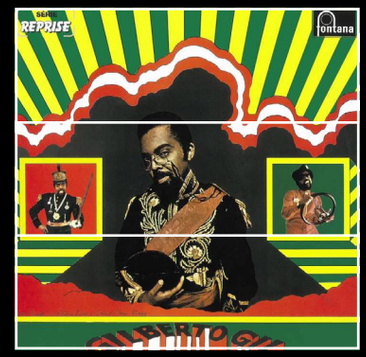


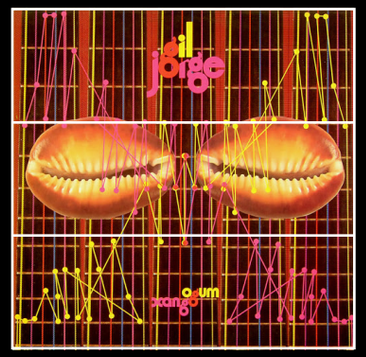




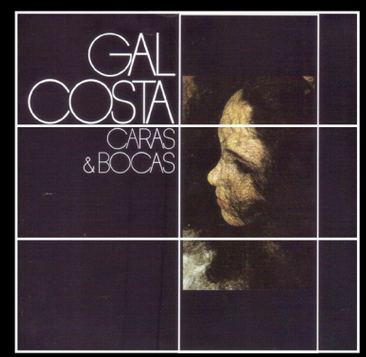






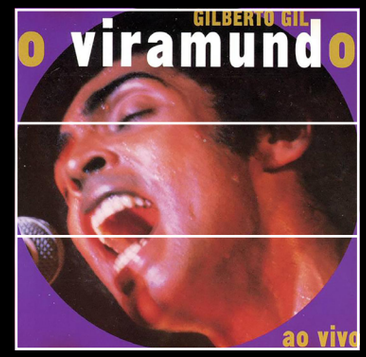




















TERÇOS HORIZONTAL

























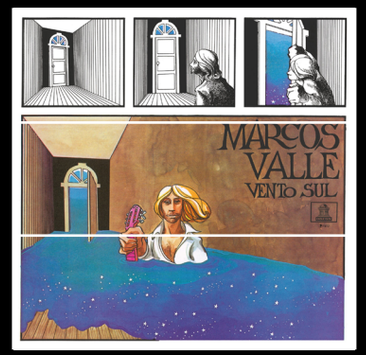










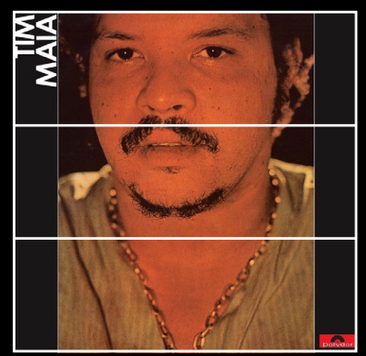












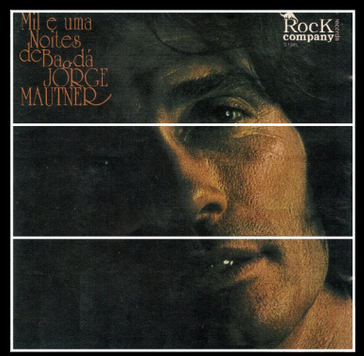


TERÇOS HORIZONTAL









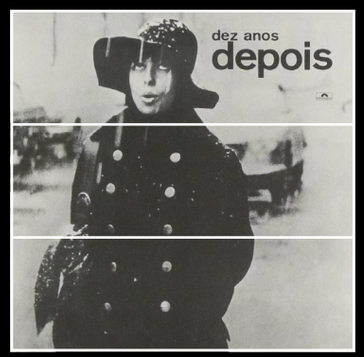






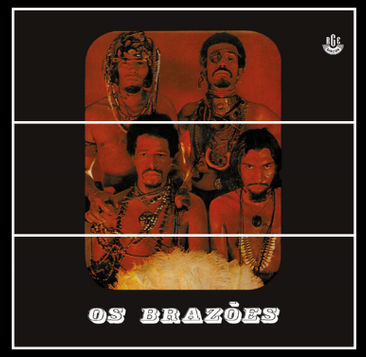














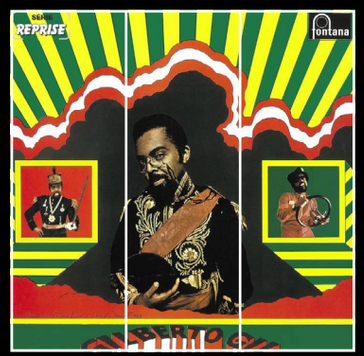


TERÇOS VERTICAL





















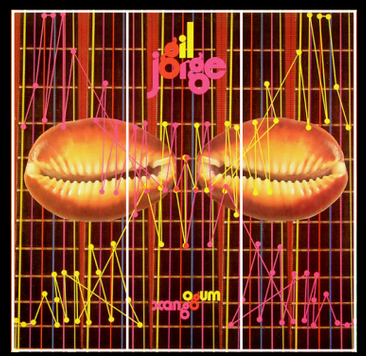












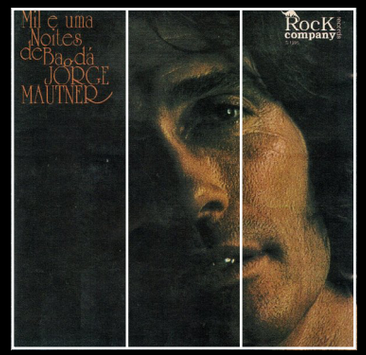
















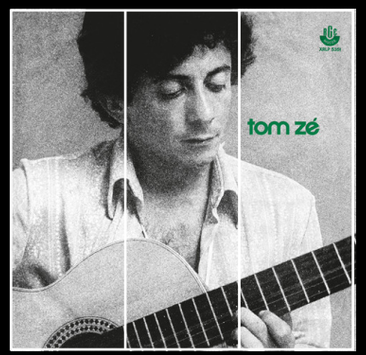
TERÇOS VERTICAL







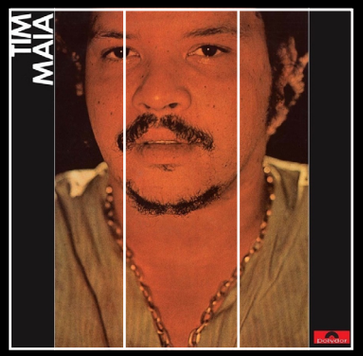








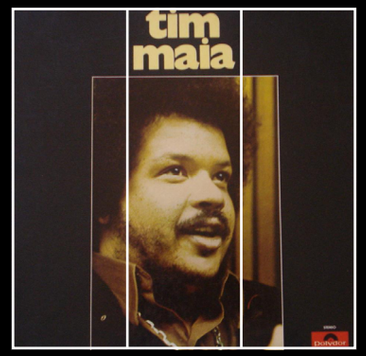
























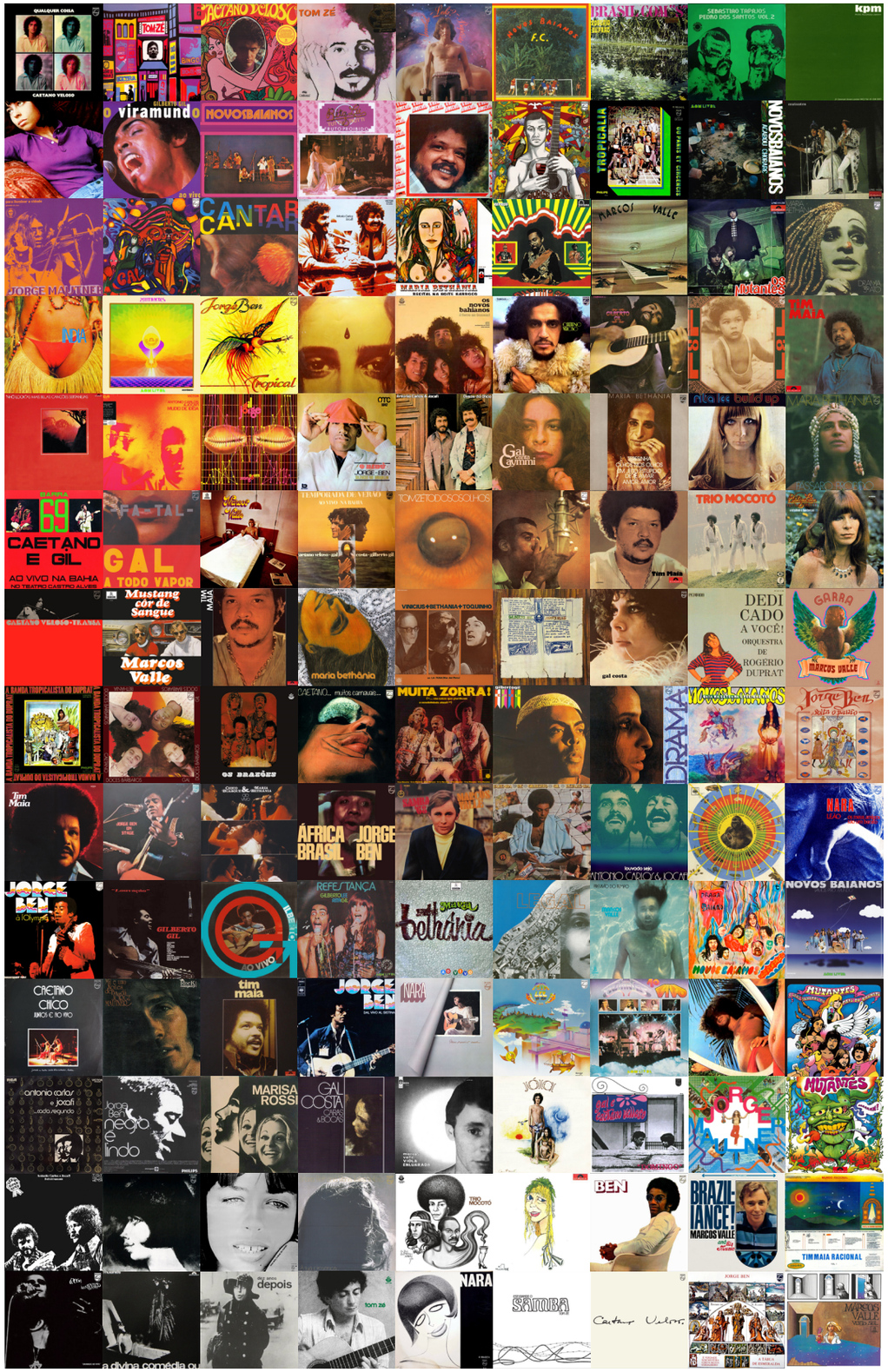




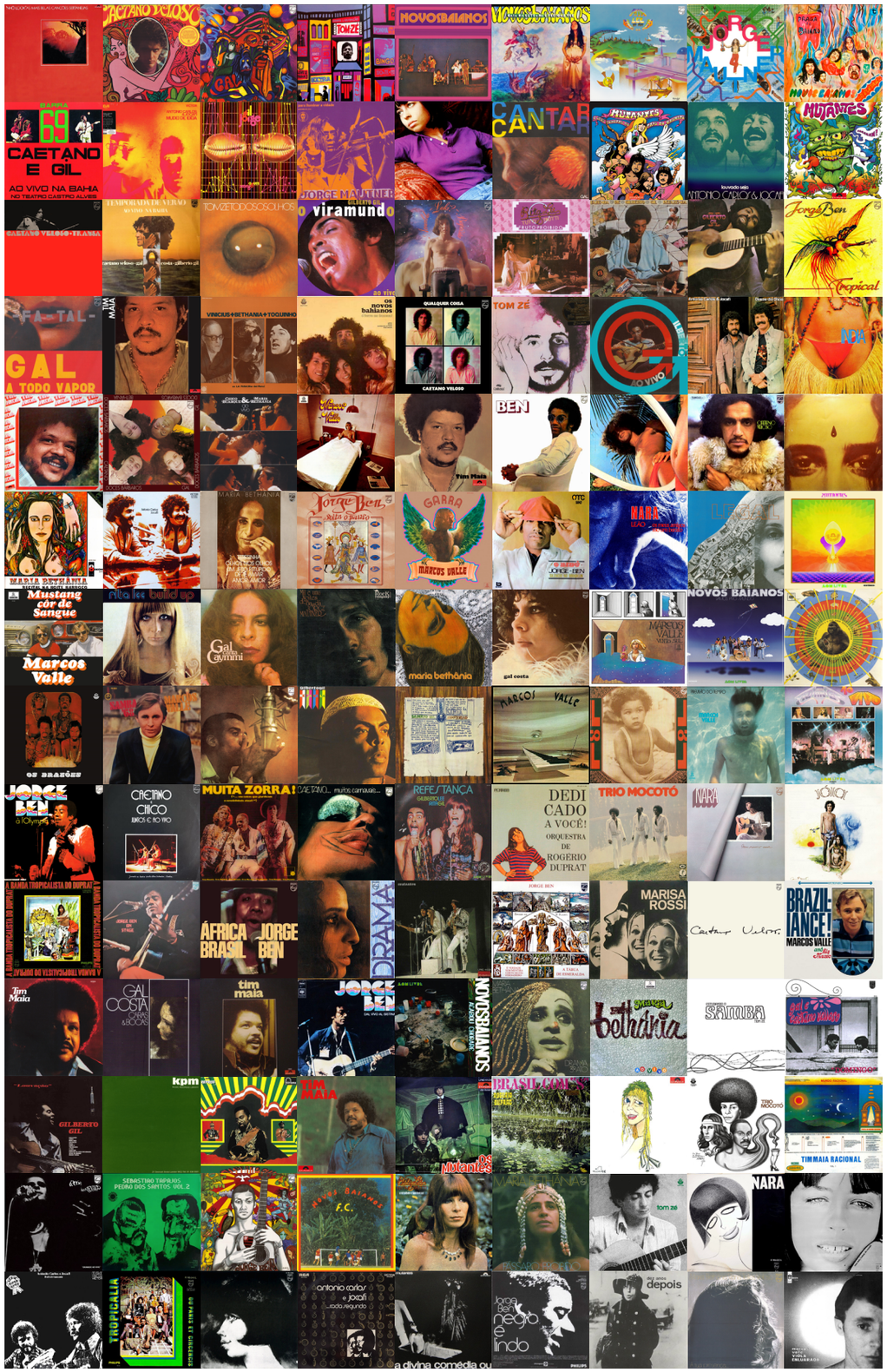


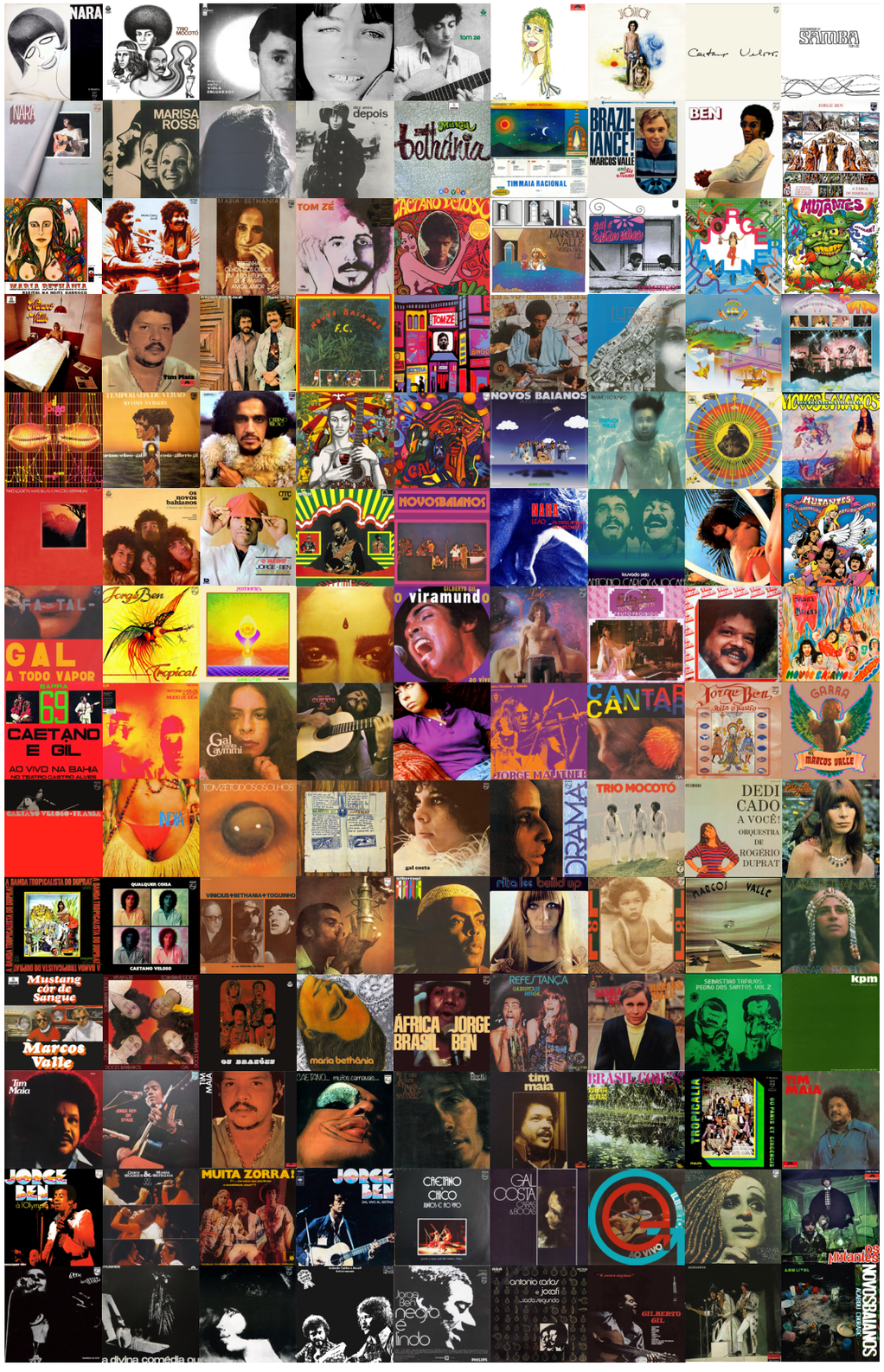
ANÁLISE CROMÁTICA

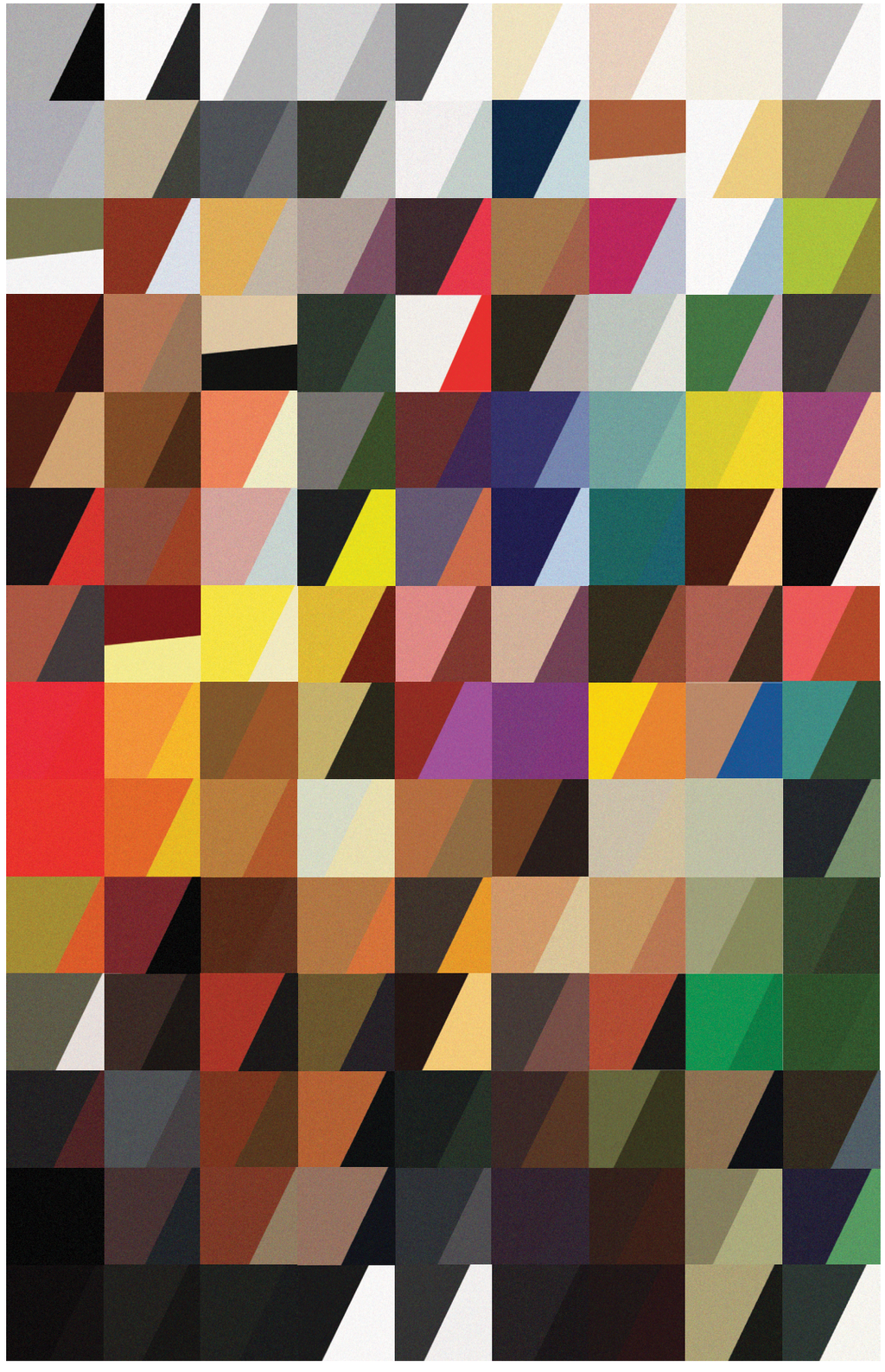
Neste capítulo, são feitas 3 mostras em que se organizam as imagens de estudo com base na sua relação de cor. De diversas tipologias de organização cromática, as três a seguir apresentadas são as que melhor tentam mostrar a variedade cromática que cada uma destas imagens possui. Depois desta organização ser feita, cada imagem foi reduzida às suas 2 cores máximas.


kpm
CAETANO VELOSO
TOM ZÉ
BRASIL CONSTANTE
SEBASTIÃO TAPAJÓS
PEDRO DOS SANTOS VOL. 2
viramundo
NOVOS BAIANOS
TROPICALIA
CANTAR
MARCOS VALLE
JORGE MAUTNER
Jorge Ben
Tropical
Gal Gummi
TRIO MOCOTÓ
CAETANO E GIL
AO VIVO NA BAHIA
GAL
A TODO VAPOR
Mustang côr de Sangue
Marcos Valle
maria bethânia
DEDI CADO À VOCÊ!
ORQUESTRA DE ROGÉRIO DUPRAT
GARRA
MARCOS VALLE
MUITA ZORRA!
DRAMA
Jorge Ben
Tim Maia
ÁFRICA BRASIL
JORGE BEN
NARA
NOVOS BAIANOS
GILBERTO GIL
AO VIVO
REFESTANÇA
bethânia
tim maia
JORGE BEN
NARA
MUTANTES
MARISA ROSSI
GAL COSTA
BEN
BRAZIL-IANCE!
MARCOS VALLE
TIM MAIA RACIONAL
depois
NARA
SAMBA




CAETANO VELOSO
GAL
NOVOS BAIANOS
MOVIMENTO BAIANOS
JORGE MAUTNER
MUTANTES
CANTAR
CAETANO E GIL
AO VIVO NA BAHIA
NO TEATRO CASTRO ALVES
JORGE MAUTNER
TEMPORADA DE VERÃO
AO VIVO NA BAHIA
TOM ZÉ TODOS OS OLHOS
viramundo
Jorge Ben
Tropical
-FA-TAL-
GAL
A TODO VAPOR
VINICIUS + BETHANIA + TOQUINHO
OS NOVOS BAIANOS
QUALQUER COISA
CAETANO VELOSO
TOM ZÉ
AO VIVO
ADA
BEN
Tim Maia
MARIA BETHÂNIA
Jorge Ben
Samba Esquema Novo
GARRA
MARCOS VALLE
JORGE BEN
NARA
LEÃO
NOVOS BAIANOS
Mustang cor de Sangue
Marcos Valle
Rita Lee
Gal Gavimmi
maria bethânia
gal costa
MARCOS VALLE
OS BARÕES
JORGE BEN
a tOmpes
CAETANO CHICO
MUITA ZORRA!
CAETANO... muitos carnavais...
REFESTANÇA
DEDICADO A VOCÊ!
ORQUESTRA DE ROGÉRIO DUPRAT
TRIO MOCOTÓ
NARA
YOLUCA
BANDA TROPICALISTA DO DUPRAT
ÁFRICA BRASIL JORGE BEN
DRAMA
JORGE BEN
MARISA ROSSI
Caetano Veloso
BRAZIL-LANCE!
MARCOS VALLE
Tim Maia
GAL COSTA
tim maia
JORGE BEN
NOVOS BAIANOS
maria bethânia
SAMBA ESQUEMA NOVO
GILBERTO GIL
kpm
TIM MAIA
BRASIL TROPICAL
TRIO MOCOTÓ
TIMMAIA RACIONAL
SEBASTIÃO TAPAJOS
PEDRO DOS SANTOS VOL 2
NOVOS BAIANOS F.C.
Os Mutantes
MARIA BETHÂNIA
tom zé
NARA
TROPICÁLIA
antonio carlos e jocafi
...tudo aquilo que melhora no bairro
jorge ben
negro é lindo
a divina comédia ou
depois


NARA
MARISA ROSSI
depois
BRAZIL IANCE!
MARCOS VALLE
BEN
TOM ZÉ
MUTANTES
NOVOS BAIANOS
viramundo
GAL
A TODO VAPOR
CAETANO E GIL
AO VIVO NA BAHIA
TRIO MOCOTÓ
DEDI CADO A VOCÊ!
ORQUESTRA DE ROGÉRIO DUPRAT
Mustang cór de Sangue
Marcos Valle
ÁFRICA BRASIL
JORGE BEN
maria bethânia
tim maia
JORGE BEN
MUITA ZORRA!
CAETANO CHICO
GAL COSTA
TROPICALIA
Jorge Ben negro e lindo
GILBERTO GIL
SOMBRAS DE NOVOS BAIANOS



TIPOGRAFIA

Nesta útlima secção são apresentadas as 118 imagens que resultam da redução das capas dos albúns aos seus elementos tipográficos. É feita então, uma mostra das tipografias pertencentes a estas imagens já anteriormente apresentadas. O exercício a seguir apresentado consistiu em isolar as tipografias utilizadas nas capas de álbum, mantendo-se a sua orientação e cores originais, estando estas inseridas nas cores base do álbum a que cada uma pertence. Mais uma vez, o tipologia de organização utlizada entre estas imagens foi realizada de forma visual, com base na forma em que estas se relacionam umas com as outras.

“NHÔ LOOK” AS MAIS BELAS CANÇÕES SERTANEJAS





Antonio Carlos
Jocafi

Maria Bethânia Viana Telles Veloso

A Tua presença...

MARIA
BETHÂNIA

DRAMA
3º ATO

antonio carlos
e jocafi
...cada segundo

TOMZÉTODOSOSOLHOS

tom zé

TRIO MOCOTÓ

PREVISÃO DO TEMPO

MARCOS VALLE

maria bethânia

REFESTANÇA

GILBERTO LEE

RITA GIL

gil jorge

Antonio Carlos & Jocafi

Ossos do Ofício

CAETANO... muitos carnavais...

GILBERTO GIL

o viramundo

dez anos

depois

NARA

a divina comédia ou

MARISA ROSSI

QUALQUER COISA
CAETANO VELOSO

ANTONIO CARLOS
& JOCAFI
MUDEI DE IDÉIA

MUITA ZORRA!

VINICIUS+BETHANIA+TOQUINHO
en LA FUSA(Mar del Plata)

CAETANO
VELOSO

CAETANO
e
CHICO
JUNTOS E AO VIVO

CANTAR

TIM MAIA RACIONAL

GRANDE LIQUIDAÇÃO

TOM·ZÉ

ÍNDIA

ÁFRICA BRASIL

JORGE BEN

TRIO MOCOTÓ

TIM MAIA

marcos valle VIOLA ENLUARADA

nara leão / coisas do mundo

MARCOS VALLE

DE ONDE VIEMOS E O QUE AINDA SOMOS NA ESCALA

O CIRCULO DA VIDA

TIM MAIA

LEGAL

-FA-TAL-

GAL

A TODO VAPOR

JORGE BEN

DAL VIVO AL SISTINA

TOM ZÉ

SEBASTIAO TAPAJOS
PEDRO DOS SANTOS VOL.2

NOVOS BAIANOS

VAMOS PRO MUNDO

Tim Maia

tim
maia

gilbertogil
RE FA VE LA

Gal
canta
Caymmi

gal costa

Tim
Maia

mutantes

JORGE BEN

A TÁBUA
DE ESMERALDA

É VERDADE
SEM MENTIRA
CERTO MUITO
VERDADEIRO

Antonio Carlos e Jocafi
Definitivamente

Mil e uma
Noites
de Bagdá
JORGE
MAUTNER

TEMPORADA DE VERÃO
AO VIVO NA BAHIA

CHICO BUARQUE & MARIA BETHÂNIA
ao vivo

SAMBA '68

MARCOS VALLE

os novos bahianos

é ferro na boneca!

BRASIL COM "S"

ROGERIO DUPRAT

BEN

GILBERTO GIL

NARA

Meu primeiro amor.

JORGE MAUTNER

FAZENDA RE GILBERTO GIL REFAZENDA

GILBERTO GIL

OS BRAZÕES

O BIDÚ

JORGE BEN

SILÊNCIO NO BROOKLIN

MARIA BETHÂNIA

RECITAL NA BOITE BARROCO

NARA

LEÃO

os meus amigos
são um barato

CAETANO VELOSO

ESTUDANDO O

SAMBA

TOM ZÉ

MUTANTES

RITA LEE

tutti frutti

Marcos Valle

Rita Lee
TUTTI FRUTTI
entradas e bandeiras

Maria
Bethânia

Rita Lee
TUTTI FRUTTI
FRUTO PROIBIDO

Novos Baianos
CAIA NA ESTRADA E PERIGAS VER

GARRA
MARCOS VALLE

JORGE BEN

gal e caetano velloso

NOVOS BAIANOS F.C.

GILBERTO GIL

PRAGA DE BAIANO

NOVOS BAIANOS

CAL

MUTANTES

JORGE BEN
ON
STAGE







MARCOS
VALLE
VENTO SUL



Jorge Ben
Tropical

Rosa dos Ventos

Arnaldo Baptista

Loki?

Gaetano Veloso • Transa

Jorge Ben
Solta o Pavão

Os Mutantes

NOVOSBAIANOS



A BANDA TROPICALISTA DO DUPRAT

rita lee build up

BARRA
69

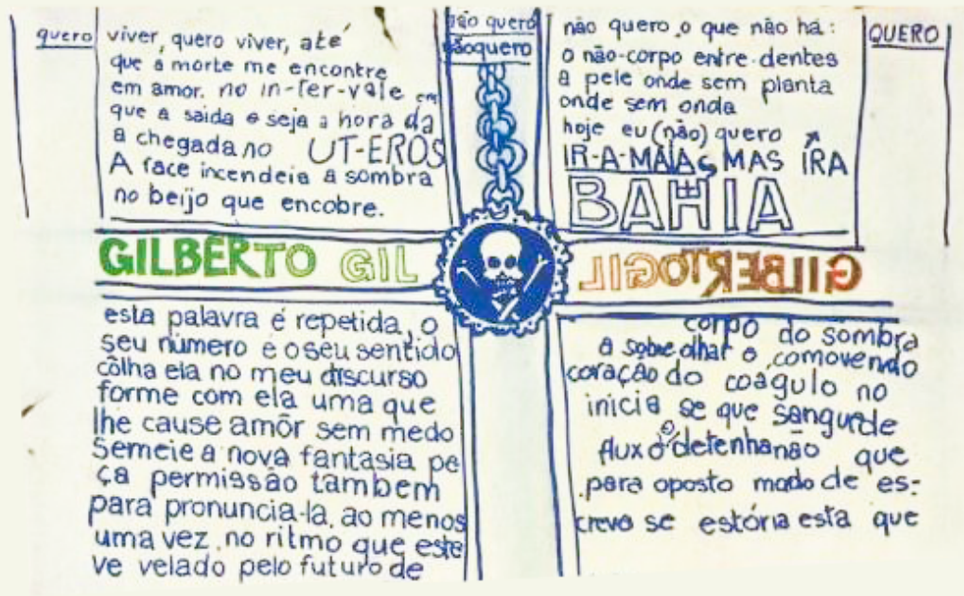
CAETANO E GIL

AO VIVO NA BAHIA

NO TEATRO CASTRO ALVES

Jorge Ben

negro é lindo



BETHÂNIA

DOCES BÁRBAROS

CAETANO

DOCES BÁRBAROS

GAL

DOCES BÁRBAROS

GIL

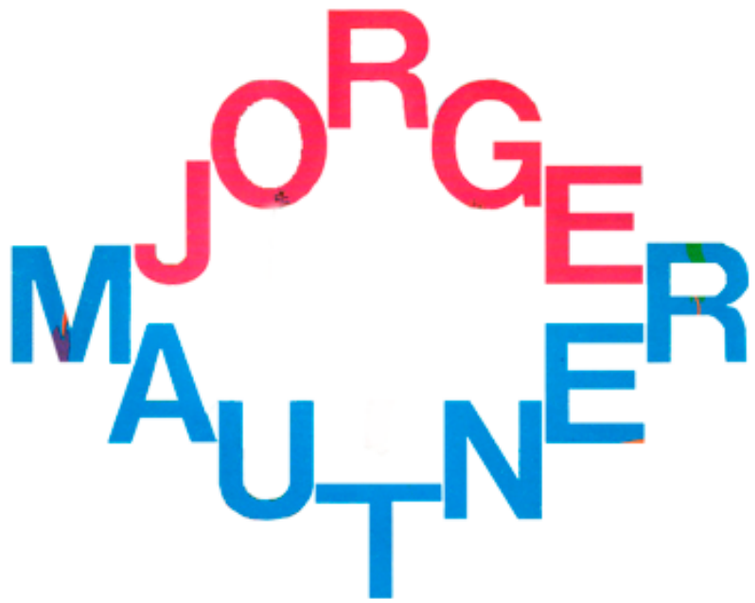
MARIA BETHÂNIA

TERESINHA
OLHOS NOS OLHOS
UM JEITO ESTÚPIDO
DE TE AMAR
AMOR, AMOR
PÁSSARO DA MANHÃ


GIL BERTO
AO VIVO


Mustang
côr de
Sangue
Marcos
Valle


GAL
COSTA
CARAS
& BOCAS


JORGE
MAUTNER

DIRAVA

BRAZIL-
IANCE!
MARCOS VALLE
and his Music

DEDI
CADO
A VOCÊ!
ORQUESTRA
DE
ROGÉRIO
DUPRAT

OU PANIS ET CIRCENCIS

TROPICALIA

NOVOSBAIANOS

ACABOU CHORARE

BIBLIOGRAFIA

Os excertos neste livro compilado pertencem às seguintes obras:

Dunn, C. (2001). *Brutality Garden*. The University of North Carolina Press. Chapel Hill.

Veloso, C. (2017). *Verdade Tropical*. Penguin Random House. Lisboa.

Listagem dos álbuns utilizados neste livro:

Domingo
Caetano Veloso & Gal Costa_PHILIPS_ Design de Gê Alves Pinto e Geysa Adnet,1967

Louvação
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Geysa Adnet e Geraldo Alves Pinto, 1967

O Bidú - Silêncio no Brooklin
Jorge Ben_AU_ Design de autor não identificado, 1967

Braziliance
Marcos Valle_ODEON_ Design de Ed Thrasher, 1967

Nara
Nara Leão_PHILIPS_ Design de autor não identificado, 1967

Vento de Maio
Nara Leão_PHILIPS_ Design de autor não identificado, 1967

Dedicado a Você
Rogério Duprat_PENTHON_ Design de autor não identificado, 1967

Caetano Veloso
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte, 1968

Gilberto Gil
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte, 1968

Viola Enluarada
Marcos Valle_ODEON_ Fotografia de Galdino L. da Silva, 1968

Samba ‘68
Marcos Valle_VERVE RECORDS_ Design de Acy Lehman, 1968

Recital na Boite Barroco
Maria Bethânia_ODEON_ Design de autor não identificado, 1968

Nara Leão
Nara Leão_PHILIPS_ Fotografia de Pedro Moraes, 1968

Os Mutantes
Os Mutantes_POLYDOR_ Design de Frank Longo, 1968

Krishnanda
Pedro Santos_CBS_ Design de autor não identificado, 1968

A Banda Tropicalista do Duprat
Rogério Duprat_PHILIPS_ Design de autor não identificado, 1968

Tom Zé
Tom Zé_ROZENBLIT_ Design de Officina Programaçao Visual - SP, 1968

Tropicália ou Panis et Circencis
Caetano Veloso & Gilberto Gil & Gal Costa & Tom Zé & Os Mutantes & Rogério Duprat & Nara Leão_PHILIPS_ Design de Rubens Gerchman, 1968

Caetano Veloso
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Lincoln Nogueira,1969

Gal Costa
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Gian,1969

Gal
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Dircinho,1969

Gilberto Gil
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Lincoln Nogueira,1969

Jorge Ben
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Guido Alberi & Lincoln Nogueira,1969

Mustang Côr de Sangue
Marcos Valle_ODEON_ Design de autor não identificado,1969

Maria Bethânia
Maria Bethânia_ODEON_ Design de Luiz Jasmin,1969

Cantiga de Errante / Moça do Sobrado
Marisa Rossi_ITAMARATY_ Design de autor não identificado,1969

Coisas do Mundo
Nara Leão_PHILIPS_ Design de Roberto Maia e Vicente Formiga,1969

Os Brazões
Os Brazões_RGE_ Design de Cynira Arruda & Nicolau,1969

Mutantes
Os Mutantes_POLYDOR_ Design de Gê Alves Pinto,1969

Legal
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Hélio Oiticica,1970

Força Bruta
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Lincoln Nogueira,1970

Marcos Valle
Marcos Valle_ODEON_ Fotografia de Alexandre Souza Lima Design de Joel Cocchiararo,1970

Ao Vivo
Maria Bethânia_ODEON_ Design de autor não identificado,1970

A Divina Comédia ou Ando Meio Desligado
Os Mutantes_POLYDOR _ Fotografia de Cenyra Arruda Design de Lincoln Nogueira,1970

É Ferro na Boneca!
Os Novos Baianos_RGE_ Fotografia de Estudio 13 Design Nicolau,1970

Build Up
Rita Lee_POLYDOR_ Design de Ayssa Bastos & Licinio De Almeida,1970

The Brazilian Suite
Rogério Duprat_KPM_ Design de West Brothers Printers Limited,1970

Nhô Look
Rogério Duprat_POLYDOR_ Design de Nilo Jorge,1970

Tim Maia
Tim Maia_POLYDOR_ Design de Aldo Luiz,1970

Tom Zé
Tom Zé_RGE_ Design de Nicolau,1970

Mudei de Idéia
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_ Design de Tebaldo,1971

Caetano Veloso
Caetano Veloso_PHILIPS_ Fotografia de Johnny Clamp Design de Linda Glover,1971

-Fa-Tal- Gal a Todo Vapor
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Luciano Figueiredo & Oscar Ramos,1971

Gilberto Gil
Gilberto Gil_PHILIPS_ Fotografia de Johnny Clamp Design de Linda Glover,1971

Negro é Lindo
Jorge Ben_PHILIPS_ Fotografia de Wilney Design de Aldo Luiz,1971

Garra
Marcos Valle_ODEON_ Fotografia de Alexandre Souza Lima Design de Joel Cocchiararo,1971

Rosa dos Ventos
Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de autor não identificado,1971

A Tua Presença
Maria Bethânia_PHILIPS_ Fotografia de Jaques Avadis Design de Aldo Luiz,1971

en LA FUSA (Mar del Plata)
Maria Bethânia_TROVA_ Design de autor não identificado,1971

Dez Anos Depois
Nara Leão_POLYDOR_ Design de DESCONHECIDO,1971

Jardim Elétrico
Os Mutantes_POLYDOR_ Design de Alain Voss,1971

Tim Maia
Tim Maia_POLYDOR_ Fotografia de José Melo Design de Aldo Luiz,1971

Muita Zorra! (...São Coisas Que Glorificam a Sensibilidade Atual)
Trio Mocotó_FORMA_ Fotografia de Ricardo Cumptich Design de Aldo Luiz,1971

Cada Segundo
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_ Design de Rildo Hora,1972

Juntos e ao Vivo
Caetano Veloso & Chico Buarque_PHILIPS_ Design de Alves Pinto ,1972

Barra 69
Caetano Veloso & Gilberto Gil_PIRATA_ Design de autor não identificado ,1972

Transa
Caetano Velosol_PHILIPS_ Design de autor não identificado ,1972

Expresso 2222
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz,1972

Ben
Jorge Ben_PHILIPS_ Fotografia de José Maria De Melo Design de Aldo Luiz ,1972

Live on Stage
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de DESCONHECIDO ,1972

Para Iluminar a Cidade
Jorge Mautner_PIRATA_Design de Luciano Figueiredo, Óscar Ramos_Fotografia de Ivan Cardoso ,1972

Vento Sul
Marcos Valle_ODEON_ Design de Juarez Machado ,1972

Drama
Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de Edinizio Ribeiro_Fotografia de Lucinda Rato ,1972

Mutantes e Seus Cometas no País do Baurets
Os Mutantes_POLYDOR_ Design de Alain Voss ,1972

Acabou Chorare
Os Novos Baianos_SOM LIVRE_ Design de autor não identificado ,1972

Sebastião Tapajos & Pedro Santos
Pedro Santos & Sebastião Tapajos_TROVA_ Design de Juan Bernardo Arruabarrena ,1972

Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Sua Vida
Rita Lee_POLYDOR_ Design de Ayssa Bastos_Ilustração de Rita Lee Jones ,1972

Tim Maia
Tim Maia_POLYDOR_ Design de Aldo Luiz ,1972

Tom Zé
Tom Zé_CONTINENTAL_ Design de Grew ,1972

Antonio Carlos e Jocafi
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_ Design de autor não identificado,1973

Araçá Azul
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Luciano Figueiredo & Oscar Ramos_Fotografia de Ivan Cardoso,1973

Índia
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Mario Luiz T. De Carvalho_Fotografia de Edinizio Ribeiro,1973

Previsão do Tempo
Marcos Valle_ODEON_ Design de Joel Cocchiararo,1973

Drama 3º Ato
Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de Geysa Adnet & Gê Alves Pinto_Fotografia de Tereza Eugênia,1973

Novos Baianos F.C.
Os Novos Baianos_CONTINENTAL_ Design de Galvão & Pedro De Moraes & Simone Cavalcante,1973

Tim Maia
Tim Maia_POLYDOR_ Fotografia de Ricardo De Vicq,1973

Todos os Olhos
Tom Zé_CONTINENTAL_ Design de Décio Pignatari & Reinaldo Moraes,1973

Trio Mocotó
Trio Mocotó_RGE_ Design de Guido Alberi,1973

Definitivamente
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_ Design de Gatefold Album,1974

Loki?
Arnaldo Baptista_PHILIPS_ Design de Fontana (Editora),1974

Temporada de Verão
Caetano Veloso & Gal Costa & Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de José Roberto Aguilar_Fotografia de Tereza Eugênia,1974

Cantar
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte_Fotografia de Tereza Eugênia,1974

Ao Vivo
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte e Aldo Luiz_Fotografia de Ricardo Jochen,1974

A Tábua de Esmeralda
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz,1974

Jorge Mautner
Jorge Mautner_POLYDOR_ Design de Rogério Duarte,1974

Marcos Valle
Marcos Valle_ODEON_ Design de Flavio D'Alincourt & Roberto Souza,1974

A Cena Muda
Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de Rodrigo Faour_Fotografia de Marisa Alvarez Lima,1974

Tudo Foi Feito Pelo Sol
Os Mutantes_SOM LIVRE_ Design de Vander C. S. & Deco,1974

Novos Baianos
Os Novos Baianos_CONTINENTAL_ Design de autor não identificado,1974

Vamos Pro Mundo
Os Novos Baianos_SOM LIVRE_ Design de autor não identificado,1974

Atrás do Porto Tem uma Cidade
Rita Lee_PHILIPS_ Design de autor não identificado,1974

Brasil Com "S"
Rogério Duprat_EMI_ Design de Flavio Faria,1974

Racional Vol. 1
Tim Maia_SEROMA_ Design de Tatiana Zanini,1974

Trio Mocotó
Trio Mocotó_ARLEQUIM_ Design de Nicolau_Fotografia de Oswaldo Micheloni,1974

Ossos do Ofício
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_ Design de Ney Tavora_Fotografia de Ivan Klingen,1975

Qualquer Coisa
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte,1975

Jóia
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Caetano Veloso,1975

Xangô Ogum
Gilberto Gil & Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Rogério Duarte,1975

Viramundo
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de autor não identificado,1975

Refazenda
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Rogério Duarte,1975

Solta o Pavão
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz,1975

À L'Olympia
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de autor não identificado,1975

Dal Vivo al Sistina
Jorge Ben_CBS_ Design de autor não identificado,1975

Buarque & Bethânia ao Vivo
Maria Bethânia & Chico Buarque_PHILIPS_ Design de Lobianco_Fotografia de Luiz Garrido,1975

Meu Primeiro Amor
Nara Leão_PHILIPS_ Design de Aldo Luizi,1975

Fruto Proibido
Rita Lee_SOM LIVRE_ Design de Jan Matula,1975

Racional Vol. 2
Tim Maia_SEROMA_ Design de Tatiana Zaniniv,1975

Doces Bárbaros
Caetano Veloso & Gilberto Gil & Gal Costa & Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Flávio Império,1976

Gal Canta Caymmi
Gal Costa_PHILIPS_ Design de Lobianco_Fotografia de Thereza Eugênia,1976

África Brasil
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Jorge Vianna,1976

Tropical
Jorge Ben_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Jorge Vianna,1976

Mil e Uma Noites de Bagdá
Jorge Mautner_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz_Fotografia de João Castrioto,1976

Pássaro Proibido
Maria Bethânia_PHILIPS_Design de autor não identificado,1976

Ao Vivo
Os Mutantes_SOMLIVRE_ Design de Deco,1976

Entradas e Bandeiras
Rita Lee_SOM LIVRE_ Design de Jan e Gustavo Matula,1976

Tim Maia
Tim Maia_POLYDOR_ Design de Aldo Luiz & Jorge Vianna,1976

Estudando o Samba
Tom Zé_CONTINENTAL_ Design de Walmir Teixeira,1976

Louvado Seja
Antonio Carlos & Jocafi_RCA_Design de autor não identificado,1977

Muitos Carnavais
Caetano Veloso_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Jorge Vianna,1977

Caras & Bocas
Gal Costa_PHILIPS_Design de autor não identificado,1977

Refestança
Gilberto Gil & Rita Lee_SOM LIVRE_ Design de Joel Cocchiararo,1977

Refavela
Gilberto Gil_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz & Jorge Vianna,1977

Pássaro da Manhã
Maria Bethânia_PHILIPS_ Design de Aldo Luiz,1977

Os Meus Amigos São um Barato
Nara Leão_PHILIPS_ Design de Jorge Vianna,1977

Praga De Baiano
Os Novos Baianos_TAPECAR_Design de autor não identificado,1977

Caia na Estrada e Perigas Ver
Os Novos Baianos_TAPECAR_ Design de Lula,1977

Tim Maia
Tim Maia_SOM LIVRE_ Design de Joel Cocchiararo,1977

Imagens de Arquivo:

Hulto Archive / Getty Images
Joshua Rashaad McFadden
Robert Abbott
Charles Moore
Bill Hudson
David Fenton
Bruce Davidson
UW - Archives
UI - Archives
U.S. National Archives and Records Administration
Philippe Vermès
Marc Riboud
Jacques Marie
Bruno Barbey
Reg Lancaster
Sipa Press/REX
Evandro Teixeira
Humberto Castelo Branco
Arquivo Nacional Brasileiro
Universal Images Group
Gonçalves
Arquivo / Agência O Globo
Arquivo / Agência Estado
Arquivo / Reprodução
Acervo UH / Folhapress
David Drew Zingg
Arquivo / Tropicália Doc
Arquivo / TV Record
Paulo Salomão
Elóis Corrêa
Arquivo / Revista Fatos e Fotos
Arquivo / Manchete
Oliver Perroy
Benedito Junqueira
Arquivo / Divulgação
Acervo Gilberto Gil
Thereza Eugênia
Arquivo / Estadão
Oskar
Pedro Martinelli
Acervo Nara Leão
Sérgio Zalis
Ricardo Teles
Hélio Oiticica
Arquivo / Tate
Acervo Artístico de Torquato Neto

Design e Fotografias de:

Rubens Gerchman
Gê Alves Pinto
Geysa Adnet
Ed Thrasher
Rogério Duarte
Galdino L. da Silva
Acy Lehman
Pedro Moraes
Frank Longo
Oficina Programação Visual
Lincoln Nogueira
Gian
Dircinho
Guido Alberi
Luiz Jasmin
Roberto Maia
Vicente Formiga
Cynira Arruda
Nicolau
Hélio Oiticica
Alexandre Souza Lima
Joel Cocchiararo
Cenyra Arruda
Estúdio 33
Ayssa Bastos
Licinio de Almeida
West Brothers Printers Limited
Nilo Jorge
Aldo Luiz
Tebaldo
Johnny Clamp
Linda Glover
Luciano Figueiredo
Oscar Ramos
Wilney
Jaques Avadis
Alain Voss
José Melo
Ricardo Cumptich
Rildo Hora
José Maria de Melo
Luciano Figueiredo
Óscar Ramos
Ivan Cardoso
Juarez Machado
Edinizio Ribeiro
Lucinda Rato
Juan Bernardo Arruabarrena
Rita Lee Jones
Grew
Galvão
Pedro de Moraes
Simone Cavalcante
Ricardo de Vicq
Décio Pignatari
Reinaldo Moraes
Gatefold Album
Fontana
José Roberto Aguilar
Ricardo Jochen
Flavio D'Alincourt
Roberto Souza
Rodrigo Faour
Marisa Alvarez Lima
Vander C.S.
Deco
Flavio Faria
Tatiana Zanini
Oswaldo Micheloni
Ney Tavora
Ivan Klingen
Caetano Veloso
Lobianco
Luiz Garrido
Jan Matula
Flávio Império
Jorge Vianna
João Castrioto
Gustavo Matula
Walmir Teixeira
Lula

Legado Estético do Tropicalismo

Corpo de texto a partir das obras:

Brutality Garden de Christopher Dunn, 2001
Verdade Tropical de Caetano Veloso, 2017

Design, curadoria e edição de José Filipe de Alexandre

Projeto com orientação de Prof. Ana Raposo

ESAD Matosinhos, 2020
Mestrado em Design de Comunicação

Impressão Norcópia - Casulo D'Imagens Lda